



ANDRÉ LUIZ FERREIRA DA SILVA

**POTENCIAL DIDÁTICO DE UMA UNIDADE DE
CONSERVAÇÃO: PERSPECTIVAS NO
CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL**

LAVRAS – MG

2014

ANDRÉ LUIZ FERREIRA DA SILVA

**POTENCIAL DIDÁTICO DE UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO:
PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora

Dra. Jacqueline Magalhães Alves

LAVRAS – MG

2014

**Ficha Catalográfica Elaborada pela Coordenadoria de Produtos e
Serviços da Biblioteca Universitária da UFLA**

Silva, André Luiz Ferreira da.

Potencial didático de uma unidade de conservação : perspectivas
no contexto da formação inicial / André Luiz Ferreira da Silva. –
Lavras : UFLA, 2014.

144 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Lavras, 2014.

Orientadora: Jacqueline Magalhães Alves.

Bibliografia.

1. Áreas protegidas. 2. Educação não-formal. 3. Recurso
pedagógico. I. Universidade Federal de Lavras. II. Título.

CDD – 372.357

ANDRÉ LUIZ FERREIRA DA SILVA

**POTENCIAL DIDÁTICO DE UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO:
PERSPECTIVAS NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO INICIAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADO em 13 de novembro de 2014.

Dr. Vanderlei Barbosa

UFLA

Dra. Adriana Barreto Lima Miranda

UFJF

Dra. Jacqueline Magalhães Alves
Orientadora

LAVRAS – MG

2014

DEDICO

Ao meu pai, Fabiano,
a minha mãe, Maria Ermínia e
a minha esposa, Cida Faleiro,
pelo grande incentivo e companheirismo.
A vocês, dedico e compartilho a realização deste sonho.
Peço desculpa pelos momentos de ausência.

AGRADECIMENTOS

A Deus, G.: A.: D.: U.:, pelo suporte espiritual. Por me abençoar diariamente, iluminando meu caminho e, principalmente, por ter colocado pessoas maravilhosas ao meu lado.

A minha Esposa e fiel escudeira, Cida Faleiro, pelo apoio dado nos momentos mais difíceis. Pela infinita paciência e carinho com que sempre me tratou e pelo esforço em me acompanhar.

Ao meu pai, Fabiano, e a minha mãe, Maria Ermínia, exemplos de pessoas, que me deram a oportunidade durante toda a minha vida de estudar. Obrigado por terem me apoiado em todos os momentos, sempre me incentivando e se orgulhando a cada pequena conquista. Essa vitória é nossa!

A minha família – pedra fundamental da sociedade – agradeço pelo apoio e incentivo constante de meus irmãos, cunhados e sobrinhos.

Aos amigos Ruzembergue e Marco Aurélio, pela presença, ajuda e amizade.

À orientadora e professora Jacqueline, agradeço por ter acreditado em mim, confiado em meu trabalho e pelo incentivo imprescindível para que várias conquistas fossem alcançadas.

Aos professores Bruno Monteiro e Adriana Barreto Lima, agradeço por aceitarem fazer parte da Banca Examinadora, contribuindo para a melhoria do meu trabalho e, também, por auxiliarem na minha formação.

À professora Rosângela Borém, agradeço pela amizade e compreensão. Peço desculpas pelos contratempos na reta final. Serei eternamente grato.

Ao professor Vanderlei, agradeço por ter aceitado fazer parte de minha Banca Examinadora.

Agradeço o carinho e a atenção de cada um dos docentes do Programa de Mestrado em Educação que contribuíram imensamente nesse processo de tornar-me pesquisador.

Às amigas de mestrado, em nome de Catarina, Silvia e Patrícia, agradeço pela amizade formada, pelos momentos de escuta. A vocês, todo respeito e admiração.

Aos meus alunos pesquisados, agradeço pela participação e apoio, com vocês também aprendi.

Aos meus irmãos de Loja, agradeço pela compreensão e incentivo constante pela busca da luz. Que o S.: A.: D.: U.: esteja sempre nos iluminando.

*O correr da vida embrulha tudo.
A vida é assim: esquentada e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.*

Guimarães Rosa

RESUMO

Hoje em dia, ao professor têm sido ofertados diversos mecanismos para sua formação inicial e continuada em relação ao processo ensino-aprendizagem, destacando-se, dentre as várias áreas fundamentais à educação, a temática socioambiental, sendo que para esse tema podemos nos valer de diferentes recursos e espaços formativos. No entanto, nota-se que muitos ainda não atinaram, por diferentes razões, para o uso de tais espaços. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo analisar como estudantes do Curso de Pedagogia, de uma instituição privada, reconhecem os ambientes não formais de educação, mais precisamente as Unidades de Conservação, como recursos pedagógicos de Educação Ambiental. A escolha de Unidade de Conservação decorre do contexto da Faculdade estudada, em região que conta com a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) de uso sustentável *Canoa-Vale dos Ipês*, de propriedade da ONG-ARPIA. Foram pesquisados, dentro do processo de formação inicial, concepções e significados construídos por um grupo de estudantes em pesquisa participante que incluiu visita a RPPN. A pesquisa se desenvolveu na abordagem qualitativa, tendo como método a Pesquisa-Ação. Os procedimentos de pesquisa que viabilizaram a consecução do objetivo pretendido foram: questionário, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, principalmente pós-visita. Os discentes participantes da pesquisa foram, inicialmente, convidados a participar, sendo o critério principal estar matriculado na disciplina de Metodologia de História e Geografia. A análise dos dados foi feita pelo método de Análise de Conteúdo, sendo esses dados codificados e separados em categorias. Nos resultados, foram encontrados proposições positivas e negativas, relacionados à postura do professor e da escola que se propõe a realizar atividades fora dos muros da escola, além de despertar para uma mudança de postura, podendo transformar criticamente o educando. Vale ressaltar que o processo desta pesquisa, assim como o ensinar e o trabalho docente se concretizam por meio da práxis referendada na reflexividade (ação-reflexão-ação). Sendo assim, estas práticas desenvolvidas nos espaços não formais, contribuem para o aprimoramento do aprendizado, auxiliando a educação formal, pois se concretiza na formação do sentimento de pertencimento e sensibilização acerca da importância de valorização do ambiente para o bem coletivo, além de preservar nosso maior patrimônio, que é a VIDA.

Palavras-chave: Áreas protegidas. Educação não formal. Recurso pedagógico.

ABSTRACT

Currently, many mechanisms of initial and continuous formation have been offered regarding the teaching-apprenticeship process, highlighting among many areas fundamental to education the socio-environmental thematic, being that, for this theme, we can use different resources and formative spaces. However, we note that many have not yet attained insight, for different reasons, for the use of such spaces. Therefore, this research had as objective analyzing, as students of a Pedagogy course of a private institution, the non-formal education environments, more precisely, the Conservation Units, as pedagogical resources for Environmental Education. The choice of Conservation Unit derives from the context of the studied College, in a region that counts on the Private Reserve Natural Heritage (PRNH) of sustainable use *Canoa-Vale dos Ipês*, property of the ONG-ARPIA. We researched, inside the initial formation process, conceptions and meanings constructed by a group of students in a participant research, which included a visit to the PRNH. The research was developed in a qualitative approach, using the Research-Action method. The procedures of the research that allowed the achievement of the intended objective were: questionnaire, documental research and semi-structured interviews, especially post-visit. The students participating in this research were initially invited to participate, using as main criteria being enrolled in the discipline of History and Geography Methodology. The data analysis was done using the Content Analysis method, with the data being coded and separated in categories. In the results, we found positive and negative propositions regarding the position of the teacher and of the school that proposes to perform activities outside of school walls, in addition to awakening a change in position, critically transforming the student. It is worth mentioning that the process of this research, as well as teaching and the teacher's work, are substantiated by the praxis endorsed in the reflectivity (action-reflection-action). Thus, these practices developed in the non-formal spaces contribute for the improvement of learning, aiding formal education, since it is substantiated in the formation of the feeling of belonging and awareness of the importance of valuing the environment for the common good, in addition to preserving our biggest heritage, which is life.

Keywords: Protected areas. Non-formal education. Pedagogical resource.

LISTAS DE QUADROS

Quadro 1	Categorias que emergiram após a análise dos dados.....	71
Quadro 2	Categorias que emergiram na análise de conteúdo.....	85
Quadro 3	Espaço de integração homem-natureza	87
Quadro 4	Práticas que geram o processo de conscientização.....	89
Quadro 5	Quadro de conteúdo 04 Espaço como recurso pedagógico	90
Quadro 6	Espaço RPPN despertar para outros recursos.....	91
Quadro 7	Práticas dentro do Espaço não formal	92
Quadro 8	Valorização do pensamento do aluno.....	93
Quadro 9	Discurso favorável às atividades práticas.....	93
Quadro 10	Dificuldades encontradas na legislação.....	94
Quadro 11	Dificuldades impostas pela família	95
Quadro 12	Dificuldades encontradas no professor.....	96
Quadro 13	Dificuldades determinadas pela escola.....	97
Quadro 14	Professor e posturas transformadoras.....	98
Quadro 15	Professor Técnico	99
Quadro 16	Dificuldades determinadas pela escola.....	100
Quadro 17	Representação sobre o Espaço Não Formal	101
Quadro 18	Papel do professor	102

LISTAS DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Idade dos Participantes	83
Gráfico 2	Gênero dos Discentes Participantes	83
Gráfico 3	Discentes que já lecionam.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARPIA	Associação Regional de Proteção e Integração Ambiental
CBC	Currículo Básico Comum
DCN	Diretriz Curricular Nacional
EA	Educação Ambiental
EE	Estação Ecológica
EF	Espaço Formal
ENF	Espaços Não Formais
FEOL	Fundação Educacional de Oliveira
ISEOL	Instituto Superior Educacional de Oliveira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONG	Organização Não Governamental
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNEA	Política Nacional de Educação Ambiental
PNMA	Política Nacional de Meio Ambiente
PPP	Projeto Político Pedagógico
RPPN	Reserva Particular do Patrimônio Natural
SEE	Secretaria de Estado da Educação
SNUC	Sistema Nacional de Unidades de Conservação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UC	Unidades de Conservação
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNICAMP	Universidade de Campinas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	Objetivos	19
2	A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO: O CASO DO PEDAGOGO	22
2.1	Educação Superior nos dias atuais	22
2.2	Curso de Pedagogia: história de formação no Brasil.....	26
2.3	Currículo Hegemônico - estrutura curricular dos Cursos Superiores na atualidade.....	28
3	A QUESTÃO AMBIENTAL E OS MECANISMOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	31
3.1	Fatores que resultaram no agravamento da questão ambiental..	31
3.2	Mecanismo para a formação do ser crítico.....	35
3.3	Educação Ambiental no Currículo Escolar	39
3.3.1	Parâmetros Curriculares Nacionais	39
3.3.2	Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA).....	42
3.3.3	Conteúdos Básicos Comuns.....	43
3.4	Formação Inicial de Professores	44
3.5	Educação Ambiental: instrumento de transformação social	47
3.6	O Educador dentro do processo de formação	52
4	PRÁTICAS E CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS EM ESPAÇOS FORA DA ESCOLA	55
4.1	Educação Não formal: conceito e importância.....	55
4.2	Educação Ambiental em Unidades de Conservação: exemplo de educação não formal.....	59
5	CAMINHOS METODOLÓGICOS	64
5.1	Referencial Metodológico	64
5.2	O “ <i>Corpus</i> ” e “ <i>locus</i> ” da Pesquisa	65
5.3	Métodos de pesquisa e coleta de dados.....	66
5.4	Método de análise dos dados.....	68
6	O CAMINHAR METODOLÓGICO - PROCESSO DE CONSTRUÇÃO	72
6.1	Pesquisa Bibliográfica.....	72
6.2	Os encontros	73
6.2.1	Questionários.....	74
6.2.2	Visita	75
6.2.3	Entrevistas	76
7	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
7.1	O curso de pedagogia na FEOL e perfil dos pesquisados.....	77
7.1.1	Histórico e características gerais: o “ <i>locus</i> ” da pesquisa	77

7.1.2	Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPP).....	78
7.1.3	Perfil sócio-profissional dos pesquisados	82
7.2	Resultados obtidos após análise utilizando a categorização.....	85
7.2.1	A relação das UC's com as Escolas durante o processo ensino-aprendizagem	86
7.2.1.1	Concepções sobre o espaço não formal	86
7.2.1.2	Práticas e conteúdos inovadores a partir do uso das UC's.....	91
7.2.1.3	Dificuldades quanto ao uso das UC's	93
7.2.2	Representações e significados construídos a partir do uso das Unidades de Conservação.....	97
7.2.2.1	Representações sobre os Professores e a Escola.....	97
7.2.2.2	Sentimentos e significados construídos sobre o espaço não formal	100
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
	REFERÊNCIAS.....	106
	ANEXOS.....	112

1 INTRODUÇÃO

Início esse texto acreditando, apesar da observação e registro da perda de muitos valores sociais na contemporaneidade, ser possível promover uma grande transformação social, que resulte em melhorias para todos. Com foco em tal concepção, procuro explicar os motivos que despertaram meu interesse em trabalhar com projetos relacionados à temática ambiental.

Tudo começou durante minha formação inicial, em 2001, e na formação continuada, em 2002, tornando-se crescente a partir da atuação como docente. Neste processo de formação, observei a importância da preservação de nossa história, representada pelo patrimônio histórico-cultural, que traz características de uma sociedade protegida por leis ambientais, por fazer parte do contexto do meio ambiente.

A partir deste aprimoramento profissional, hoje, perfazendo quase dez anos de profissão, pude desenvolver em sala de aula, o que foi aprendido na teoria. Diversos projetos foram desenvolvidos, em conjunto com outros docentes, cujo objetivo foi incentivar a valorização da história nacional e do patrimônio do nosso povo.

Até que em 2007, pelo destino profissional, me aproximei de uma instituição ambiental, não governamental, renomada, com mais de 15 anos de atuação em prol do meio ambiente e da sociedade. A luta árdua de preservação e conscientização do ser me fez observar que a luta pelo meio ambiente está, a cada dia, perdendo espaço, frente ao progresso econômico. Nesse contexto, observamos que os recursos naturais, tão escassos e comprometidos pela ação humana, carecem cada vez mais de uma atuação consciente da sociedade.

A degradação ambiental possui raízes históricas e ganha proporções maiores a partir do advento da Revolução Industrial, séculos XVI e XVII, períodos em que a classe dominante, de forma muito intensa, exerce domínio

sobre a natureza, destruindo-a. Tozoni-Reis (2008, p. 52) ressalta que “desde a Revolução Industrial, a atividade interventora e transformadora do homem em sua relação com a natureza vem se tornando cada vez mais predatória”.

Hoje em dia, observa-se o aumento desta ação do homem¹ sobre a natureza. Isso traz consequências visíveis na forma de desmatamento, poluição dos rios e lagos, uso intensivo de produtos químicos e produção exagerada de lixo, devido ao alto consumo de produtos industrializados. Tais ações constituem uma ameaça à biodiversidade, aumentando a problemática ambiental.

Diante de tal contexto, parte da sociedade contemporânea vem refletindo sobre suas ações, repensando sua postura diante do alarmante processo destrutivo da natureza. Essa reflexão tem conduzido a mudanças na *práxis*, refletindo um comprometimento mais sério com nosso bem maior: a VIDA.

Sendo assim, a Educação Ambiental surge como importante instrumento de transformação social. Em decorrência disso, discussões acaloradas têm ocupado espaços na comunidade acadêmica, apontando para a seguinte vertente: se bem conduzida, a Educação Ambiental pode amenizar os problemas de degradação da natureza.

Para isso, são necessárias ações com efetiva participação popular a fim de despertar a importância da natureza e a consciência de que o ser humano é parte do meio ambiente, devendo assim, preservá-lo. Nesse sentido, destaca-se a importância da conscientização, através da educação ambiental crítica e transformadora, pois, conforme ressalta Freire (2001), uma pedagogia da

¹ Pensar nesta ação do homem-natureza é reportar aos séculos XVI e XVII. Nesta ocasião o homem passou a avaliar o mundo como máquina morta e tornou-se superior, comandando e retirando dela o que fosse preciso. Hoje em dia, o homem, principalmente o ocidental, continua a se achar como ser superior aos demais e senhor da natureza, retirando ainda o que quiser sem se preocupar com as consequências, dentro deste processo foi acentuando, devido ao sistema econômico vigente, o capitalismo.

liberdade pode ativar o processo de conscientização, significando uma maior compreensão das estruturas sociais como modos da dominação e da violência.

Dentro deste processo de conscientização, quanto aos problemas encontrados no meio ambiente, o espaço formal – a escola – apresenta-se como primordial à reflexão e à difusão do conhecimento. Através dela haveria o compartilhamento de outros saberes, produzindo um conhecimento horizontal (FREIRE, 2001), que ressalta as diferentes visões e linguagens de mundo. Entretanto, muitas escolas sequer incorporaram ao seu cotidiano, conhecimentos e reflexões sobre o Meio Ambiente, conforme discussões ao longo dos anos 60 e 80, na Europa e EUA, e no Brasil, respectivamente, e que posteriormente foram apresentadas e propostas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), na Política Nacional de Educação Ambiental (BRASIL, 1999) e nas Diretrizes Curriculares para a Educação Ambiental (BRASIL, 2012).

Na realidade, registram-se ações isoladas com foco na questão ambiental, dentro de uma vertente preservacionista (GUIMARÃES, 2004). Exemplos disso são ações como aquelas desenvolvidas em eventos comemorativos (Dia da árvore, Dia do meio ambiente) ou atividades extracurriculares como Campanha do lixo e Caminhadas ecológicas, que, em geral, não recebem a devida contextualização. Consequentemente, perdem-se no vazio, já que essa contextualização *seria necessária para o real entendimento da problemática ambiental no cotidiano das comunidades escolares* (SOARES et al., 2012).

Em vista disso, como foco deste trabalho, voltamo-nos para o desenvolvimento de atividades de Educação Ambiental em espaços diferentes da escola, enfatizando principalmente a utilização de áreas protegidas.

A prática de atividades extracurriculares, que têm como foco o meio ambiente, deve ser incentivada em espaços de educação não formal, como parques e áreas naturais. A execução de práticas educativas em tais ambientes

pode aumentar a sensibilidade do discente em relação à natureza, despertando-lhe o desejo de preservá-los, enquanto patrimônios sociais.

O potencial transformador dessas ações desenvolvidas em ambientes de educação não formal, aliada ao desejo de contribuir com futuros docentes em relação a questões ambientais foi o fator propulsor para a realização do presente trabalho de pesquisa, apesar de, quanto à temática pesquisada², percebe-se que há pouca bibliografia.

O desenvolvimento de ações práticas fora da escola possibilita o processo de construção do aprendizado através da reflexão e da tomada de consciência. Tal conscientização deve gerar o desenvolvimento crítico e “esta conscientização não pode existir fora da *práxis*, ou melhor, sem o ato ação-reflexão” (FREIRE, 2001, p. 30).

Na função de professor/pesquisador observamos que, durante a formação inicial no Curso de Pedagogia, há o despreparo ou mesmo a falta de conhecimento científico dos discentes, quanto ao uso destes ambientes de educação não formal como recurso pedagógico. Outras questões também observadas são a falta de interesse e a resistência quanto à relevância e ao uso destes recursos, como o medo do novo e da burocracia. Tais adversidades requerem maior empenho do docente, devido às exigências e cobranças de diretores, supervisores, colegas de trabalho e pais. A partir destes pressupostos, surge o questionamento a respeito da atuação da escola e do professor no processo ensino-aprendizagem utilizando esses espaços.

Sendo assim, o principal questionamento feito nesse processo de pesquisa foi: “Como os estudantes do Curso de Pedagogia percebem, em sua

² Vale ressaltar que os trabalhos desenvolvidos por pesquisadores brasileiros, dentro da temática Educação Ambiental em áreas protegidas foram pouco encontrados, pois na maioria das vezes, observamos diversos trabalhos voltados para o estudo do turismo e fauna/flora ressaltados dentro das Unidades de Conservação. Neste caso, torna-se oportuno considerar a relevância acadêmica do tema pesquisado.

formação inicial, o desafio de utilizar ambientes educativos não formais, mais precisamente as Unidades de Conservação, como recursos pedagógicos de Educação Ambiental?”

1.1 Objetivos

Como objetivo geral deste trabalho, analisamos como os estudantes do Curso de Pedagogia, reconhecem os ambientes não formais, mais precisamente as Unidades de Conservação, como recursos pedagógicos de Educação Ambiental.

Como objetivos específicos, buscamos:

- a) identificar o tipo de abordagem formulado para a Educação Ambiental no Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia analisado;
- b) organizar e implementar atividades de Educação Ambiental, possibilitando aos estudantes reflexões sobre a importância da utilização de diversos espaços ambientais;
- c) identificar as concepções dos alunos do curso de Pedagogia sobre os fundamentos da Educação Ambiental, Educação Formal, Educação Não Formal e espaços ambientais;
- d) avaliar as descrições e as expectativas dos alunos do curso de Pedagogia, quanto aos significados construídos em relação aos ambientes de educação Não Formal;
- e) e introduzir uma reflexão sobre o tema em questão, no âmbito da formação inicial do pedagogo.

Pretende-se que os docentes participantes dessa pesquisa saibam utilizar de forma consciente e tranquila esses espaços como ferramentas pedagógicas essenciais ao processo ensino-aprendizagem. E através dessa construção interna, conscientes das responsabilidades acerca de um trabalho diferenciado, possam, com êxito, gerar conceitos para disseminarem ao longo de sua trajetória profissional.

Essa dissertação está organizada em sete capítulos. No primeiro capítulo é feita uma descrição do processo educacional, principalmente do Ensino Superior, destacando-se as características da dominação observadas, via currículo hegemônico³, pela classe “dominante” vigente.

No segundo capítulo, discute-se a problemática da questão ambiental vigente e o processo de formação do ser crítico, através da conscientização e importância da Educação Ambiental Crítica, observando-os como mecanismos de transformação social. Discute-se, também, a inclusão da Educação Ambiental no currículo escolar, conforme determinação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Política Nacional do Meio Ambiente. Diante de tal inclusão, qual é o perfil do educador responsável por ministrar a referida disciplina?

No terceiro capítulo, discutem-se questões relativas às práticas de ações relacionadas à Educação Ambiental nas Unidades de Conservação, primordiais à manutenção da biodiversidade.

O quarto capítulo ressalta o caminho metodológico percorrido nesta pesquisa, apresentando o local, o *corpus*, além dos encaminhamentos metodológicos que foram utilizados.

³ A organização de conteúdos para o ensino se deve aos currículos escolares. Neles, implicam escolhas baseadas no que se deve ou não aprender em um curso e/ou série. Nota-se que esse processo é caracterizado por implantações de poder da classe dominante vigente, devido ao sistema capitalista. Vale ressaltar que o currículo não se apresenta apenas em bases epistemológicas, mas também, em bases políticas, sociais e econômicas.

No quinto capítulo, demonstra-se o caminhar metodológico, demonstrando as fases executadas, definidas no andamento da pesquisa.

Os produtos da pesquisa estão apresentados e discutidos no sexto capítulo, através da Análise do Conteúdo⁴, cuja leitura poderá permitir a compreensão sobre as novas construções dos futuros docentes quanto à utilização dos ambientes de educação não formal e sua contribuição no processo ensino-aprendizagem.

Encerra-se com o sétimo capítulo, no qual se apresenta as Considerações Finais acerca deste estudo.

⁴ De acordo com Franco (2012, p. 10), a utilização deste instrumento de análise de dados, se faz necessário, por possuir “uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento”. Este processo apresenta-se de cunho descritivo e está apoiado no referencial teórico construído, possibilitando produzir inferências, a partir dos dados obtidos, através de perguntas e observações de interesse do pesquisador, tendo como base a valorização da contextualização do aluno.

2 A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO: O CASO DO PEDAGOGO

Objetivando maior visibilidade quanto à proposta do currículo hegemônico em relação à formação do ser crítico, além de contribuir para produção de conhecimento teórico-metodológico na área de meio ambiente, propusemos a construção de um quadro teórico em três eixos temáticos principais, que foram divididos em três capítulos.

No primeiro subcapítulo, aborda-se a atual estrutura do Ensino Superior, ressaltando a base inicial para a formação humanística, principalmente no curso de Pedagogia, além de demonstrar a base curricular do Ensino Superior. No segundo subcapítulo, demonstramos o processo de formação inicial do pedagogo e suas modificações durante os tempos. No terceiro subcapítulo, resalta-se a estrutura curricular hegemônica dos cursos superiores na atualidade, destacando suas características.

Nesse contexto fizemos uma reflexão crítica sobre a educação superior e seu currículo, baseando-nos principalmente em Libâneo (1993), Molon (2009) e Mora (2006), cujas teorias ressaltam a importância de transformações no sistema educacional, propondo que a formação do aluno não se pautasse somente no mercado de trabalho, mas também esteja focada na valorização de diversos aspectos do educando.

2.1 Educação Superior nos dias atuais

Observa-se que ao longo da história da educação no Brasil, muitas discussões surgiram devido às transformações ocorridas no sistema de Ensino Superior. Neste nível de ensino, surgiram representações características da

sociedade contemporânea⁵, ou seja, durante o processo de ensino-aprendizagem, o novo discente que forma, apresenta uma postura mais individualista, com o objetivo de obtenção, somente, de um diploma e não para o aprimoramento profissional, vindo a contribuir para a queda da qualidade do ensino.

Chauí (2001, p. 46) enfatiza que:

A universidade tem hoje um papel que alguns não querem desempenhar, mas que é determinante para a existência da própria universidade: criar incompetentes sociais e políticos, realizar com a cultura o que a empresa realiza com o trabalho, isto é, parcelar, fragmentar, limitar o conhecimento e impedir o pensamento, de modo a bloquear toda tentativa concreta de decisão, controle e participação, tanto no plano da produção material quanto no da produção intelectual. Se a universidade brasileira está em crise é simplesmente porque a reforma do ensino inverteu seu sentido e finalidade – em lugar de criar elites dirigentes, está destinada a adestrar mão de obra dócil para um mercado sempre incerto. E ela própria ainda não se sente bem treinada para isto, donde sua crise.

Partindo desta constatação, observa-se a importância das universidades quanto ao seu papel social, que é de apoio técnico e científico ao desenvolvimento cultural, social e econômico das sociedades. Consequentemente, as universidades devem estar articuladas ao projeto do país, congregando em suas pesquisas a busca de soluções quanto aos problemas socioambientais. Este espaço tornaria um importante centro de conscientização.

Mas, para que isso ocorra, as universidades devem propor modificações no comportamento do discente, formando-o para o humanismo⁶. Esta educação

⁵ De acordo com Guimarães (2000, p. 13) a sociedade contemporânea apresenta como característica marcante o consumo exagerado. O consumismo intenso valoriza a acumulação material, a competição exacerbada, o individualismo egoísta e vende uma ilusão alienante de crença na viabilidade desse modelo.

⁶ O movimento humanista teve representações em diferentes momentos históricos, na Antiguidade Clássica e no Renascimento. Tem, como concepção primordial, a valorização das ações humanas e valores morais como respeito, justiça, honra, amor,

humanista ou transformadora pode ajudar a todos, incentivando uma maior participação da sociedade nos processos social e político, além de diminuir o que Santos (2010) denomina de *pensamento abissal*⁷.

Ressalta-se que a postura hegemônica assumida no processo ensino-aprendizagem tem causado uma crise ética à sociedade, com constantes erros por desvio de conduta. Nota-se que o olhar econômico sobrepõe-se sobre todos os outros, sempre impulsionando o consumo excessivo imposto pelo capitalismo⁸. No cenário ambiental, por exemplo, a conduta assumida pelo ser humano, principalmente de forma consumista, tem levado à devastação.

De acordo com Mészáros (2011), a base desta devastação é o consumo excessivo, que se apresenta como uma condição do atual estágio do capitalismo, caracterizando-se como um sistema destrutivo e dominador, interferindo nos modos de ser e agir das pessoas, resultando numa crise ética na sociedade.

Como proposta para diminuição deste consumo excessivo, Mora (2006) propõe a realização de reformas no sistema educativo, com propostas de

liberdade e solidariedade. Dentro deste processo, deve-se estabelecer a formação crítica do ser humano, com a finalidade de gerar o ser coletivo socialmente, trazendo melhorias na condição de vida.

⁷ Boaventura de Sousa Santos (2010) ressalta que o pensamento abissal está relacionado à questão de dominação epistemológica. O autor ressalta que houve uma divisão do mundo em linhas invisíveis, sendo que estas linhas, também, conseguem separar saberes que a epistemologia do Norte, dominante, julga como úteis e inúteis. Esta é a base da discussão proposta pelo autor denominada como pensamento abissal, que tem como características manter esta epistemologia hegemônica nortista, negando práticas sulistas.

⁸ O sistema capitalista surge na Idade Média com o surgimento do capital, sendo que, a sua aquisição demonstrava fonte de poder perante a sociedade, hoje em dia, não é diferente. O capitalismo contemporâneo prega concepções voltadas para a dominação econômica e colonial, além de cultural e política. Mas, podemos ressaltar que esta dominação colonial é igualmente uma dominação epistemológica, vindo a se concretizar em uma relação acentuada entre saberes sociais, levando os saberes peculiares de povos e nações a serem suprimidos e/ou inferiorizados. Nota-se, também, que a relação deste sistema com a questão ambiental não caracteriza a sua falha, mas, paradoxalmente, pode ser considerada fruto de seu êxito, pois fortaleceu a dominação da natureza, com a finalidade mercadológica.

construir um ser crítico ao invés de alienado. Esta transformação deve ocorrer dentro do ensino formal, informal e até mesmo do não formal⁹, e nos currículos escolares, pois as universidades, hoje em dia, têm a preocupação com a formação de profissionais para o mercado de trabalho. Libâneo (1993) ressalta que esta expropriação da sociedade capitalista, dentro do sistema educacional, tem como objetivo a capacitação das pessoas para o mercado de trabalho, baseando na formação de um ser inconsciente por suas ações, principalmente, sobre a questão ambiental.

A sociedade industrial e tecnológica estabelece (cientificamente) as metas econômicas, sociais e políticas, a sociedade treina (também cientificamente) nos alunos os comportamentos de ajustamento a essas metas [...] a educação é um recurso tecnológico por excelência. Ela é encarada como um instrumento capaz de promover, sem contradição, o desenvolvimento econômico pela qualificação da mão de obra, pela redistribuição da renda, pela maximização da produção e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento da 'consciência política' indispensável à manutenção do Estado autoritário [...] a escola atua, assim, no aperfeiçoamento da ordem social vigente (o sistema capitalista), articulando-se diretamente com o sistema produtivo [...] seu interesse imediato é o de produzir indivíduos 'competentes' para o mercado de trabalho (LIBÂNEO, 1993, p. 61).

Esta expropriação da formação do ser para o mercado de trabalho, deve ser modificada. Portanto, hoje, as universidades devem valorizar o discente que

⁹ De acordo com Gohn (2006), a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal que é aquela que se aprende "no mundo da vida", via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos. Jacobucci (2008, p. 57), de forma sintética, ressalta que se pode dizer que os espaços formais de Educação referem-se a Instituições Educacionais, enquanto que os espaços não formais relacionam-se com Instituições cuja função básica não é a Educação formal e com lugares não institucionalizados.

esta em busca do seu aprimoramento profissional, observando e concretizando, assim, o seu papel social.

Neste processo, as universidades não devem preocupar apenas com a produção de conhecimentos mas, deve-se partir para uma formação humanística. Sendo assim, pode-se reverter o quadro, objetivando a formação de seres críticos, com propostas de mudanças para o bem coletivo.

Esta mudança pode ser maior se concretizar, também, com a formação do pedagogo/professor nestas mesmas características, pois, poderão ocorrer mudanças de postura dos discentes no contexto inicial, quanto ao seu papel dentro da sociedade, além de repassarem, posteriormente, para os estudantes, que lecionarão.

2.2 Curso de Pedagogia: história de formação no Brasil

Considera-se que na Grécia Antiga foi onde surgiu o termo pedagogia. Isto se deve ao fato, pelo início das primeiras ideias sobre a ação pedagógica, vinculando, assim, a imagem do Pedagogo à formação das crianças. Neste período, a formação era para a formação humanística baseada na filosofia; e para a participação na vida política como cidadão.

Em Roma, a educação teve caráter familiar e civil. Dentro deste processo na família, o pai tinha o papel central, mas a mãe, era valorizada como *mater*, portanto reconhecida como sujeito educativo, que controlava a educação dos filhos.

Durante a Idade Média, com as mudanças ocorridas no quadro social e político, devido ao feudalismo, forma-se uma educação voltada para o processo religioso, objetivando a propagação da fé.

No final do século XIX e princípio do século XX, surgem discussões ressaltando o desenvolvimento e aprendizagem da criança, levando ao surgimento de um grande número de profissionais (SAVIANI, 2012).

No restante do século XX, o processo pedagógico se institucionalizou como campo de conhecimento científico e profissional, sendo a formação para o exercício docente, a licenciatura, passou a ocorrer nas Universidades em cursos superiores.

No Brasil, através do Decreto nº 1.190/39, a Pedagogia surge com caráter científico. Este processo passou a ser estruturado por duas bases formativas, unidas no mesmo curso: a pedagogia e a didática.

No ano de 1962, altera-se a estrutura do curso de Pedagogia, a partir do Parecer nº 251/1962. Neste processo, o curso passou a ser de quatro anos, com a formação no bacharelado e na licenciatura (SAVIANI, 2012).

Com a Lei nº 5.540, de 1968, surgem novas mudanças. Ficou estabelecido que o título adquirido pelo aluno de Pedagogia seria o de licenciado. Para aprimoramento profissional, no currículo, seria acrescentada a matéria de didática, objetivando melhor suporte para os alunos sobre a metodologia de ensino. Outra modificação curricular é quanto à duração do curso, sendo eliminado o regime seriado, introduzindo a matrícula por disciplina e o regime de créditos, ambos feitos por semestres. Foi acrescentada, também, a prática do estágio supervisionado obrigatório (SAVIANI, 2012).

Com a regulamentação e aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei Nº 9.394/96, e as Novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) novas alterações foram implementadas. Dentre as principais modificações está a introdução das habilitações, como Orientação, Administração, Supervisão e Inspeção escolar, além de professor.

Um ponto importante observado na DCN do curso de Pedagogia está estabelecido em seu artigo 5º, que é a formação do Pedagogo para a atuação em

espaços não escolares. Dentro deste processo, há uma necessidade, do empenho durante a formação inicial do Pedagogo, para atuação em diversas modalidades do processo educativo, com o objetivo de ampliar o campo de trabalho, principalmente em atividades fora da escola.

Entretanto, um importante registro merece ser enfatizado: a queda na quantidade de discentes do Curso de Pedagogia e de outras licenciaturas. Essa realidade pode ser consequência da desvalorização da profissão que, segundo Cunha (2006), deve-se ao não reconhecimento por parte da sociedade.

Outra questão que merece ser ressaltada é a formação do futuro docente focada no mercado de trabalho. Isso contribui para a formação de um profissional desqualificado, descaracterizando totalmente o objetivo proposto na Grécia Antiga.

E no atual contexto do processo ensino-aprendizagem, pode-se registrar uma constatação preocupante: uma apropriação não reflexiva, tanto por parte dos educandos quanto por parte dos educadores. Esta situação deve estar relacionada ao processo formativo do profissional da educação.

2.3 Currículo Hegemônico - estrutura curricular dos Cursos Superiores na atualidade

Dentro do processo ensino-aprendizagem, percebe-se um importante instrumento de auxílio para o professor, que visa o planejamento e a organização do conteúdo a ser utilizado. Este instrumento é o “currículo escolar” que deve ter como base para sua elaboração, a valorização e observação da experiência do educando.

Molon (2009) destaca que o processo educativo é muito importante na formação do indivíduo, desde que sejam valorizados diversos aspectos do educando.

A educação é fundamentalmente política, isso significa que é um processo permanente e coletivo, inserido em um contexto que se apresenta cotidianamente, a partir do qual o fazer, o pensar e o sentir devem estar imbricados na práxis, possibilitando a transformação da realidade e da vida. E para educar, deve-se considerar o homem na sua totalidade, tanto nos aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais, considerando-se que ele faz parte da natureza, que se relaciona com os outros, com o mundo, com as outras espécies e com o planeta (MOLON, 2009, p. 162).

Nota-se que, valorizando a experiência e a vivência do aluno, os objetivos do processo ensino-aprendizagem podem ser atingidos com mais facilidade, pois resultará do seu contexto histórico.

Mas, atualmente, percebe-se o desprezo desta vivência na elaboração dos currículos escolares, vindo a deixar de lado os estudantes que muito podem contribuir para o futuro do nosso país, levando-os a se apresentarem como minoritários. Isto se deve ao fato de que a maioria dos currículos escolares propõe representações do contexto sociocultural da classe dominante.

Santos (1999) ressalta que a formação universitária está baseada em um processo hegemônico, proposto pela classe dominante. Segundo o autor, devido a este processo de dominação curricular e à não concretização, pelas universidades do seu papel social, não há a criação de propostas para contrapor a massificação. Para o autor esta crise está associada à

contradição entre a produção de alta cultura e de conhecimentos exemplares necessários à formação de elites, de que a universidade se tem vindo a ocupar desde a idade média, e a produção de padrões culturais médios e de conhecimentos úteis para as tarefas de transformação social e nomeadamente para a formação da força de trabalho qualificada exigida pelo desenvolvimento industrial (SANTOS, 1999, p. 114).

Para diminuir e controlar este processo de dominação, devem-se criar mecanismos de ensino de cunho emancipador e transformador, com propostas de modificação da estrutura curricular de ensino. Com esta modificação curricular, os futuros profissionais da educação terão uma formação mais crítica e política, rompendo com a tendência hegemônica, que prega uma postura menos atuante do educador frente aos problemas coletivos.

Nesta situação, deve-se, também, desde já, incentivar os futuros profissionais da educação, a desafiar o que é estabelecido. Deve-se propor uma reorganização dos currículos escolares, repensando e gerando propostas para que ocorram as transformações sociais.

Portanto, percebe-se a importância na formação do futuro profissional da educação nas universidades, com o intuito de gerar novos mecanismos com propostas transformadoras da sociedade, levando à diminuição da diferença de classes, reintegrando e despertando esta minoria que se encontra excluída, para que possamos minimizar os conflitos e desigualdades sociais, além de resguardar nosso patrimônio ambiental e histórico-cultural.

3 A QUESTÃO AMBIENTAL E OS MECANISMOS DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Quem me dera ao menos uma vez que o mais simples fosse visto como o mais importante (...) acreditar que o mundo é perfeito e que todas as pessoas são felizes. Renato Russo

Nesse capítulo, buscamos refletir sobre os fatores que resultaram em uma proposta de EA dentro da formação de professores, constituindo-se uma temática mobilizadora de transformação social no processo ensino-aprendizagem.

Para tanto, recorreremos a autores como Freire (2001), Gadotti (2000) e Iasi (1999), que abordam as concepções do processo de conscientização, ressaltando caminhos a serem percorridos. Discutimos também a legislação e as cobranças sobre esse mecanismo; a importância do professor reflexivo, categorizado por Schön e discutido por Pimenta e Ghedin (2012); o conceito de Educação Ambiental Crítica e sua importância, discutida por diversos autores, além de ressaltar a importância de um profissional cuja formação auxiliará na busca de transformação social.

3.1 Fatores que resultaram no agravamento da questão ambiental

Percebe-se na atualidade um ritmo acelerado de mudança social, devido a conflitos de valores, formando uma consciência individual¹⁰, pois o homem tem deixado de se sentir integrado com o todo, se afastando, assim, da natureza

¹⁰ A individualização, segundo Guimarães (2000, p. 12), chegou ao extremo do individualismo. O ser humano, totalmente desintegrado do todo, não percebe mais as relações de equilíbrio da natureza, causando a desarmonia com o ambiente e grandes desequilíbrios ambientais. Este processo gera dominação, sendo parte da lógica da sociedade moderna, objetivando o crescimento econômico baseado na extração ilimitada de recursos naturais e na acumulação de capitais.

(GUIMARÃES, 2000). Dentro deste processo encontramos com muita frequência o homem alienado pelo sistema capitalista. Gadotti (2000, p. 82) ressalta que “o potencial destrutivo gerado pelo desenvolvimento capitalista o colocou numa posição negativa frente à natureza”. Para o autor, o capitalismo aumentou mais a capacidade de destruição da humanidade do que o seu bem-estar.

Esta alienação é caracterizada pelo excesso de trabalho, pois ocorre a exploração da força de trabalho. Com esta exploração capitalista do trabalho, os homens tornam-se meros autômatos e não sujeitos de sua própria história, causando uma desumanização, uma falta de consciência da própria situação em que se encontra.

Muitos autores relacionam este pensamento marxista, em que o processo de alienação foi muito ressaltado, como sendo a base da relação homem-natureza.

Para Pires (1997), o materialismo histórico dialético¹¹, proposto por Marx, como método de interpretação, com o objetivo de instrumentalizá-lo para o conhecimento da realidade, seria o principal método de análise do desenvolvimento capitalista.

Segundo Benite (2009), a dialética como conceito, Marx conservou de Hegel. Para Marx, a produção da realidade se deve a contradição, estabelecida entre homens reais em condições históricas e sociais reais, conhecida como luta de classes.

Pires (1997, p. 87) ressalta que:

¹¹ O materialismo histórico-dialético é o método de interpretação da realidade, visão de mundo e práxis. Marx buscou dar-lhe caráter material (os homens organizam-se em sociedade para a produção e a reprodução da vida) e histórico (como eles se organizam através da história) (TOZONI-REIS, 2008, p. 13). O materialismo histórico-dialético é a tentativa que se fez, pelo movimento do pensamento, através da materialidade histórica e da vida dos homens em sociedade, de descobrir as leis fundamentais que definem a forma dos homens de se organizarem através da história da humanidade (PIRES, 1997, p. 87).

o princípio da contradição, presente nesta lógica, indica que para pensar a realidade é possível aceitar a contradição, caminhar por ela e aprender o que dela é essencial. Neste caminho lógico, movimentar o pensamento significa refletir sobre a realidade partindo do empírico (a realidade dada, o real aparente, o objeto assim como ele se apresenta á primeira vista) e, por meio de abstrações (elaboraões do pensamento, reflexões, teoria), chegar ao concreto: compreensão mais elaborada do que há de essencial do objeto (PIRES, 1997, p. 87).

Nesta condição, a dialética marxista, segundo Benite (2009, p. 6), “é materialista, de base social, e não idealista. Na qual são estabelecidas por relações de produção, sistema relacionado a condições materiais de existência e ao modo como pensam e interpretam essas relações.”

Sendo assim, esta materialidade histórica pode ser compreendida pelo trabalho, pois o trabalhador não dispendo da posse dos meios de produção e sendo explorado em sua força de trabalho, acaba se situando alheio ao processo de produção, tornando-se submisso a ele sem ver outra saída.

Para Tozoni-Reis (2008, p. 28),

os fatores políticos e econômicos, também, são indicados como fatores determinantes dos problemas ambientais. Entre esses fatores identificamos a ideia de que o “modelo econômico” da sociedade atual produz cada vez mais necessidades e, na busca das formas de satisfazê-las, esgotam-se os recursos naturais. Tudo praticado pelo desenvolvimento tecnológico, na sociedade moderna, transformando a tecnologia de valor de uso em valor de troca. Causando a ruptura do homem com a natureza.

Essa transformação gerou um sentimento de domínio sobre a natureza, conduzindo à sociedade de consumo. Isso possibilita a construção e fortalecimento das identidades individuais e sociais por meio da aquisição de

bens (ZACARIAS, 2009). O referido autor ressalta ainda que a sociedade contemporânea apresenta-se como “ideologizada”¹² pelo consumo.

Esta sociedade tem gerado o aumento do consumo, grande responsável pelo crescimento do volume de resíduos, representando um grande problema para a qualidade ambiental das cidades. Esse volume exagerado de resíduos não é facilmente absorvido pelo solo, danificando, assim, o meio ambiente.

Sendo assim, percebe-se que o trabalho como atividade vital da ação humana continua a ser o mediador da relação do homem com a natureza, e a partir desta relação, contribuiu para o atual estágio de degradação. Uma degradação ambiental, que além de resultar do aumento da produção e consumo, vem marginalizando grande parcela da população, gerando a defesa da sobrevivência a qualquer custo.

Para que os seres humanos ajam como integrantes da natureza sem a pretensão de dominá-la, deve-se propor uma nova ética, cujo foco esteja voltado para o ser atuante pelo processo de conscientização.

Tozoni-Reis (2008, p. 36) ressalta “o importante papel da educação dentro deste processo de tornar o ser humano mais consciente. E que para solucionar os problemas ambientais, a educação apresenta-se como processo de conscientização”.

Esta educação deveria possibilitar aos humanos reconhecer os seus problemas e, assim, obter coragem para lutar, gerando maior participação democrática dos estudantes, enquanto seres humanos, sujeitos da aprendizagem.

¹² Sociedade ideologizada – sociedade que fica a mercê do processo produtivo, através de artimanhas, como a estética da mercadoria, e esta sucumbe o valor de uso das mercadorias ao valor de troca (ZACARIAS, 2009, p. 120). Propõe uma ideologia que satura o conjunto das relações sociais, impingindo uma total subordinação das necessidades à reprodução do valor de troca. Para que essa ideologização aconteça, o capitalismo não mede esforços nem lhe falta criatividade. São utilizadas técnicas, com o objetivo de impor todos os valores do capital, levando os indivíduos a acreditarem que não existe outro jeito possível de organizar a sociedade (ZACARIAS, 2009, p. 137).

3.2 Mecanismo para a formação do ser crítico

Falar do termo conscientização no Brasil é reportar às bases da Educação Popular. Tendo como suporte uma educação libertadora com o objetivo de um ensino com características para as transformações sociais. Esta proposta de educação libertadora, seria contrária à educação capitalista¹³.

Este termo educação libertadora surgiu com Paulo Freire e foi utilizado em diversas de suas obras. Esta educação tem características de uma educação que possibilita a “libertação das pessoas da lógica dominadora” (FREIRE, 2001, p. 35), predominante na ordem social vigente.

Na década de 70, no sertão nordestino, Freire estabelece uma nova proposta de educação, com o objetivo de alfabetização de jovens e adultos, embasada na prática voltada para a conscientização. Esta conscientização visava à reivindicação e à luta por melhorias para a sociedade, pois, Freire observou a realidade dos indivíduos, percebendo que o analfabetismo era o que mais precisava ser trabalhado. Pensava em uma proposta de reforma educacional, “entendia que através da educação seria possível ampliar a participação consistente das massas e levar à sua organização crescente” (GADOTTI, 2000, p. 124).

Para concretizar esse processo de ensino, Freire ressalta o diálogo crítico, método diferente do proposto pela elite, que tem características verticais, pois é determinado pela “classe superior”. Neste método vertical, o educando é impedido de se expressar, transformando o aluno em mero espectador obediente. Com o diálogo crítico, Freire (2001) estabelece uma relação contra a hegemonia elitista, pois este método possui um formato horizontal, com propostas de

¹³ Este sistema educacional capitalista gera cidadãos passivos e submissos, porque não propõe o desenvolvimento do senso crítico do indivíduo (FREIRE, 2001).

melhorias sociais, partindo da realidade e experiência do educando, além de gerar o conhecimento e a reflexão.

A utilização desta prática dialógica resultaria na construção de novos saberes e novas perspectivas, além de novos modos de perceber o mundo. Dentro deste processo, a educação pode apresentar-se como “desmistificadora do contexto” (FREIRE, 2001, p. 35), permitindo a valorização das diversidades culturais encontradas na sociedade, bem como estreitar os elos da identidade e formar o sentimento do pertencimento do contexto.

Mas, para concretizar este método, Freire (2001) ressalta sobre a importância de o homem conhecer a realidade na qual está inserido, adquirindo, a partir daí, uma consciência crítica, para depois transformá-la. Freire (2001, p. 40) destaca que:

A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que ela é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo, provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação.

Segundo Gadotti (1996), a consciência crítica contribui para o desenrolar do processo do pensamento, mas deve sempre estar associada à realidade vivida. Compreendendo a realidade em seu contexto, percebe-se que ela pode ser passível de mudança, através da crítica e da compreensão do que ela significa para nós.

Com esta compreensão poderá haver participação democrática dos educandos, além da transformação social. Sendo assim, Freire (2001) ressalta a importância da participação do aluno, como sujeito, dentro deste processo de transformação estrutural da sociedade.

Freire (2001, p. 30) ressalta que:

A conscientização implica, pois, que ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais “dês-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo.

Freire (2001) enfatiza ainda que a consciência não está separada do mundo; ela é constituída na relação consciência com o mundo, pautada na apreensão da realidade em que os sujeitos estão inseridos. Iasi (1999) corrobora com Freire quando ressalta a construção da ação, a partir da observação da realidade. Neste caso, o autor exemplifica sobre a consciência em si, que resulta da reflexão da realidade opressora de um grupo, que está em constante conflito com outros, com o objetivo da transformação.

Este processo de compreensão da realidade pode não ocorrer de início, pois neste estágio, a pessoa se encontra num estado de “não consciência”¹⁴ (IASI, 1999, p. 14). Mas, a partir do momento em que o homem se sentir como parte da realidade, conhecendo-a, refletindo e percebendo conflitos e desafios que o rodeiam, além de não serem vistos apenas como objeto (não sendo sujeito), o homem pode amadurecer e superar os impasses do contexto que relaciona. Conforme Iasi (1999), o processo de consciência é construído por cada indivíduo e aprimorado aos poucos.

No processo educacional, segundo Iasi (1999), a sociedade se torna submissa por achar que as relações preestabelecidas são normais, não nos atinando criticamente. O autor ressalta que as pessoas são transformadas em cidadãos disciplinados e a consciência expressada tem características de alienação, caracterizada como estágio de “não consciência”.

¹⁴ Iasi (1999, p. 14) ressalta que este estado de “não consciência” determina a postura do indivíduo, antes de adquirir de fato a consciência, pois é adquirida aos poucos, não é algo dado.

Neste sentido, o educador tem um papel importante valorizando os saberes, pois como ressalta Freire (2010), os saberes e conhecimentos são incompletos, sendo aprimorados ou conhecidos a partir de uma relação dialógica, que representa um nível de consciência, o qual conduz o ser a ter uma responsabilidade política e social. Mas, para que isto ocorra, deve-se incentivar a participação efetiva e consciente dos sujeitos; caso contrário não se atingirá a transformação social almejada.

Segundo Freire (2014), a educação é um ato político, e como tal, deve incentivar o homem à reflexão sobre os conflitos e problemas dentro do seu contexto, com o objetivo de promover sua “libertação”. Isto se diferencia da proposta hegemônica do sistema de ensino capitalista, que nos mantém acomodados, frente às injustiças sociais. Esta seria a educação domesticada e/ou bancária que nos ensina a dar respostas e todo conhecimento é depositado no “educando” (FREIRE, 2014). Portanto, o educador deve gerar maior compreensão e oportunidade de reflexão para os educandos, que são induzidos a uma memorização sem questionamento. Segundo o autor, a memorização não forma, somente molda.

Este processo de conscientização pode gerar instrumentos para a sensibilização, participação e responsabilidade, além de modificar atitudes e comportamentos para a aquisição de valores. Além de se igualar aos princípios estabelecidos pela Educação Ambiental, pregando ainda a construção da cidadania para que haja a transformação social. Molon (2009, p. 159) ressalta que:

Os princípios da Educação Ambiental fundamentados no diálogo, na solidariedade, na construção da cidadania, na luta e no reconhecimento da participação são considerados essenciais na transformação das relações sociais e na conquista de uma sociedade com mais justiça, preocupada com a justiça ambiental e, sobretudo com menos desigualdade social.

Sobre a temática da EA, percebe-se que existe uma legislação específica, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei nº 9.795/99, da Política Nacional da Educação Ambiental, que estabelece quanto à implementação dentro dos currículos escolares. Mas, para que isso ocorra, os educadores devem refletir acerca das ações implementadas no cotidiano da escola, partindo do viés Meio Ambiente, utilizando-o como tema transversal, conforme estabelecido nos PCN's. A partir daí, possibilitar o desenvolvimento de uma proposta crítica, por inserir o professor no processo de autoconstrução do conhecimento.

3.3 Educação Ambiental no Currículo Escolar

Desde a década de 1970, com o aumento das discussões sobre a temática da Educação Ambiental, surgiram instrumentos legislativos, que determinam a forma de trabalho da temática nas escolas brasileiras. Mas, mesmo com determinação de lei, observam-se resistências quanto à sua implementação.

Dentre estes instrumentos, podemos citar os Parâmetros Curriculares Nacionais, principalmente, o Tema Transversal Meio Ambiente, a Política Nacional de Educação Ambiental e o Currículo Básico Comum (MINAS GERAIS, 2008). Pesquisamos esses documentos a fim de encontrar e analisar designações quanto ao trabalho da temática Meio Ambiente, particularmente, para o espaço das salas de aulas.

3.3.1 Parâmetros Curriculares Nacionais

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) foram criados no ano de 1996, pelo Ministério da Educação, instituindo-o como um importante instrumento legislativo. Os artigos que o compõe se baseiam na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

Segundo Boton (2010, p. 43), o PCN:

Surge como proposta de estabelecer diretrizes para o currículo do Ensino Fundamental servindo como referência nacional para a prática educacional e ações políticas no âmbito da educação, além de reafirmar a responsabilidade do Estado com o Ensino Fundamental.

Os PCNs surgiram com a proposta de trabalhar algumas temáticas, que ficaram conhecidas como Temas Transversais, que têm como objetivo apresentar uma melhor compreensão da realidade e da participação social.

Nota-se que o trabalho com a temática Meio Ambiente tem como base a formação da cidadania e geração de participantes ativos na vida coletiva, através da reflexão crítica. De acordo com os PCNs, esta temática tem como objetivo: formar um ser consciente e um agente transformador do ambiente, do seu entorno (BRASIL, 1997, p. 30). Sendo assim, o papel do professor, dentro deste processo, torna-se importante, pois pode promover a transformação, desenvolvendo uma postura crítica nos alunos, diante da realidade, de informações e valores veiculados pela mídia e daqueles trazidos de casa (BRASIL, 1997).

Todo o trabalho desenvolvido com as temáticas deve ser feito de forma interdisciplinar, não havendo a necessidade de criação de novas disciplinas. Este trabalho deverá estar integrado ao currículo, através da transversalidade, de modo a criar uma visão global e abrangente da questão ambiental (BRASIL, 1997).

Uma das questões que tem suscitado inúmeros debates no meio acadêmico quando se considera a inserção da Educação Ambiental no Ensino Fundamental é a questão da disciplinarização. Alguns autores como Jacobi (2007), Narcizo (2009), Oliveira (2002) e Tristão (2004) defendem os temas

transversais como a única forma possível do trabalho da temática, sendo contra qualquer forma de organização disciplinar.

Para Tristão (2004, p. 47), “a abordagem interdisciplinar da educação ambiental suscita uma compreensão da realidade de modo tão complexo que, quanto mais descobrimos, mais nos damos conta da nossa limitação”. Jacobi (2007) ressalta a importância e os desafios da interdisciplinaridade, pois o trabalho de forma interdisciplinar promove a interação entre as disciplinas, com o objetivo de não compartimentar, conforme é observado durante o processo de ensino.

Neste caso, Narcizo (2009) ressalta que é possível trabalhar de forma interdisciplinar e de forma transversal, com o objetivo de fomentar a criatividade e o raciocínio dos alunos, através de atividades dinâmicas e participativas, unindo teoria à prática.

Por outro lado, Oliveira (2002) aponta que a existência de um profissional específico para atuar em uma disciplina escolar explicitamente voltada para a Educação Ambiental, tenderia a um maior desinteresse dos outros professores em trabalhar a temática nas demais disciplinas escolares.

Outros autores apresentam-se contrários ao trabalho da temática ambiental como Tema Transversal, defendendo-a como disciplina específica. Botton et al. (2010, p. 48) ressaltam que, como Tema Transversal, a EA acaba se tornando “órfã no embate das disciplinas”, pois o aluno tende a priorizar outras matérias que compõem os currículos, deixando a temática ambiental para um segundo plano.

Nota-se que ao integralizar a temática ambiental, como propõe os PCNs, os conteúdos de ensino, podem-se contemplar aspectos importantes, como físico, histórico, social, econômico e político, relacionando-os à realidade do educando. Trabalhando, assim, neste formato pode-se atingir um dos princípios básicos da EA, que é a formação do cidadão crítico, consciente e mais

participante, dentro da sua realidade social, pensando assim, na melhoria de sua sociedade. Portanto, Layrargues (2002 apud QUINTAS, 2009, p. 66) ressalta que:

é importante considerar a educação ambiental como um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos socioambientais. Busca uma estratégia pedagógica do enfrentamento de tais conflitos a partir de meios coletivos de exercício da cidadania.

3.3.2 Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA)

Outro mecanismo legislativo criado com o objetivo de cobrar a implementação da temática Meio Ambiente, através da Educação Ambiental nas escolas é a Lei nº 9.795/1999 – que regulamenta a Política Nacional de Educação Ambiental - PNEA (BRASIL, 1999).

A Lei nº 9.795/99 é composta de quatro capítulos e vinte e um artigos, tendo como base a proposta de regulamentação e formulação da temática ambiental. Nesta Lei, em seu artigo 2º, estabelece que deve ser trabalhado a Educação Ambiental (EA) em todos os níveis de ensino, além de aumentar a área de ação, utilizando os espaços formais e não formais.

Em seu artigo 9º, ressalta que a educação ambiental deve ser desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino. E em seu artigo 11, ressalta a importância de constar nos currículos de formação de professores, em todos os níveis, além de ter incorporado conteúdo que trate da ética ambiental.

Sendo assim, podemos observar que a incorporação da temática ambiental já na formação profissional, pode-se aprimorar o conhecimento do educador, para que este desenvolva uma consciência para os seus educandos.

Portanto, para que os objetivos dessa educação transformadora se concretizem, faz-se necessária a promoção de mudanças no processo de formação inicial dos futuros profissionais da educação. Tais mudanças devem conduzir o professor a assumir uma nova postura, conscientizando-o quanto à importância de seu papel frente às transformações sociais.

3.3.3 Conteúdos Básicos Comuns

No Estado de Minas Gerais, a partir do ano de 2008, foi estabelecido um mecanismo de auxílio ao docente, com vistas a aprimorar

os conhecimentos, as habilidades e competências a serem adquiridos pelos alunos na educação básica, bem como as metas a serem alcançadas pelo professor a cada ano, [...], condição indispensável para o sucesso de todo sistema escolar que pretenda oferecer serviços educacionais de qualidade à população (MINAS GERAIS, 2008).

Este mecanismo resulta na busca de resultados quantitativos objetivando “tornar a rede estadual de ensino de Minas num sistema de alto desempenho, estabelecendo um plano de metas para cada escola”¹⁵ (MINAS GERAIS, 2008).

Quanto à valorização da temática ambiental, com vistas à transformação social, foram realizadas pesquisas nos CBC's de Ciências, História e Geografia. Nota-se que pregam repensar os conteúdos escolares, relacionando-os com a vivência dos alunos, realçando atividades crítico-reflexivas. Propõe-se a construção de um saber escolar comprometido com o sentido coletivo da vida e

¹⁵ Vale ressaltar que os CBC's são bases para a elaboração de um sistema avaliativo estadual (PROEB – Programa de Avaliação da Educação Básica e o PAAE – Programa de Avaliação da Aprendizagem Escolar). A partir dos índices levantados, a escola e os seus servidores são responsabilizados ou premiados, caso tenham índices elevados, pode gerar consequências positivas na carreira do professor (CBC/MG, 2008), mas se não houver, há o corte do prêmio produtividade, ou seja, o profissional não soube passar seu conteúdo, pois os alunos não têm domínio satisfatório.

do trabalho, relacionando-os com a criticidade e responsabilidade ambiental e social. Nos CBC's, se propõe também

estabelecer com o espaço geográfico práticas espaciais que estejam comprometidas com a construção de sociedades sustentáveis, pautadas na qualidade de vida e na justiça ambiental, desenvolvendo, a partir daí, uma nova ética: ambiental e social (MINAS GERAIS, 2008).

Nesse sentido, as propostas observadas e encontradas neste mecanismo, podem possibilitar o desenvolvimento de habilidades e atitudes necessárias ao exercício de uma cidadania participativa e crítica, comprometida com os valores democráticos e uma melhoria para a sociedade, quanto às questões ambientais.

É notado também, que para que concretize os princípios desta educação transformadora deve-se transformar o processo de formação inicial dos futuros profissionais da educação, levando-os a terem uma nova postura e a se conscientizarem quanto ao seu papel nesta luta pela mudança de postura de nossa sociedade, pois a partir daí, teremos a formação de cidadãos críticos e atuantes.

3.4 Formação Inicial de Professores

Nos últimos anos, a formação de educadores vem sendo alvo de muitas discussões. Diversas pesquisas educacionais ressaltam a importância da formação do professor reflexivo e crítico.

O idealizador do termo professor reflexivo (PIMENTA; GHEDIN, 2012) foi Donald Schön. Para o autor, o perfil do profissional de ensino deve ser caracterizado como aquele que reflete sobre a sua própria prática, envolvendo desde o planejamento, o seu desenvolvimento e a avaliação. Portanto, através da

reflexão pode emergir uma prática pedagógica transformadora, com o objetivo de promover a ruptura com os padrões da classe dominadora.

Assim, na formação inicial que se baseia no processo reflexivo de construção do conhecimento, os discentes podem galgar para uma visão crítica, objetivando questionar o próprio sistema. A partir deste processo, pode surgir o educador crítico, capaz de criar novas práticas de ensino, não somente com os recursos da sala de aula, mas também, utilizando toda uma diversidade de recursos, principalmente, fora dos muros da escola.

Neste processo baseado no ensino reflexivo, o professor pode utilizar o contexto histórico, como conteúdos a serem discutidos, levando em conta a experiência do educando (FREIRE, 2001). Agindo assim, ele vai contra as propostas curriculares tecnicistas estabelecidas pela classe dominante. Schön destaca que apesar de ter um modelo técnico pré-estabelecido de ensino, os métodos tecnicistas não apresentam soluções para determinados problemas. Em decorrência disso, Schön (2007 apud PIMENTA; GHEDIN, 2012), defende a substituição do modelo de currículo tecnicista¹⁶, por outro que dê condições ao professor para refletir sobre suas práticas/ações, ou seja, tomando decisões a partir da avaliação dos problemas que surgem no decorrer do seu trabalho.

Nóvoa (2013) corrobora com as palavras de Schön, ao afirmar que a formação se constrói através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas. O mesmo autor afirma:

Eu diria que elas não são inerentes à profissão docente, no sentido de serem naturais, mas que elas são inerentes, no sentido em que elas são essenciais para a profissão. E, portanto, tem que se criar um conjunto de condições, um conjunto de regras, um conjunto de lógicas de trabalho e, em particular, e eu insisto neste ponto, criar lógicas de trabalho coletivo dentro das escolas, a partir das quais – através da

¹⁶ Currículo Tecnista – permeado pela pedagogia tradicional, com características de um produto pronto e acabado (FREIRE, 2014; PIMENTA; GHEDIN, 2012).

reflexão, através da troca de experiências, através da partilha – seja possível dar origem a uma atitude reflexiva da parte dos professores. Eu disse e julgo que vale a pena insistir nesse ponto. A experiência é muito importante, mas a experiência de cada um só se transforma em conhecimento através desta análise sistemática das práticas. Uma análise que é análise individual, mas que é também coletiva, ou seja, feita com os colegas, nas escolas e em situações de formação (NÓVOA, 2013, p. 144).

Santos e Meneses (2010, p. 244) corroboram com Schon ressaltando a “superação do modelo tradicional de ensino alicerçado na fragmentação do conhecimento, por uma transformação dos procedimentos didático-pedagógicos, baseada numa nova postura do professor.” Segundo a autora, por meio da reflexão-ação, o professor pode reconstruir a sua prática, sendo que, esta prática pode reconstruir a escola e o mundo a sua volta.

As práticas reflexivas são importantes para o aprimoramento profissional, conforme destaca Libâneo (2012, p. 70):

[...] a necessidade de reflexão sobre a prática a partir da apropriação de teorias como marco para as melhorias da prática de ensino, em que o professor é ajudado a compreender seu próprio pensamento e a refletir de modo crítico sobre sua prática e, também, a aprimorar seu modo de agir, seu saber-fazer, internalizando também novos instrumentos de ação.

Neste sentido, torna-se fundamental a reflexão do educador quanto as suas práticas, tendo como base o esforço para melhorar o seu trabalho em sala de aula e fora dela. Tal comportamento contribui para a formação de um profissional crítico, com proposta de também formar um aluno crítico, como ressalta Zeichner (2008, p. 545):

A formação docente reflexiva, que realmente fomenta o desenvolvimento profissional, deveria somente ser apoiada,

em minha opinião, se ela estiver conectada a lutas mais amplas por justiça social e contribuir para a diminuição das lacunas na qualidade da educação disponível para estudantes de diferentes perfis, em todos os países do mundo.

Vale destacar que no campo ambiental a atuação deste profissional crítico e reflexivo pode auxiliar na formação do ser mais consciente e apto para a transformação social e capaz de auxiliar os problemas causados pela crise ambiental. Alguns autores (JACOBI, 2003; TOZONI-REIS, 2008) ressaltam que para amenizar e modificar esta crescente degradação do meio ambiente, o trabalho com uma educação ambiental, de forma crítica e reflexiva, poderia atingir este objetivo, pois teria uma proposta política, democrática e transformadora, contra uma conservadora e orientada pela técnica dominante.

3.5 Educação Ambiental: instrumento de transformação social

Depois de diagnosticada a crise ambiental, vários encontros ocorreram no mundo objetivando discutir a questão. O primeiro, aconteceu em 1972, teve como título a Conferência de Estocolmo. Este movimento reconheceu a Educação Ambiental como uma necessidade para a solução de problemas ambientais. Acontecia neste mesmo ano, outra discussão conhecida como Clube de Roma. Neste movimento, foi confeccionado um relatório, com previsões desagradáveis, sobre crescimento demográfico e a exploração de recursos naturais.

Nas décadas de 70 e 80, por interferência da UNESCO, aconteceram três conferências internacionais. Foram eles, em 1975, Conferência de Belgrado, na qual se produziu a Carta de Belgrado e um programa Internacional de EA. Em 1977, aconteceu a Conferência de Tbilisi, na Geórgia, onde foram discutidos objetivos e princípios sobre a EA. E, em 1987, acontecia a Conferência de

Moscou, onde foi criado um quadro teórico-metodológico para a concretização da EA, ao longo da década de 90.

Na década de 90, aconteceu o movimento que ficou conhecido como ECO-92 (Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento). Neste encontro foi elaborada a Agenda 21, na qual se encontra os pressupostos para a implementação da EA.

Já no ano 2002, aconteceu o encontro Rio + 10, na África do Sul que teve como objetivo fazer um balanço das ações socioambientais realizadas na última década. Neste encontro foi constatada a necessidade do engajamento de todos, para o bem da preservação do nosso planeta, minimizando a degradação ambiental.

Mas, nota-se que as opiniões sobre a questão ambiental, oriundas do hemisfério Sul denominado (em desenvolvimento) e do hemisfério Norte denominado (desenvolvido) são conflituosas. Tal conflito é resultante da imposição cultural ditada pelo Norte com o objetivo de concretizar as políticas coloniais capitalistas.

Dentro do contexto ambiental, esta hegemonia nortista se estende com o objetivo de controlar mercado e adquirir capital através da exploração da natureza. Quando as potências industriais têm escassez de recursos naturais, passam a ter maior interferência ecológica nos países pobres e em desenvolvimento.

Percebe-se que isso está relacionado a interesses econômicos e não por motivo de proteção total do meio ambiente. Portanto, na década de 90, Santos e Meneses (2010) propõem uma alternativa contra-hegemônica, através da maior participação da sociedade civil.

O objetivo dessa proposta é superar o pensamento abissal. O autor ressalta que a Ecologia do Saber seria um processo dialógico entre os saberes

científicos e saberes laicos¹⁷, o que resultaria na valorização dos saberes desqualificados pela ciência moderna.

Para isso, Santos (2011) ressalta a importância de conscientizar os povos, quanto ao processo de expropriação e dominação, quanto a seus costumes e bens naturais, levando-os a terem discernimento, para atingir a melhoria da qualidade de vida. O autor prega o combate ao conhecimento dominante produzido pelo norte, sendo este baseado na opressão, conforme ressalta:

[...] el reclamo de nuevos procesos de producción, de valorización de conocimientos válidos, científicos y no científicos, y de nuevas relaciones entre diferentes tipos de conocimiento, a partir de las prácticas de las clases y grupos sociales que han sufrido, de manera sistemática, destrucción, opresión y discriminación causadas por el capitalismo, el colonialismo y todas las naturalizaciones de la desigualdad en las que se han desdoblado (SANTOS, 2011, p. 16).

No Brasil, as discussões sobre a educação ambiental levaram à formalização de duas grandes tendências da educação ambiental: uma conservadora e outra crítica (GUIMARÃES, 2004; LAYRARGUES, 2002; LOUREIRO, 2004). A primeira com tendência fundamentada e praticada pelos adeptos do discurso ambiental conciliatório é de caráter disciplinatório e moralista. Prega a transmissão de conhecimentos para a mudança de comportamento em relação ao meio ambiente. Como destaca Guimarães (2004, p. 27):

A educação ambiental denominada conservadora tende, refletindo os paradigmas da sociedade moderna, a privilegiar ou promover o aspecto cognitivo do processo pedagógico, acreditando que transmitindo o conhecimento correto fará com que o indivíduo compreenda a problemática ambiental e que isso vá transformar seu

¹⁷ Saberes Laicos – saberes populares, indígenas e de camponeses (SANTOS; MENESES, 2010).

comportamento e a sociedade; o racionalismo sobre a emoção; sobrepor a teoria à prática; o conhecimento desvinculado da realidade; a disciplinaridade frente à transversalidade; o individualismo diante da coletividade; o local descontextualizado do global; a dimensão tecnicista frente à política; entre outros.

A partir dos anos 1980, surgiu uma vertente transformadora, uma educação ambiental realizada por aqueles que defendiam a construção de uma sociedade justa ambientalmente e socialmente, tendo significado emancipatório, reflexivo, crítico e transformador (TOZONI-REIS, 2008).

Neste sentido, o processo de utilizar a educação como transformadora e formadora do ser crítico, é tema de discussão de alguns autores, como Carvalho (2004), Guimarães (2004), Layrargues (2009) e Loureiro (2004).

Segundo Loureiro (2004, p. 67),

esta vertente transformadora da educação ambiental, no Brasil, começou a se configurar nos anos de 1980, pela maior aproximação de educadores, principalmente os envolvidos com educação popular e instituições públicas de educação, junto aos militantes de movimentos sociais e ambientalistas com foco na transformação societária e no questionamento radical aos padrões industriais e de consumo consolidados no capitalismo.

Carvalho (2004, p. 18) ressalta que “estas transformações contribuíram para a formação do sujeito ecológico, capaz de identificar, problematizar e agir em relação às questões socioambientais, tendo como horizonte uma ética preocupada com a justiça ambiental.” Já Guimarães (2004, p. 25) comenta que “formará o indivíduo capaz de contribuir com a transformação de uma realidade que, historicamente, coloca-se em uma grave crise socioambiental.”

Na perspectiva de articulação entre EA e os movimentos sociais, Loureiro (2011, p. 73) afirma que “a EA é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes”.

A educação transformadora busca redefinir o modo como nos relacionamos conosco, com as demais espécies e com o planeta. Por isso, é vista como um processo de politização e publicização da problemática ambiental por meio do qual o indivíduo, em grupos sociais, se transforma e à realidade (LOUREIRO, 2004, p. 81-82).

Layrargues (2009) ressalta o papel da Educação ambiental relacionada ao compromisso social. Para ele:

Educação ambiental com compromisso social é aquela que articula a discussão da relação entre o ser humano e a natureza inserida no contexto das relações sociais. É aquela que propicia o desenvolvimento de uma consciência ecológica no educando, mas que contextualiza seu projeto político-pedagógico de modo a enfrentar também a padronização cultural, exclusão social, concentração de renda, apatia política, além da degradação da natureza. É aquela que enfrenta o desafio da complexidade incorporando na reflexão categorias de análise, como trabalho, mercadoria e alienação. É aquela que expõe as contradições das sociedades assimétricas e desiguais (LAYRARGUES, 2009, p. 28).

Sendo assim, devemos observar a educação ambiental como um grande instrumento dentro da educação, que se bem utilizada pelos docentes, poderá mudar uma realidade imposta por uma classe dominante. Para isso, os docentes devem conscientizar-se quanto ao seu papel social. Quando o educador propõe práticas educativas com compromisso social é possível chegar-se a uma reversão do quadro das desigualdades no nosso país. Para Guimarães (2007 apud LAYRARGUES, 2009, p. 14), “a persistência e inclusive o agravamento das várias formas de desigualdade global ou nacional já não podem mais ser toleradas por uma sociedade que se pretende civilizada.”

3.6 O Educador dentro do processo de formação

Um dos grandes desafios encontrados atualmente é o trabalho, dentro do processo de ensino aprendizagem, com a formação de novos comportamentos, principalmente, objetivando propor a queda da degradação do meio ambiente, pois se observa, que este projeto não é uma das prioridades das escolas. Uma formação tendo como base cidadãos ambientalmente críticos, capazes de amenizar os impactos advindos das relações homem-ambiente.

Para que se concretize, o perfil do profissional para atuar nestes projetos, deve ser modificado. Este profissional deve apresentar uma postura crítica/reflexiva, que tenha como proposta, fazer despertar a atenção quantos aos problemas perante a sua realidade.

Assim, de acordo com Vygotsky (1995, apud MOLON, 2009, p. 163):

a proposta de formação de educadores, aí se incluem educadores ambientais, deve constituir-se em um processo que garanta a experiência já trazida pela história do sujeito, assegurando a reflexão e a ressignificação e (re-elaboração) de suas ações e a superação de suas visões, pela apropriação de novas informações e saberes para a construção de novos conhecimentos e pela ampliação da capacidade reflexiva da sua ação, isto é, o movimento de uma espiral ação, reflexão e ação, a verdadeira práxis.

Em sua obra *A Pedagogia da Autonomia*, Freire (2011) afirma que o indivíduo pode conhecer sua realidade e lutar por melhorias e neste processo o professor possui um papel importante, à medida que oferece as bases para essa mudança. Portanto, é necessária a responsabilidade ética no exercício da docência.

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. ... faz parte de

sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo (FREIRE, 2011, p. 28).

Uma vez que surge este profissional crítico, tem-se a base necessária para a formação de um Educador com um olhar mais amplo, capaz de propor mudanças dentro da questão ambiental. Guimarães (2000) comenta sobre os papéis do educando e do educador dentro deste processo:

Nesta visão (educação ambiental crítica), educando e educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais; portanto o ensino é teoria/prática é práxis. Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais, sendo estes conteúdos do trabalho pedagógico. Aqui a compreensão e a atuação sobre as relações de poder que permeia a sociedade são priorizadas, significando uma educação política (GUIMARÃES, 2000, p. 75).

Ainda, de acordo com o autor, deve-se propor a formação de sujeitos mais atuantes, como os da relação educador/educando.

Segundo Molon (2009), para que isso ocorra, é necessário estabelecer o perfil do profissional e as atividades essenciais ao seu aprimoramento, desde o início de sua formação.

A formação de educador ambiental não pode ser vista e encarada como algo pronto e acabado que é resultado de uma intervenção pontual e circunscrita a determinados episódios e eventos, bem como não pode ser realizada somente vinculada a propostas de treinamentos, de cursos e de palestras efetivadas de forma vertical com curta duração (MOLON, 2009, p. 125).

Portanto, o educador ambiental deve propor o método dialógico com os estudantes, objetivando trazer questionamentos e tentar, a resolução dos problemas e os impactos ambientais no seu entorno. O educador poderá utilizar

o próprio espaço local e/ou áreas que despertem a sensibilização, como recursos pedagógicos.

Essa contextualização tende a conduzir à valorização da bagagem histórica do discente. Ao conhecer seu passado e analisar suas ações, busca-se a transformação de sua realidade. Conforme aponta Freire (2014), somos seres inacabados porque somos históricos. A partir desse reconhecimento que somos inacabados, há maior conscientização do potencial de mudança.

4 PRÁTICAS E CONTEÚDOS PEDAGÓGICOS EM ESPAÇOS FORA DA ESCOLA

Nesse capítulo, discutimos, a partir de alguns autores, a importância do uso dos espaços extramuros da escola, caracterizados como espaços não formais de educação, que contribuem com a formação de um sentimento de pertencimento e mudança de postura, ao se participar do desenvolvimento de diversas atividades nestes espaços.

Para tanto, recorreremos aos seguintes autores: Gohn (2006, 2009, 2010) e Trilla (2008), que abordam as concepções de espaço não formal, retratando sua característica no processo ensino-aprendizagem; Chagas (2005), Guimarães (2000) e Jacobucci (2008), que abordam a utilização destes espaços como potenciais mobilizadores de novas concepções, mas que deve partir do profissional da educação em sua formulação.

4.1 Educação Não formal: conceito e importância

Nos meios acadêmicos, tem-se aumentado a frequência das discussões acerca da Educação Não Formal (ENF), enfatizando-se o desenvolvimento de atividades práticas educativas fora do contexto escolar, em busca de uma educação transformadora. Barreto Filho (2001 apud ANDRADE; MASSABNI, 2011, p. 239) considera as atividades práticas como:

[...] modalidades de procedimentos que objetivam conseguir informações, como nos casos da observação ambiental..., e ainda, desenvolvidas de forma que se complementem e possam contribuir com o aluno, no sentido de chegar à internalização do conhecimento formal.

Conforme Andrade e Massabni (2011), estas atividades práticas devem estar situadas em um contexto de ensino e aprendizagem em que se desenvolvem tarefas de compreensão, interpretação e reflexão.

As primeiras discussões quanto ao uso da ENF foram realizadas na Conferência sobre a Crise Mundial da Educação (1967), evento organizado pela UNESCO. Este evento teve como objetivo discutir os problemas do sistema formal de ensino.

A ENF se difere da Educação Formal (EF), pois, esta última encontra-se regulamentada por legislação específica, organizada por níveis de ensino. Outro ponto importante da EF é que, para sua realização, deve-se ter um local específico, organização curricular e planejamento de atividades.

No Brasil, a partir da década de 1990, surgiram várias discussões sobre a ENF. A base destas discussões se deve às mudanças ocorridas na sociedade, pois, neste período, nota-se o surgimento e valorização do processo de ensino aprendizagem em grupos.

Sendo assim, a partir deste período, observam-se transformações no sistema de ensino, pois o conhecimento se expandiu para as classes excluídas, gerando a participação social.

Gohn (2010) ressalta que, a partir destas mudanças, a ENF possibilita uma aprendizagem política, voltada para a cidadania, além de gerar um processo de conscientização.

A mesma autora ressalta que este processo de ENF pode gerar também a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal, pois:

nestes espaços o ato de ensinar acontece de forma espontânea, e as forças sociais organizadas de uma comunidade tem o poder de interferir na delimitação do conteúdo didático ministrado bem como estabelecer as finalidades a que se destinam aquelas práticas (GOHN, 2008, p. 99).

Portanto, na ENF, o Educador pode se tornar um agente transformador, podendo formar um cidadão questionador e participativo, com a capacidade de transformar sua própria realidade. Este modelo de educação, apresenta-se mais flexível, pois não está submetido a legislações estatais.

Para Trilla (2008, p. 42):

na educação não formal cabe o uso de qualquer metodologia educacional, já que por situar-se fora do sistema de ensino regado, desfruta de uma série de características, como, não ter que seguir um currículo padronizado, ter poucas normas legais, ter um caráter não obrigatório que facilita a possibilidade de métodos e estruturas organizacionais muito mais abertas e, geralmente mais flexíveis e adaptáveis às necessidades específicas de cada contexto.

Entretanto, a ENF não deve assumir o papel da EF; pelo contrário, deve servir de auxílio no processo ensino-aprendizagem, valorizando a experiência dos participantes. Como ressalta Gohn (2010, p. 39), “a ENF pode ajudar na complementação por meio de programações específicas, articulando a escola e a comunidade educativa localizada no entorno da escola”.

Neste sentido, a ENF pode corroborar com os professores na instrução dos alunos, pois se apresenta como outra forma de conduzir o processo de ensino-aprendizagem fora dos limites da escola. Neste sentido, este método pode tornar o aprendizado mais prazeroso, pois pode se configurar em uma construção mais concreta e transformadora.

Como ressalta Gohn (2006, p. 29):

A educação não formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo. A construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, fortalecendo o exercício de cidadania.

Mas vale ressaltar que, muitos docentes encontram alguns entraves quanto ao ato de utilizar as atividades práticas no cotidiano escolar. Segundo Ramos e Rosa (2008 apud ANDRADE; MASSABNI, 2011, p. 849), “alguns fatores resultam na não utilização das atividades, como a falta de preparo do professor para lidar com este tipo de atividade.”

Já Tardif (2002 apud ANDRADE; MASSABNI, 2011, p. 849) ressaltava que “os docentes consideram difícil, por terem que gerenciar diversos alunos ao mesmo tempo, muitas vezes sem apoio da direção da escola, quanto ao envio de pessoas e aquisição de transporte.” Ainda segundo a autora, o processo ensino-aprendizagem fora dos limites da escola, deve ser de forma individualizada ou em pequenos grupos.

Outros docentes se preocupam com a possibilidade de ocorrer comportamentos inadequados dos alunos (ANDRADE; MASSABNI, 2011), podendo causar complicações no andamento da atividade.

Outro fator ressaltado por Andrade e Massabini (2011), muito visível dentro do processo ensino-aprendizagem, está na relação professores experientes e o uso de atividades práticas. Segundo as autoras, ter experiência no manejo de classe, na condução do ensino poderia ser um fator favorecedor para o desenvolvimento de atividades práticas, mas isso não implica ter melhor destreza para planejar aulas e gerir a classe em atividades práticas. Foi ressaltado, também, pelas autoras que muitos destes professores experientes se acomodaram quanto ao uso e importância destas atividades, principalmente, não as observando como auxílio para o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Vale ressaltar que a falta de percepção em relação à prática educativa nos diversos espaços, principalmente, fora dos muros escolares, pode resultar na formação do ser tecnicista, pois a prática educativa, resultante da educação não formal, tem objetivos antagônicos, como por exemplo, ser também uma prática

política, além de associar a aprendizagem de conteúdos da escolarização formal e gerar uma educação para a vida, no sentido de garantir a qualidade de vida para o coletivo.

4.2 Educação Ambiental em Unidades de Conservação: exemplo de educação não formal

Um exemplo de espaço para ENF são as áreas protegidas. A criação de áreas protegidas teve como objetivos: conservar a biodiversidade, garantir a preservação do patrimônio histórico-cultural e conservar a cultura de populações conhecidas como tradicionais e que se relacionam com essas áreas (BRASIL, 2000).

No ano 2000, foi criado um instrumento legislativo, a Lei nº 9985, com o objetivo de regulamentar o Sistema Nacional de Unidades de conservação (SNUC), estabelecendo critérios para criação, tipologia e caracterização das UC's. Conforme o SNUC, as UC's abrangem

espaços territoriais e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituídos pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção (BRASIL, 2000, art. 2º).

Foi demarcada a caracterização das UC's em Unidades de Proteção Integral¹⁸ e Unidades de Uso Sustentável¹⁹. Segundo o SNUC (BRASIL, 2000),

¹⁸ Unidades de Conservação de Proteção Integral – visam preservar a natureza em áreas com pouca ou nenhuma ação humana, onde só se admite a utilização indireta de recursos naturais. São subdivididas em cinco categorias: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional e Estadual, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre (OLIVEIRA et al., 2009).

¹⁹ Unidades de Conservação de Uso Sustentável – associam a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais, com exploração do

as RPPNs, Reservas Particulares do Patrimônio Natural estão enquadradas na categoria de Uso Sustentável, sendo UCs em áreas privadas, registradas em caráter de perpetuidade, com objetivo de conservar²⁰ a diversidade biológica. (BRASIL, 2000).

As RPPN's têm como objetivo principal a preservação das belezas cênicas e ambientes históricos, proteção dos recursos hídricos, manejo de recursos naturais, desenvolvimento de pesquisas científicas, manutenção de equilíbrios climáticos ecológicos, entre vários outros serviços ambientais. Além da educação e da pesquisa, é permitida a realização de atividades recreativas e de turismo, desde que seja expedida autorização pelo órgão ambiental responsável.

Vale ressaltar que quando as escolas incluem projetos, práticas ou intervenções nestas áreas protegidas, como as UC's, o processo ensino-aprendizagem é aprimorado, produzindo resultados positivos em relação à conservação. Sobre a questão, Jacobi, Fleury e Rocha (2004, p. 1) apontam que:

A Ed. Ambiental exercida em Unidades de Conservação (UC) propicia a inter-relação dos processos de aprendizagem, sensibilização, questionamento e conscientização em todas as idades, e a utilização dos diversos meios e métodos educativos para transmitir o

ambiente que garanta a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável. Em algumas categorias os objetivos se ampliam ao valorizar e respeitar os meios de vida e a cultura de populações tradicionais. São subdivididas em sete categorias: Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional e Estadual, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural (OLIVEIRA et al., 2009).

²⁰ Vale mencionar a diferença entre os termos *preservação e conservação*. Sendo que, de acordo com Diegues (1996), o termo preservação relaciona-se a não utilização da natureza como recurso e o termo conservação induz a algum tipo de utilização, racional e sustentável. O mesmo autor ressalta que esta diferenciação dos termos surge desde a criação da primeira UC.

conhecimento sobre o ambiente e enfatizar de modo adequado atividades práticas e sociais.

Gohn (2009) corrobora com Guimarães (2000) ressaltando que

projetos que objetivam resgatar/trabalhar em campos da cultura local, acabam tendo algum tipo de impacto no entorno, sendo o maior deles o de caráter educativo - formam um saber, desenvolvem-se a consciência de pertencimento da comunidade local (GOHN, 2009, p. 37).

Para Almeida e Lucas (2002 apud SILVA et al., 2010) as UC's são laboratórios vivos à disposição da pedagogia, que reservam dentro de si vários ensinamentos, onde os participantes, além de diversão e lazer, podem se sensibilizar acerca das questões ambientais globais e locais dos ecossistemas.

Segundo Jacobi, Fleury e Rocha (2004 apud SILVA et al., 2010), é, neste contexto, que se insere a EA, pois pode-se subsidiar o debate ecológico e expandir o número de pessoas envolvidas na prática da conservação através da sensibilização ambiental, fundamental para a formação de cidadãos plenos.

Sendo assim, por meio da Educação Ambiental, podemos promover mudanças de valores, posturas e atitudes, integrando ações aos aspectos ecológicos, políticos, culturais e éticos. Para Jacobi, Fleury e Rocha (2004 apud SILVA et al., 2010) a EA exercida em UC's propiciaria a inter-relação dos processos de aprendizagem.

Conforme afirma Chagas (2005 apud SILVA et al., 2010), não aprendemos a amar a Terra lendo livros. Para o autor, a experiência própria, através da vivência é que pode levar o homem a conhecer o meio ambiente e a compreendê-lo melhor. Entretanto, este processo de ensino aprendizagem só se concretizará quando forem incluídas, nos objetivos da Educação Básica, atividades fora do espaço escolar.

Ainda segundo o autor, essas atividades práticas podem despertar nos estudantes o desejo de maior participação, além de favorecer o surgimento de sensações e emoções, realidade em geral não vivenciada durante as aulas teóricas.

Nascimento e Costa (2002 apud SILVA et al., 2010) corroboram com Chagas (2005) relatando que os espaços públicos como parques, zoológicos e reservas naturais oferecem ao visitante, concomitante ao seu tempo de lazer, múltiplas atividades que, na maioria das vezes estão relacionadas à preservação, além de serem locais que despertam interesse e motivação aos estudantes pelo fato de serem ambientes diferentes da sala de aula.

Neste sentido, para o docente que desenvolve estas atividades práticas, há grandes pontos positivos, pois propicia oportunidades de inovações em seu trabalho, associando a teoria com a prática, gerando facilidades na apreensão do conteúdo pelos discentes. Mas, segundo Farias e Alves (2007 apud SILVA et al., 2010) torna-se necessário que o educador dê oportunidades aos discentes, quanto à exposição de suas ideias, gerando um espaço de reflexão, através do diálogo. Sendo assim, cabe ao professor orientar e problematizar o que deve ser observado, para atingir o êxito esperado.

Outro ponto importante, ressaltado por Jacobucci (2008) relaciona-se à formação do educador responsável na execução destas atividades práticas. O autor ressalta que

deve se pensar e se investir na formação dos professores frequentadores desses espaços educativos, para que esses possam articular e entrecruzar a cultura científica, o saber popular e o próprio saber com vistas à criação de novos conhecimentos e a sua divulgação de forma consciente e cidadã (JACOBUCCI, 2008, p. 64).

Sendo assim, ações e práticas educativas desenvolvidas em áreas protegidas podem gerar o sentimento de pertencimento e de orgulho,

contribuindo para a valorização e conservação da biodiversidade local (GOHN, 2009; GUIMARÃES, 2000).

5 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos a metodologia utilizada na presente pesquisa, discutindo a escolha do referencial metodológico adotado e descrevendo os procedimentos de coleta e análise de dados. Apresentamos, também, o “corpus” da pesquisa, descrevendo o “locus” - Fundação Educacional de Oliveira - e o corpo discente pesquisado.

5.1 Referencial Metodológico

Para realizar este estudo, foi adotada uma metodologia de pesquisa de abordagem qualitativa, que segundo Bogman e Biklen (1994), parte do pressuposto do contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente que está sendo investigado, valorizando suas atividades. A pesquisa foi desenvolvida de forma descritiva, deteve-se nos relatos analíticos sobre o processo, a partir dos dados ou resultados construídos.

Adotamos o método caracterizado como investigação-ação ou pesquisa-ação, devido ao fato do pesquisador/observador, ser, ao mesmo tempo, o professor da disciplina, do qual faz parte o grupo de alunos, que compôs o corpus da pesquisa. A definição por este instrumento metodológico relaciona-se à construção de situações problematizadoras que surgiram dentro de sala de aula, conforme ressaltam alguns autores (BARBIER, 2007; SOUZA, 2009; THIOLENT, 2011).

Partindo de Kurt Lewin, seu “fundador”, a pesquisa-ação é vista como “[...] uma ação em nível realista, sempre acompanhada de uma reflexão autocrítica objetiva e de uma avaliação de resultados. Como o objetivo é aprender depressa, não queremos ação sem pesquisa, nem pesquisa sem ação” (BARBIER, 2007, p. 38).

Para Sousa (2009), a Investigação-ação é um tipo de estratégia metodológica de estudo que é geralmente levada a efeito pelo professor sobre a ação pedagógica desempenhada por si com os seus alunos.

Thiollent (2011, p. 14) define a pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Vale ressaltar também que, optamos pela pesquisa-ação por obsevarmos um momento de discussão e resolução dos problemas que emergiram dentro de sala. Segundo Thiollent (2011), esta proposta metodológica, pode alcançar a resolução de problemas, a tomada de consciência e a produção de conhecimento. E, este conhecimento que surge, pode ser aplicado à realidade, com o objetivo de auxiliar para a transformação.

Essa transformação poderá ocorrer, a partir da modificação na relação sociedade-natureza, formalizando uma concepção mais consciente por parte dos sujeitos envolvidos. É perceptível também, que a pesquisa-ação com atitudes críticas, contribui para a formação do professor crítico e reflexivo, pois este pode prezar pela melhoria de sua prática.

Para Sato (1997) o instrumento da pesquisa-ação é o mais apropriado para pesquisas em Educação Ambiental, pois permite a participação dos envolvidos por meio de reflexões críticas de um problema percebido por todos.

5.2 O “*Corpus*” e “*locus*” da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Fundação Educacional de Oliveira, instituição particular que está localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais. A

fundação possui dois institutos, o ISEOL (Instituto Superior de Educação de Oliveira) que foi fundado em 23 de novembro de 2000 e a FACIJUGO (Faculdade de Ciências Jurídicas e Gerenciais de Oliveira) que foi fundada em 05 de maio de 2004.

É no ISEOL que se encontra o curso de Pedagogia, com corpo discente composto de 90 alunos matriculados. O *corpus* da pesquisa abrangeu alunos do 5º período do Curso de Pedagogia, matriculados na disciplina Metodologia de Ensino de História e Geografia, da qual o pesquisador/observador é também professor da disciplina, o que facilitou a realização de diversos momentos de reflexão durante as aulas e encontros.

O grupo de alunos que compôs a pesquisa foi convidado a participar de forma voluntária, sendo que, a partir deste convite, foram ressaltados comprometimento, disponibilidade e participação nas atividades, além de serem marcadas as datas dos encontros que ocorreram durante os finais de semana. A opção pelos finais de semana decorreu dos compromissos com horários (emprego, família) assumidos pelos pesquisados, o que lhes dificulta a disponibilidade durante a semana. Vale ressaltar que, mesmo determinando e assumindo este compromisso, alguns participantes/pesquisados faltaram em algumas etapas, por motivo de trabalho e/ou familiar, sendo retirados do processo da pesquisa.

Após o aceite dos alunos, foi apresentado e assinado por eles, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no qual consta que a identidade seria mantida em sigilo.

5.3 Métodos de pesquisa e coleta de dados

Após a constituição do grupo de alunos, foi apresentada a proposta das datas dos próximos encontros. A proposta inicial foi a realização de quatro

encontros, partindo da fundamentação teórica proposta por Thiollent (2011), que estabelece as seguintes etapas metodológicas:

- a) detecção do problema: como docente da instituição, detectamos as dificuldades de se utilizar os ambientes de Educação não formais, como recurso pedagógico;
- b) estruturar a explicação do problema e debate com o grupo envolvido na pesquisa;
- c) definir um programa de ação para a resolução do problema escolhido;
- d) acompanhar os resultados da ação e
- e) fazer uma síntese dos resultados obtidos em todas as fases.

No primeiro encontro, houve a apresentação do projeto, com esclarecimento de dúvidas e assinatura do TCLE, além da divulgação das datas dos próximos encontros.

No segundo encontro, cujo objetivo foi esclarecer e acrescentar informações sobre a temática ambiental, houve a participação da ONG-ARPIA, instituição ambiental,. Neste momento, os participantes confeccionaram o Diário de Campo²¹, onde foram registradas as impressões e os significados construídos.

No terceiro encontro, houve a visita a um ambiente de Educação não formal - uma Unidade de Conservação, mais precisamente, a RPPN – Reserva do Patrimônio Particular Natural Canoa Vale dos Ipês, localizada no município de Cláudio, MG.

Nesta localidade, foram desenvolvidas diversas atividades com o grupo, destacando-se “Brincando e Aprendendo com a Mata”, contando com o suporte

²¹ Diário de Campo é um caderninho, caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações (MINAYO, 2010).

da ONG, que tem atuação regional. Durante a execução das atividades nas áreas protegidas, a coordenação ficou a cargo do grupo ONG-ARPIA, não havendo a participação do professor/pesquisador, o qual se posicionou como observador durante a atividade.

Minayo (2010) ressalta que neste processo, o observador com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa.

No último encontro, foi realizada uma entrevista semiestruturada com os participantes/pesquisados, com o objetivo de avaliar as reflexões sobre as atividades desenvolvidas, a construção de propostas de atividades, significados e impressões construídos durante todo o processo, cujo foco foi a valorização dos ambientes de educação não formal como recurso pedagógico.

Quanto à entrevista, Lüdke e André (1986), ressaltam que a entrevista é a técnica que mais se adapta aos estudos do ambiente educacional, pois permite mais flexibilidade no momento das entrevistas.

5.4 Método de análise dos dados

Para o tratamento e análise dos dados, todos os elementos do Diário e entrevistas foram transcritos e submetidos ao método da análise de conteúdo, baseado nas abordagens de Bardin (2011) e Franco (2012), pois essa possibilita analisar a transcrição dos diálogos, analisar os questionários e textos produzidos. Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo é definida como:

Conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (várias inferidas) das mensagens (BARDIN, 2011, p. 42).

A partir da abordagem de Bardin, Ferreira (2013) relaciona as possibilidades de uso da análise de conteúdo:

A análise de conteúdo é usada quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real. Aplica-se a tudo que é dito em entrevistas ou depoimentos ou escrito em jornais, livros, textos ou panfletos, como também a imagens de filmes, desenhos, pinturas, cartazes, televisão e toda comunicação não verbal: gestos, posturas, comportamentos e outras expressões culturais (FERREIRA, 2013).

Minayo (2010) enfatiza que a análise de conteúdo visa verificar hipóteses e/ou descobrir o que está por trás de cada conteúdo manifesto.

[...] o que está escrito, falado, mapeado, figurativamente desenhado e/ou simbolicamente explicitado sempre será o ponto de partida para a identificação do conteúdo manifesto (seja ele explícito e/ou latente) (MINAYO, 2010, p. 74).

Para concretizar a análise foram realizadas as três etapas essenciais a um processo de investigação por meio da Análise de Conteúdo, que, segundo Bardin (2011) e Franco (2012), são as seguintes: (a) pré-análise dos dados; (b) exploração do material e (c) tratamento dos resultados, inferências e interpretações.

Sendo assim, diante do material coletado, via Diário de Campo, questionários e entrevistas, que compõem o “corpus” da análise²², foi realizada uma leitura flutuante, objetivando conhecer o que foi produzido. Para Franco (2012), a leitura flutuante é a primeira etapa da pré-análise, sendo a partir dela, que se faz o primeiro contato com o material a ser analisado, objetivando maior conhecimento sobre os textos e mensagens nele contidos.

²² Corpus de análise é o conjunto de documentos, que serão os objetos de análise (FRANCO, 2012, p. 50).

Diante dos dados obtidos, utilizamos o método de categorização²³, cujo primeiro objetivo é promover uma classificação mais simples dos dados brutos. Este método de separação teve critérios semânticos²⁴.

Os elementos textuais produzidos foram agrupados em razão de suas características comuns, observando o sentido das palavras ou sentenças que ressaltavam e respondiam ou não à questão problema, formando assim, as Unidades de Contexto²⁵. Após a separação textual, foi elaborada a Unidade de Registro²⁶. Em seguida, definiu-se o título de cada categoria. A característica de exclusividade das categorias não permite, assim, que elementos que estejam dispostos em uma determinada categoria possam caber ou transitar em outras.

Foram delineadas as seguintes categorias e subcategorias, depois de nova leitura:

²³ A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero. As categorias que emergem são classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, sendo que podem ter como critério semântico, sintático, léxico e expressivo (BARDIN, 2011, p. 147).

²⁴ Neste critério semântico, houve a organização sequencial entorno de um tema dominante (BARDIN, 2011, p. 101).

²⁵ Unidade de Contexto é a parte mais ampla do conteúdo a ser analisado. Esta unidade imprime significado às Unidades de Análise. Deve ser considerada e tratada como a unidade básica para a compreensão da codificação da Unidade de registro e corresponde ao segmento de mensagens, são excelentes para a compreensão do significado exato da unidade de registro (FRANCO, 2012, p. 49).

²⁶ Unidade de Registro é a menor parte do conteúdo, cuja ocorrência é registrada de acordo com as categorias levantadas (FRANCO, 2012, p. 43).

<p>A relação das UC's com as Escolas durante o processo ensino-aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> - Concepções sobre o espaço não formal - Práticas e conteúdos inovadores a partir do uso das Unidades de Conservação - Dificuldades quanto ao uso das Unidades de Conservação
<p>Representações e significados construídos a partir do uso das Unidades de Conservação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representações dos Professores e da Escola - Sentimentos e significados construídos

Quadro 1 Categorias que emergiram após a análise dos dados

Na primeira categoria, apresentam-se representações sobre as dificuldades encontradas na execução das atividades nas unidades de conservação, mas ressalta-se o reconhecimento quanto ao uso destes espaços como recursos educativos, além de demonstrarem algumas práticas transformadoras, que podem ser executadas após a visita a estes espaços.

Na segunda categoria, apresentam-se discursos sobre a representação dos professores, alunos e escola quanto a suas atuações, demonstrando a aproximação de um profissional reflexivo quanto à sua prática de ensino, além de demonstrar sentimentos/significados construídos a partir do uso destes espaços.

Após a definição das categorias, Unidades de Contexto e Registro, partimos para a análise dos dados, objetivando responder à questão de investigação e concretizar os objetivos da pesquisa.

6 O CAMINHAR METODOLÓGICO - PROCESSO DE CONSTRUÇÃO

Para esta investigação, primeiramente foi realizado um estudo exploratório, através de uma pesquisa bibliográfica em fontes documentais da instituição, destacando-se o Projeto Político Pedagógico. Esta análise documental consistiu em uma leitura criteriosa do PPP do curso de Pedagogia, buscando indícios sobre a formação ambiental. A análise documental do PPP proporcionou conhecimento quanto à abordagem da temática Educação Ambiental e suas propostas de trabalho, como proposta curricular, dentro do processo ensino-aprendizagem dos futuros docentes. Conforme ressalta Lüdke e André (1986, p. 39):

O objetivo da análise documental é identificar, em documentos primários, informações que sirvam de subsídio para responder alguma questão de pesquisa. Por representarem uma fonte natural de informação, documentos “não são apenas uma fonte de informação contextualizada”, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto.

6.1 Pesquisa Bibliográfica

Durante o processo da pesquisa, foi utilizada como técnica a pesquisa bibliográfica e a análise de material elaborado anteriormente. Este material é composto principalmente por artigos científicos, dissertações e livros sobre o tema.

Foi utilizado como fontes de informações, para a busca deste material, o meio eletrônico, através do portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento da Pessoal de Nível Superior (CAPES) e do portal *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO).

Durante a pesquisa observou fontes em algumas dissertações e teses em meio eletrônico de algumas instituições de ensino superior, são elas: Universidade de Campinas (UNICAMP); Universidade Federal Fluminense (UFF); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Lavras (UFLA); Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Neste processo de pesquisa e coleta de material, foram encontrados diversos artigos, dissertações e teses sobre a temática Áreas Protegidas, mas, observa-se que muitos são voltados para o estudo e conservação da fauna e flora ou estudos utilizando tais áreas como fonte turística. Sobre a temática, áreas protegidas como recursos pedagógicos, foram encontrados dois artigos e uma dissertação que focam a utilização destas áreas, tendo como base a educação ambiental.

6.2 Os encontros

O primeiro encontro teve início com a interação entre os sujeitos da pesquisa, professor/pesquisador e o representante da entidade ambientalista que deu suporte durante o processo de construção e desenvolvimento do projeto. Este encontro aconteceu nas dependências da FEOL, na segunda quinzena do mês de dezembro, após aprovação do pré-projeto pelo Comitê de Ética da UFLA. A receptividade da turma foi bem favorável, ainda que não tenha contado com o envolvimento de todos os estudantes.

Neste momento, houve uma breve apresentação do projeto e em seguida explanação feita por um membro da entidade ambiental. Durante a exposição, foram apresentados os objetivos, afirmando-se que este projeto “não estava pronto” e que seria construído em conjunto com todos os participantes, durante a realização dos encontros, momento em que todos teriam voz.

O *corpus* da pesquisa, após o convite de participação, tornou-se composto por quatorze estudantes do 5º período do Curso de Pedagogia, já citado anteriormente, número relevante, considerando-se que a referida turma possuía 33 alunos matriculados. Após este aceite, os alunos pesquisados teriam a atuação participativa direta, utilizando, no processo, seus talentos, habilidades e experiências frente à situação investigada.

A partir desse encontro, em comum acordo, estabeleceu-se que o próximo aconteceria após o retorno das férias.

6.2.1 Questionários

No segundo encontro, os discentes participantes responderam a um questionário, composto por perguntas abertas e de “escolha múltipla²⁷”, intercaladas e divididas em blocos temáticos, cujo objetivo foi sondar o perfil sócio-profissional²⁸ dos entrevistados, assim como seus conhecimentos prévios sobre Meio Ambiente, Educação Ambiental, Espaços Não Formais e Unidades de Conservação.

O questionário foi realizado no mês de março de 2014, logo após o retorno das férias escolares. Dos quatorze alunos que se comprometeram a compor o “corpus” desta pesquisa, apenas um deixou de responder ao questionário, visto que não compareceu ao local e horário determinados.

²⁷ Conforme Thiollent (2011, p. 34), perguntas de escolha múltipla são aquelas “[...] perguntas que propõem diversas alternativas entre as quais o respondente pode escolher [...]”.

²⁸ O objetivo de se pesquisar o perfil sócio-profissional seria constatar se os discentes pesquisados apresentavam alguma relação com a profissão docente e suas características sociais, como idade e tempo de atividade. Caso apresentassem esta relação, constatar se já haviam observado ou trabalhado sobre a temática ambiental dentro de sala.

Antes da realização do questionário, fez-se uma conversa prévia com os pesquisados, cujo objetivo foi explicar como seria a participação de todos, assim como esclarecer dúvidas.

Depois de respondido o questionário, foi discutido sobre a identificação dos discentes, optando-se pelo anonimato nas respostas. Propusemos a codificação das discentes e do discente entrevistados, utilizando a letra E, que corresponde a palavra “estudante”, sendo depois numerado na frente da palavra, o que corresponde à quantidade de entrevistados. Esta codificação também foi utilizada nas entrevistas.

Os dados relacionados ao perfil sócio-profissional foram dispostos em gráficos que contêm as ideias-síntese, palavras e expressões-chave, que permitem observar, quantitativamente, a tendência maior ou menor das respostas.

6.2.2 Visita

A atividade de visita à Unidade de Conservação RPPN Canoa-Vale dos Ipês aconteceu no início do mês de maio e teve a participação da ONG ARPIA, através de um de seus componentes, que fez uma explanação sobre o local da visita, desenvolvendo uma atividade de conscientização sobre a importância dos recursos naturais daquele ambiente.

Essa visita foi realizada em um domingo ensolarado e contou com a participação de apenas sete alunas, já que os outros inscritos estavam impossibilitados, devido a problemas de família e trabalho.

A atividade coordenada pela ONG ARPIA e desenvolvida com as alunas participantes teve como objetivo levá-las a reconhecer o local da visita. Elas permaneceram em determinados locais dentro da mata, para o trabalho da percepção quanto ao material encontrado em um quadrado demarcado no chão.

A conclusão a que chegaram as alunas participantes é que mesmo sendo protegida, a área em questão apresentava indícios de atividade humana e de animais domesticados.

Terminada a visita, foi solicitado às alunas que fizessem seus registros no Diário de Campo confeccionado por elas e que também compõe o corpus da pesquisa.

Vale ressaltar a dedicação e o carinho que as alunas participantes revelaram ao desenvolver tal atividade, visto que a maioria delas nunca havia frequentado espaços naturais como aquele.

6.2.3 Entrevistas

As entrevistas aconteceram numa sala da instituição de ensino FEOL, no início do mês de junho de 2014, envolvendo as sete alunas que participaram da visita à Unidade de Conservação. Seu roteiro de questões foi pré-definido e elaborado conjuntamente com a orientadora. Essa etapa foi totalmente gravada em vídeo com posterior transcrição de áudio.

Pôde-se perceber que algumas discentes entrevistadas sentiram-se incomodadas de participar desse momento de coleta de dados. Entretanto, esse incômodo restringia-se apenas à modalidade de coleta – entrevista – já que pelas respostas era possível perceber o grau de satisfação de estar participando deste projeto de pesquisa.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos a descrição e a análise dos dados que compõem o *corpus* e que foram constituídos durante o processo de pesquisa. Os dados são apresentados por meio de subtemas, destacando-se três categorias elencadas: o curso de pedagogia através da análise de seu PPP, o perfil sócio-profissional dos pesquisados e a análise dos dados coletados e categorizados, via entrevista.

7.1 O curso de pedagogia na FEOL e perfil dos pesquisados

Apresentamos características gerais do curso de Pedagogia da FEOL, buscando retratar seu histórico e outros contextos de formação, quadro docente e alguns dados estatísticos sobre o perfil socioeconômico dos pesquisados.

7.1.1 Histórico e características gerais: o “locus” da pesquisa

A Fundação Educacional de Oliveira, foi instalada no ano de 1999, tendo à frente o Professor Canísio Inácio Lunkes, ex-diretor da Unilavras e primeiro presidente da instituição.

A instituição começou a funcionar em 2001 com o curso Normal Superior, cujo objetivo era habilitar professores para lecionar na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Após essa data, outros cursos foram instalados: Administração em 2003, Direito em 2004 e Pedagogia em 2006.

A Fundação Educacional de Oliveira possui a estrutura de dois institutos de ensino. O Curso de Pedagogia é oferecido pelo Instituto Superior de Educação de Oliveira – ISEOL – que possui em seu quadro funcional, 25

professores, sendo a maioria mestres e que atuam nas mais variadas linhas de pesquisa.

Atualmente, o curso de Pedagogia forma uma média de 30 alunos por ano, número considerável, devido à grande maioria dos cursos de licenciatura, enfrentar problemas de evasão causada por três fatores: desistência, transferência para outro curso dentro da própria instituição ou transferência para outro estabelecimento de ensino.

7.1.2 Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPP)

O projeto político-pedagógico do curso de Pedagogia da Fundação Educacional de Oliveira foi elaborado em 2008, por docentes vinculados à instituição, sendo que muitos deles tornaram-se também professores do próprio curso. Ressalta-se no texto do PPP a finalidade, os objetivos, o perfil do egresso, a estrutura geral, a matriz curricular, defendendo a intenção de formar pedagogos para o exercício da docência na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio – matérias pedagógicas, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar (FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE OLIVEIRA - FEOL, 2007).

O PPP Pedagogia FEOL, Oliveira, MG, propõe considerações relativas à finalidade e objetivos do curso, que se encontram dentro do que preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia.

As Diretrizes Curriculares Nacionais são consideradas como o conjunto de princípios que devem ser observados na organização institucional e curricular de toda e qualquer instituição de ensino superior. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental estabelecem para a Educação Superior, a inclusão dessa temática em seus projetos institucionais e pedagógicos.

O perfil do profissional a ser formado pelo Curso de Pedagogia é tratado nos propósitos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, articulando o atributo ambiental como elemento estruturante para a formação no campo político, de atores sociais comprometidos com a prática político-pedagógica transformadora e emancipatória.

Ainda em se tratando dos objetivos do curso de Pedagogia, vale ressaltar que esses também se baseiam nas DCN de Pedagogia, quando estabelece a aptidão do egresso no curso, reafirmando, assim, a intenção de formar um profissional que atue com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa e igualitária; com consciência da diversidade, respeitando as diferenças de natureza ambiental-ecológica, além de realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, sobre processos de ensinar e aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos (FEOL, 2007).

Quanto ao trabalho da temática de EA, as DCNs de EA estabelecem que esta deve ser prática integrada e interdisciplinar, não sendo implantada como disciplina ou componente curricular específico. Mas, em seu Parágrafo Único, do art. 8º, ressalta que nos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, é facultada a criação de componente curricular específico, incorporando conteúdo que trate da ética socioambiental das atividades profissionais.

Em seu artigo 11, estabelece que a dimensão socioambiental deve constar nos currículos de formação inicial e continuada dos profissionais da educação. Dentro deste processo de formação, o profissional da educação deve considerar a consciência e o respeito à diversidade multiétnica e multicultural do país.

Este processo também é observado e estabelecido no PPP da instituição pesquisada, nas competências e habilidades, objetivando a formação do profissional que respeite e considere as características pessoais dos alunos, suas diferenças social, econômica, cultural, étnica, sexual e religiosa, promovendo a

convivência saudável com as diferenças, atuando contra qualquer tipo de discriminação ou exclusão (FEOL, 2007).

A estrutura geral do Curso de Pedagogia da instituição pesquisada compreende um currículo integrado, com regime seriado semestral. Sua matriz curricular está estruturada em três núcleos temáticos, compostos por disciplinas distribuídas por períodos, de forma sequencial e determinada por pré-requisitos disciplinares.

O primeiro núcleo temático ocupa-se da compreensão da diversidade multicultural da sociedade brasileira, por meio do estudo de literatura pertinente e de realidades educacionais, além da reflexão e ações críticas. Pode também articular o estudo das relações entre educação e trabalho, diversidade cultural, cidadania, sustentabilidade, entre outras problemáticas centrais da sociedade contemporânea (FEOL, 2007).

Na perspectiva teórico-crítica, os componentes do currículo não se limitam às disciplinas, com seus conteúdos e cargas-horárias, mas também se apresentam por meio de práticas curriculares. O segundo e terceiro núcleos temáticos tratam, respectivamente, do aprofundamento e diversificação de estudos voltados às áreas de atuação profissional e do enriquecimento curricular, compreendendo a participação em diversas atividades relacionadas a práticas curriculares e mais aquisição de conhecimento.

A estrutura curricular está organizada por disciplinas, sendo que cada uma apresenta um plano de ensino elaborado - instrumento de demonstração, acompanhamento e avaliação da execução da disciplina – tornando-se parte do planejamento do processo de ensino.

Os planos de ensino apresentam-se com formulação tradicional representada pela ementa, objetivos gerais e específicos, distribuição de conteúdos correspondentes à disciplina, indicação dos recursos didáticos e dos

instrumentos avaliativos, com a valoração atribuída ao desempenho do aluno no semestre.

Observando a ementa, os objetivos e os conteúdos de algumas disciplinas do curso de Pedagogia da instituição pesquisada, notamos que só duas trabalham a temática ambiental de forma aprofundada. Uma dessas disciplinas, cujo título é Natureza e Sociedade na Educação Infantil, do quarto período, possui como objetivo compreender as diferentes relações que os indivíduos, grupos sociais e sociedade estabelecem com a natureza; entender o modo de produzir e fazer, o cotidiano, as tecnologias e as possibilidades de novas formas de se relacionar com a natureza, com as atitudes conservacionistas em relação ao lixo, saneamento básico, etc.; compreendendo o papel do trabalho na transformação dos elementos naturais disponíveis na paisagem humana (FEOL, 2007).

Nesta disciplina, os discentes começam a ter noção sobre a temática ambiental e sua dimensão dentro da educação. São abordadas orientações pedagógicas, mostrando sua forma de trabalho interdisciplinar e transversal. Há propostas de discussão de valores básicos, para implementação da relação sociedade e natureza; sobre o desenvolvimento tecnológico e a questão ambiental, observando limites e possibilidades destes avanços, retratando os impactos causados sobre os recursos naturais.

Na ementa e objetivos da disciplina Sociedade e Meio Ambiente, do sexto período, os discentes devem mostrar a ciência como um conhecimento que colabora para a compreensão do mundo e suas transformações, para reconhecer o homem como parte do universo e como indivíduo; entender o ser humano como um todo dinâmico, que interage com o meio em sentido amplo (FEOL, 2007).

Nesta disciplina, observamos que há uma discussão histórica e conceitual sobre os problemas causados pelo homem na natureza. É trabalhada a

emergência da temática ambiental na atualidade; as contingências mundiais para a eclosão da consciência ambiental no século XX; e o ambientalismo geográfico engajado na transformação da realidade. A disciplina permite uma compreensão da capacidade de atuação dinâmica do homem.

Percebemos ainda que há outras disciplinas que tentam conscientizar o discente quanto ao seu papel de cidadão na sociedade, como acontece em Fundamentos Antropológicos da Educação e Filosofia da Educação, ambas do primeiro período, as quais ressaltam a questão da responsabilidade ética frente aos desafios no processo ensino-aprendizagem.

Outra observação importante em relação ao PPP é a falta de uma disciplina que enfoque o desenvolvimento de aptidões para o trabalho em diversos contextos educacionais, demonstrando que o currículo atual prioriza a formação para docência no ensino formal.

Apesar disso, durante o processo de sua formação, o discente do curso de Pedagogia recebe um embasamento teórico que o habilita a tornar-se um docente crítico e atuante, capaz de promover mudanças através da conscientização e da prática construtiva.

Essa prática deve partir das observações, que somadas ao contexto teórico, possibilitarão ações coerentes e compatíveis com a realidade ambiental da região, atendendo demandas, como elaborações de projetos, que possam tornar a atuação profissional mais gratificante, através dos resultados que se pretende obter.

7.1.3 Perfil sócio-profissional dos pesquisados

A faixa etária dos 13 sujeitos que responderam ao questionário encontra-se assim distribuída: 39% entre 37 a 42 anos; 23% entre 18 a 23 anos; 23% de

30 a 36 anos e 15% de 24 a 29 anos. Pode-se perceber que é um grupo de futuros professores relativamente jovens.

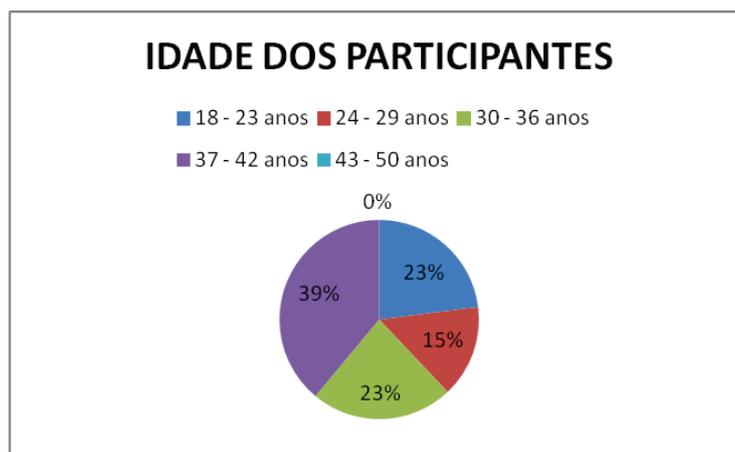


Gráfico 1 Idade dos Participantes

Em relação ao gênero dos participantes, a distribuição é a seguinte: a grande maioria dos alunos – num total de 12 – é composta de mulheres, sendo apenas um discente masculino.

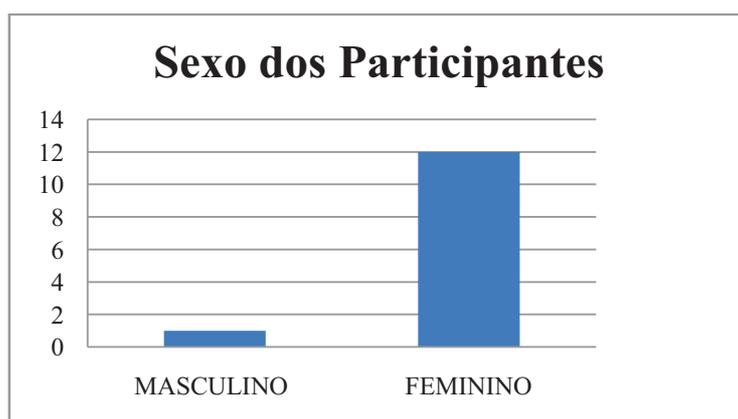


Gráfico 2 Gênero dos Discentes Participantes

Pode-se ressaltar que a feminização do magistério possui raízes históricas e essa realidade é mais frequente em cidades do interior, refletindo o não rompimento de certos processos históricos na educação.

A atuação do gênero masculino como professor das séries iniciais do Ensino Fundamental ainda é cercada de tabus, visto que a docência está relacionada/associada ao lado feminino, cujo comportamento é considerado como marcado pelo carinho, paciência e atenção. Por outro lado, a docência masculina é relacionada à questão da autoridade, o que a tornaria apropriada às séries finais do Ensino Fundamental.

Quanto ao local de residência, todos os 13 participantes moram na área urbana da cidade de Oliveira, o que reforça o desconhecimento sobre os problemas ambientais que afetam as áreas rurais do município.

Procurou-se também informar sobre a atuação profissional dos alunos participantes, o que revelou o seguinte: 69% dos discentes não lecionam e 31% já lecionam, apesar de não terem concluído ainda a graduação.

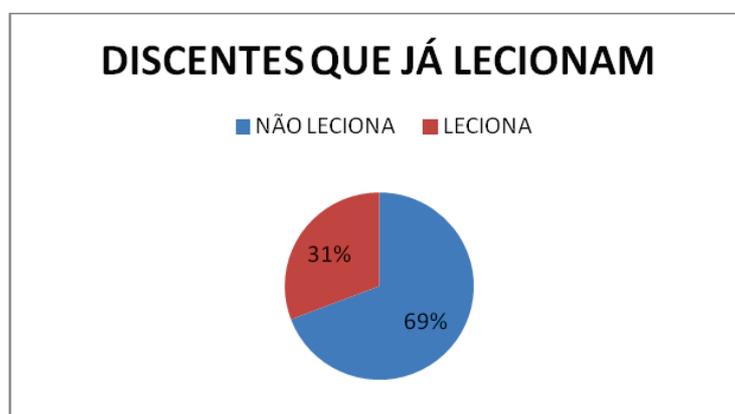


Gráfico 3 Discentes que já lecionam

Quanto ao tempo de atuação no magistério, daqueles 31% que responderam lecionar, ficou assim distribuído: 50% atuam há mais de 60 a 120 meses, ou seja, de 05 a 10 anos e os outros 50% lecionam há menos de 12 meses, ou seja, há menos de 1 ano.

7.2 Resultados obtidos após análise utilizando a categorização

Neste subcapítulo, apresentamos a interpretação dos dados, utilizando como instrumento metodológico a Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011; FRANCO, 2012). Os resultados obtidos foram confrontados com o referencial teórico e organizados de acordo com os objetivos da investigação.

Para executar esta análise foram realizadas as etapas preliminares propostas neste instrumento de análise de dados, como a: pré-análise; a exploração para a determinação das unidades de registro e contexto; e a elaboração das categorias e subcategorias.

As categorias e subcategorias que surgiram após estas etapas foram:

<p>A relação das UC's com as Escolas durante o processo ensino-aprendizagem</p> <ul style="list-style-type: none"> - Concepções sobre o espaço não formal; - Práticas e conteúdos inovadores a partir do uso das Unidades de Conservação; - Dificuldades quanto ao uso das Unidades de Conservação.
<p>Representações e significados construídos a partir do uso das Unidades de Conservação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Representações dos Professores e da Escola; - Sentimentos e significados construídos.

Quadro 2 Categorias que emergiram na análise de conteúdo

7.2.1 A relação das UC's com as Escolas durante o processo ensino-aprendizagem

Nesta categoria demonstramos as representações que surgiram, com muita frequência, sobre as concepções, dificuldades e contribuições encontradas quanto ao uso das UC's como recurso pedagógico. Foram coletadas representações sobre a importância desta prática inovadora no desenvolvimento do processo ensino aprendizagem com os estudantes.

Concepções sobre o espaço não formal

Ao analisar o “corpus” coletado foram observadas algumas representações que determinam as características e a importância do espaço, sendo este visto como recurso pedagógico. Os principais pontos levantados pelos discentes pesquisados, em relação a esta visão foram:

- a) Espaço de integração do homem com a natureza;
- b) Espaço identificado como recurso pedagógico.
- c) Importância desta prática para sensibilizar, gerando mudança de postura;
- d) Formação do cidadão crítico – olhar crítico;
- e) Importância desta prática com o intuito de dar suporte à educação formal.

Uma das situações mais relatada pelas discentes pesquisadas, após a visita à UC, é a relação do espaço como sendo de integração do homem com a natureza. Enumeraram como sendo importante para a reflexão, sendo que seu uso deslumbraria e poderia levar os estudantes a despertar para a importância da

preservação para a sociedade, criando vínculos e novas posturas para que haja a sua valorização, com o intuito de superar a visão de dominação que sempre caracterizou as relações entre o homem e a natureza.

E-12 - E só sentindo na pele para entender a importância da preservação ambiental; **não só para nós seres humanos, mas também para a vida de outras espécies** que dependem desse bem tão precioso.

Pro aluno porque por mais que não aprenda a matéria, **se ele levar um pouquinho daquela experiência que está tendo ali de vivência, ele nunca vai esquecer, vai ser um adulto mais sábio**, um adulto que conserva, que respeita o meio ambiente.

E-04 - Ao pensar que ao nosso redor existente tão pouco dos habitats naturais. Nós, seres humanos, **devemos sim apoiar, participar e incentivar a preservação do meio com respeito e harmonia**. Para **conciliar o desenvolvimento ou a sustentabilidade** de uma sociedade sem a destruição do mesmo.

Eu acho que a criança que tem o contato, ali, direto com a natureza, com a água, com tudo, **vai aprender muito mais do que se for só no livro, dentro da sala de aula, aquele contato vai despertar muito mais coisas nela, muito mais vontade de cuidar, de ter...** O pertencimento à natureza, não é o ter a natureza é o pertencimento, ele pertence a ela então ele tem que cuidar.

E-13 - Observando um local de Natureza rica, **pode tirar a experiência prática de que para se ter qualidade de vida é preciso preservar a natureza. O dinheiro não nos proporciona um ar puro para respirar, uma água pura para beber, mas a natureza sim!** Precisamos valorizar as riquezas que Deus nos deu e não as riquezas do mundo capitalista.

A gente tem que dar banho de realidade nas crianças desde cedo porque se a gente deixar pra fase adulta, infelizmente não vai ter consciência mais. Porque a consciência vem de tempos em tempos, ela vem amadurecendo, é igualzinho uma fruta, começa pequenininha até ela chegar ao ponto de adulto, a gente tem que adubar devagarzinho.

E-08 - Diante da oportunidade de conhecer a reserva, **vale salientar a importância da conservação da mesma. E a necessidade de conscientizar as pessoas ao nosso redor.**

E-10 - **A RPPN proporciona um espaço rico de integração da natureza com o homem, pois este contato nos faz ter outra visão.**

Eu acho que aí você preocupa, vem aquela preocupação, **se você não sentir, não vê que aquilo lá está acabando, tudo, se você não sentir na pele você não conscientiza não.**

E-05 - **É conscientizar desde pequeno mesmo que a gente deve fazer a parte da gente e é com pequenas atitudes mesmo que se faz pra fazer grandes coisas**

Quadro 3 Espaço de integração homem-natureza

Esta nova concepção, que partiu de uma reflexão pós-visita, tendo como base uma proposta de valorização e preservação destes espaços, comprova o que Jacobi, Fleury e Rocha (2004) ressaltam sobre a inserção da EA nestes contextos, pois a partir do momento que os alunos participam, observam e sentem na pele as mudanças em sua postura diante de tais situações. Com isso, a EA pode gerar um debate ecológico, objetivando expandir para uma grande quantidade de pessoas envolvidas na prática, a sensibilização ambiental, sentimento de pertencimento e o processo de conscientização, mecanismos fundamentais para a formação de cidadãos plenos com olhar crítico, conforme apontado pelos pesquisados.

Esse aspecto comprova o que Chagas (2005 apud SILVA et al., 2010) resalta sobre a experiência própria, que por meio da vivência, contribui para gerar uma melhor compreensão do meio ambiente, resultando, no indivíduo, novas posturas e valores frente aos impactos causados pelo homem na natureza.

Sendo assim, pode-se afirmar a validade das atividades práticas realizadas em espaços não formais de aprendizagem. Elas aprimoram o processo de ensino-aprendizagem, resultando em mudanças de postura do aluno em formação e dos próprios professores.

E-05 - Nós fazemos parte então se a gente faz parte de algo que é essencial pra nós então a gente tem que conscientizar. **Mas esse conscientizar não é só cuidar do que está lá é cuidar do que está aqui perto.**

E-10 - Ele trás uma bagagem de aprendizagem muito grande porque a criança tem uma bagagem, **ela passa a vivenciar uma situação e volta com outra completamente diferente.** Então isso tem que acontecer mais frequentemente nas escolas públicas.

E-13 - **Uma conscientização muito grande do que é meio, meio não é aquele lá longe, meio é aquele que nós estamos e nós fazemos parte dele, então assim, cria-se um hábito muito grande de cuidar daquilo que está lá pertinho dele,** da sua mesa sentado na sala de aula, da sua mesa na cantina, do banheiro masculino ou feminino, do pátio, da hora da educação física, terminou a brincadeira de estar juntando o material, então assim, acabou de merendar de jogar o seu lixo, que às vezes tem o dia da bobagem, que eles levam coisas com embalagem, de jogar no lixo, de voltar o prato pra cantina, então são hábitos que colocar a criança na exposição do meio ele começa a perceber o valor que ele tem que dar a poucas coisas e passar a fazer disso virar hábito, de cuidar daquilo que está perto dele, ser hábito.

E-04 - Isso que a gente tem que levar pra sala de aula e eu fiquei com vontade, **eu quero fazer isso com os meus alunos eu pretendo fazer isso.**

Quadro 4 Práticas que geram o processo de conscientização

Outro ponto importante levantado pelos discentes sobre o espaço, se refere à relação existente como recurso pedagógico, pois foi destacado que podem ser trabalhados diversos assuntos sobre a rica biodiversidade encontrada, tipos de vegetação e relevo, além de relatar sua importância para a conservação da vida.

E-05 - A aula de campo vivenciada foi motivo de reflexão de como é fundamental **gerar experiências significativas para ocorrer o aprendizado com prazer e assim internalizar no aluno o conhecimento**. O professor tem nas mãos vários recursos **que nem requer custo**, um campo para explorar os sentidos, a imaginação, a conscientização de quem somos no mundo.

E-04 - Por tudo isso é que temos de trabalhar dentro de sala de aula este assunto e tendo a oportunidade de **colocar em prática a teoria de livros e pensadores** ao depararmos com um lugar lindo, encantador, deslumbrador como essa RPPN, onde deixa nossos olhos e corações cheios de lágrimas; com a esperança de um mundo melhor.

E-10 - Como educador é um espaço muito rico para se trazer nossos alunos para **mostrar na prática sobre a diversidade de espaços e vegetação**; e esta riqueza que fascina e está tão perto de nós e poucas pessoas sabem dar o valor para tudo que temos.

Quadro 5 Quadro de conteúdo 04 Espaço como recurso pedagógico

Sendo assim, após o trabalho em sala de aula, seria colocado em prática, utilizando as UC's como recurso pedagógico, pois poderiam associar a prática com a teoria, podendo o professor explorar os sentidos e a partir do que foi observado, iniciar o processo de conscientização. Esta proposta corrobora com Chagas (2005 apud SILVA et al., 2010) que ressalta sobre a importância dessas atividades práticas, pois podem despertar o interesse e motivação pelo fato de serem ambientes diferentes de sala de aula, favorecendo o surgimento de sensações e emoções, não concretizadas totalmente durante as aulas teóricas.

Outro ponto destacado se refere à utilização de espaços diferenciados como suporte para a educação formal, comprovando o que ressalva Gohn (2010), pois servem de auxílio, principalmente quando articulados com as escolas e o conteúdo disposto em sala de aula.

E-13 - O olhar crítico, o olhar observador, o olhar curioso, porque toda criança é curiosa. Se nós adultos somos fascinados com o mínimo, a criança é fascinada com o mínimo do mínimo, então a gente desperta muito mais na criança ao mostrar pra ela que além daquele quadro negro que está na sua frente, daquele livro, a gente tem muito mais imagens e as imagens falam muito mais do que as nossas palavras.

E-11 - Eu acho que por ser um ambiente muito rico todos iam trazer uma novidade pra discutir entre a turma.

Quadro 6 Espaço RPPN despertar para outros recursos

Práticas e conteúdos inovadores a partir do uso das UC's

A importância das atividades práticas fora do ambiente formal já foi ressaltada anteriormente. Quanto às práticas e aos conteúdos propostos para o trabalho com os alunos, vale destacar a fala de um dos discentes, que aponta: após sua execução, o professor deve coletar as interpretações e os significados registrados pelos alunos como parte do processo avaliativo dele, pois devemos sempre valorizar o que foi construído por eles. Os outros pontos principais destacados pelos discentes foram:

- a) Construção de práticas inovadoras para despertar o interesse;
- b) Pode ser explorada a questão da observação e registros construídos;
- c) Valorização dos significados construídos pelos alunos;
- d) Construção do conhecimento em conjunto com os alunos.
- e) Importância na execução destas práticas.

Dentro deste processo, foram destacados os métodos da observação e registro, de fotos ou relatos, para depois ser feita a demonstração em sala ou para toda a escola. Esta divulgação para a escola, de modo geral, tem o objetivo de despertar e incentivar outros docentes a realizarem atividades fora dos muros da escola, além de aprimorar o processo de ensino aprendizagem.

E-10 - Eu acho que seria essa **questão mesmo de observação**, o que se observou a diferença, a transformação que ocorre... Até falei com sua esposa lá, a gente vivendo, sentindo a gente começa a entender,

E-05 - **Você pode explorar a questão da paisagem, dele fazer o registro, por exemplo, com crianças menores.** O registro, igual foi colocado, as sensações que cada um teve, utilizar as folhas secas, buscar algo que a gente podia trazer do local e fazer uma pesquisa dentro de sala através do registro mesmo de fotos depois fazer um debate dentro de sala, acredito que é um leque muito grande que você pode buscar dentro do que a gente viu lá.

E-13 - **É uma prática valiosa.** Tem que ser feita, deve ser feita e **deve ser incentivado.**

Quadro 7 Práticas dentro do Espaço não formal

Ainda em relação à divulgação para a escola, vale ressaltar o aspecto da valorização da experiência vivenciada pelo/s estudante/s durante a execução dessa prática inovadora e, a partir dessa vivência, valorizar a construção de significados que emergiram dele/s, conforme ressaltam alguns autores, como Freire (2011) e Gadotti (1996). Para esses autores, esse processo conhecido como “codificação²⁹” (FREIRE, 2001, p. 36) leva educadores e estudantes a refletirem juntos sobre o contexto real onde estão inseridos. Essa prática de valorização do contexto/história pode resultar em reflexão e, conseqüentemente, haverá transformação via mudança de postura.

Quando o professor valoriza o pensamento do estudante, constrói-se um processo de ensino horizontal, como propõe Freire (2010). Farias e Alves (2007 apud SILVA et al., 2010) ressaltam que o educador que dá oportunidades aos discentes, quanto à exposição de suas ideias, gera um espaço de reflexão, por meio do diálogo; e à medida que os estudantes observam e analisam a prática em seu contexto, podem propor transformações para toda a sociedade.

²⁹ Codificação – representa uma dimensão dada da realidade tal como a vivem os indivíduos, e esta dimensão é proposta à sua análise num contexto diferente daquele no qual eles a vivem. Neste processo, a codificação transforma o que era uma maneira de viver num contexto real (FREIRE, 2001, p. 36).

E-05 - De repente o aluno vai trazer uma ideia e que eu possa aproveitar também pra trabalhar também dentro de sala de aula, né? **Isso também tem que ser valorizado porque talvez algo que eu não percebi o meu aluno vai perceber.**
E-11 - Eu pediria a todos para que fizessem uma redação, relatório referente ao fato, e **ali discutir entre as turmas, entre os alunos participantes e os não participantes para que todos tenham um conhecimento do local** e entre essas avaliações eu ia tirar o que eles aprenderam do local.

Quadro 8 Valorização do pensamento do aluno

Em suma, nas representações coletadas observam-se discursos favoráveis à execução dessas práticas, com o objetivo de oportunizar aos alunos uma compreensão mais prazerosa e integrada da temática Meio Ambiente. Nesse processo de conscientização, não há espaço para a visão predatória e todas as ações passam a focar o bem coletivo. Corroborando com Chagas (2005) quando ressalta a importância das práticas para o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem, resultado de uma participação em atividades fora do espaço escolar.

E-05 - **É no fazer o diferente que você vai despertar no aluno:** nossa então é assim?
E-04 - É melhor pro aprendizado, eu acho **que a criança aprende muito mais tendo esse contato do que só com os livros.** Eles vão aprender mais, ter mais vontade de cuidar, de estar ali na natureza.
E-12 - Mais uma experiência que você nunca vai esquecer. É uma atividade que tem que ser feita com o aluno, porque realmente põe na prática, realmente ele vê, vivencia... **Você aprende muito mais na prática, na vivência ali que você vê, você sente aquilo, do que só teoria,**
E-11 - Porque eles estariam **vendo na prática, sentindo na pele, conhecendo pessoalmente seria muito mais prazeroso o aprendizado.**

Quadro 9 Discurso favorável às atividades práticas

Dificuldades quanto ao uso das UC's

Dentro do processo de análise do “corpus” coletado, foram observadas, com frequência, também, algumas representações que determinam ser grandes

barreiras para a concretização das atividades fora dos muros da escola. Os principais pontos levantados pelos discentes em relação a essas dificuldades foram:

- a) Interferência contrária da escola;
- b) Interferência contrária da família;
- c) Proposta de formação tecnicista;
- d) Comodismo por parte dos professores;
- e) Acesso, devido à falta de recursos.

A interferência contrária da escola - uma das dificuldades apontadas pelos discentes pesquisados – foi a que teve maior incidência. Tal fato pode ser explicado através de questões relacionadas à legislação do ensino, que determina que o processo ensino-aprendizagem deva ocorrer formalmente e dentro da sala de aula.

Essa postura é encontrada na maioria das escolas, demonstrando o aspecto tecnicista da proposta de currículo, cuja formação está baseada na preparação para o mercado de trabalho, conforme ressaltam alguns autores (CHAUÍ, 2001; LIBÂNEO, 1993; MORA, 2006).

E-13 - Na escola, não a escola, na gestão escolar existem dois lados, aquele que quer que os alunos produzam, que sejam diferentes, mas aquele que esbarra na legislação, a gente tem diretores com qualidade, **mas existe uma legislação que às vezes impede a direção de estar podendo fazer mais**, igual à legislação da LDB, à constituição do menor e do adolescente que, às vezes, impede a direção da escola de estar fazendo mais, de estar promovendo mais coisas porque proíbe a gente de estar fazendo algo sem autorização dos pais, e os pais são os primeiros que impõem pra gente um não grande.

Quadro 10 Dificuldades encontradas na legislação

Outra dificuldade apontada foi a falta de apoio da família, que prefere que as atividades práticas aconteçam dentro da sala de aula, temendo que os alunos sofram algum acidente e se machuquem.

E-13 - Eu acho que a primeira barreira que a gente encontra é a família, porque a família já não dá apoio nenhum para o professor dentro de sala de aula. Quando fala “a gente tem que fazer uma excursão” aí eles colocam mais imposição: **Ah mas o meu filho vai cair, meu filho vai machucar, lá é perigoso.** Aí já não dá as autorizações que é necessário pra nós professores estarmos saindo da escola com as crianças. Então a primeira dificuldade que a gente esbarra é com a família.
E-10 - Eu acho que é mais a **questão dos pais**, acho que vai muito dos pais, às vezes, têm muitas atividades na escola que os pais não deixam as crianças irem.
E-04 - Que os pais que podem não querer deixar levar os filhos, **ficam com medo de bicho, de machucar, tem essas coisas.**

Quadro 11 Dificuldades impostas pela família

O comodismo dos professores foi outra dificuldade apontada pelos discentes pesquisados. Segundo eles, os professores se recusam a adotar práticas de ensino inovadoras, priorizando o modelo didático-pedagógico tradicional baseado em aulas expositivas, o famoso “cuspe e giz”.

Tal situação é resultado da falta de formação do professor reflexivo, capaz de trabalhar propostas transformadoras, através da conscientização. Como ressalta Pimenta e Ghedin (2012), a proposta da reflexão resultará na formação emancipadora das sociedades, resgatando a dignidade do ser humano no interior da cultura a que pertencemos.

E-08 - Tanto por parte da escola como dos pais de estar liberando os alunos pra estar indo no espaço que a gente foi. Que **a responsabilidade é muito grande e muitos professores não vão querer isso, vão querer uma coisa mais simples da sala de aula.**

E-12 - Comodismo. É mais fácil você abrir o livro, colocar um vídeo do que você estar levando os alunos pra um espaço que tem imprevisto, que eles podem machucar, um carro pode estragar, pode demorar pra chegar e **o comodismo deixa mais quieto dentro da sala de aula, é mais simples, entra, bateu o sinal eles vão embora.**

E-04 - Eu acho que às vezes por **puro comodismo, eu acho que comodismo porque enquanto você está na sala de aula trabalhando com seus alunos é mais tranquilo,** você tem eles ali ao seu redor, está na sala, está quietinho. Aí eles vão pra um lugar assim, eles vão querer ver as coisas, vão querer andar, vão querer colocar a mão. Então tem que ficar atento a todo momento porque, né, claro que pode acontecer alguma coisa. Eu acho que por isso, comodismo mesmo.

Quadro 12 Dificuldades encontradas no professor

Nas representações feitas pelos discentes pesquisados, a questão do acesso foi apontada como outra barreira. A falta de recursos material e financeiro representa um enorme obstáculo ao deslocamento para as UC's, dificultando a concretização das atividades fora dos muros da escola. No caso específico desta pesquisa, por exemplo, a UC que serviu como fonte de recurso pedagógico está localizada distante do município onde residem os discentes pesquisados.

Esta realidade corrobora com Tardif (2002 apud ANDRADE; MASSABNI, 2011, p. 849) que ressalta sobre a dificuldade dos docentes, quanto à falta de apoio da direção, principalmente, relacionado ao apoio pessoal e transporte. Sendo assim, pode-se encontrar vários docentes dispostos a realizar estas atividades, com boa formação, mas que muitas vezes, esbarram nesta burocracia estatal para concretizar o processo ensino aprendizagem.

E-13 - A segunda dificuldade é às vezes a **direção da escola não apoiar** completamente os nosso passeios, assim, especificamente neste parque, nessa APP, **por ser um lugar distante de Oliveira e ser um caminho com muitas dificuldades naturais,**

E-05 - É claro assim que, locomoção, **a questão do custo, né?** Tudo tem um custo e, muitas das vezes, tem que partir do professor e essa questão quando envolve **questão financeira é um dificultador,** eu acredito.

E-12 - Eu acho o **acesso, o acesso pra você chegar lá é um pouco complicado** se for com menino pequeno de 6-7 aos de idade é um pouco difícil de chegar.

E-11 - A dificuldade que eu acho é referente à **condução de alunos até o local, devido ser um local distante,** de muitas cidades, de muitas escolas, então eu acho que a dificuldade seria a condução dos alunos.

Quadro 13 Dificuldades determinadas pela escola

7.2.2 Representações e significados construídos a partir do uso das Unidades de Conservação

Nesta categoria, procurou-se compreender e explicitar as representações formadas, dando ênfase sobre o espaço não formal, ao perfil do professor que executa as atividades e à postura da escola frente ao objetivo de aprimorar o processo ensino-aprendizagem.

Foram relatadas pelos discentes pesquisados algumas representações sobre os professores e a escola; representações sobre o espaço não formal, além da construção de novos significados e sentimentos após a visita promovida.

Representações sobre os Professores e a Escola

Ao analisar o “corpus” coletado, foram observadas algumas representações. Essas representações emergiram relacionadas à figura do professor que executa estas atividades fora da escola. Dentre os pontos principais levantados nas representações estão:

- a) Temor de alguns professores na execução destas práticas;

- b) Falta de professores reflexivos;
- c) Professores que pensam nestas práticas têm um olhar diferenciado;
- d) Falta de apoio da escola na execução destas práticas.

Esta figura do professor que pensa em executar práticas diferenciadas, determinada pelos discentes pesquisados, é apresentada de forma positiva, destacando a atitude deste profissional audacioso, criativo e que busca algo diferente em suas práticas de ensino, proporcionando um aprendizado relacionado com a prática, para que haja a sensibilização e transformação do comportamento do aluno, gerando um cidadão mais atuante.

Nesta situação, o professor é representado numa perspectiva transformadora, capaz de propor mudanças, conforme propõe Guimarães (2000), principalmente, relacionado à questão ambiental. Com esta postura, o professor estabelece critérios de ensino observados na EA Crítica, assumindo a postura de um professor reflexivo.

<p>E-13 - Eu acho que eles são inovadores, eles são preocupados com o futuro.</p> <p>E-10 - Eu acho muito interessante, fora de sala de aula estar levando as crianças e mostrando eu acho muito interessante. Acho um ponto positivo. Eu acho que ele está ajudando, colaborando e incentivando as crianças para um futuro melhor.</p> <p>E-05 - Esse perfil desse professor é aquele que aceita os desafios. Que aceita o desafio, que busca o novo, é porque é no diferente que a gente faz a diferença, eu acredito nisso. Eu penso comigo que professores assim são realmente aqueles que acreditam que podem fazer a diferença mesmo. É aquele professor que não tem medo de arriscar e buscar algo diferente. Que acredita no aluno porque realmente tem aquilo como vocação, uma missão por que se aquele professor que vai só pra sala de aula e não tem aquela responsabilidade.</p> <p>E-12 - Sábios. Porque realmente dá valor no que tem. Que não fica procurando obstáculos pra trabalhar porque é uma coisa que está ali, uma coisa de fácil acesso, que vai ser muito bom pra ele como professor que está criando, ali, cidadão.</p> <p>E-11 - Eu diria que os professores são de uma criatividade e de uma ousadia tremenda.</p> <p>E-08 - São inovadores e corajosos.</p>

Quadro 14 Professor e posturas transformadoras

Em outras representações, foi ressaltado que muitos professores têm dificuldade ou não querem desenvolver estas atividades fora dos muros da escola. Essa postura é assumida por profissionais mais antigos, que alegam ser difícil o deslocamento e o temor por apresentarem muito conteúdo a ser repassado em sala de aula. Esta situação apresentada pode ser comprovada pela falta de preparo do professor; temor, devido a comportamentos inadequados dos alunos e/ou falta de compromisso profissional dos professores experientes, ou de visão da importância de utilizar estes espaços como recursos pedagógicos (ANDRADE; MASSABNI, 2011).

Assim, o professor apresenta uma figura tradicionalista, focando numa educação “bancária”, como ressalta Freire (2001, p. 92). Este processo de “concepção acumulativa da educação” tem como proposta de ensino, baseado no “ato de depositar” comunicados, para que aconteça depois, repetição. Este modelo pedagógico ainda é encontrado nas escolas, não trazendo muita perspectiva de mudança de postura.

E-13 - A maioria tem dificuldade de ir além dos muros da escola. Muitos se preocupam com os conteúdos, eu tenho conteúdo demais pra dar, não gosto de sair, não vai dar tempo e tal.

E-10 - Eu acho que muitos não. A gente vê ali na prática nas escolas, você vê que não tem, **acham uma dificuldade tirar as crianças, não faz nada diferente.**

E-04 - Têm muitos que tem medo, tem medo, **acomoda,** eu acho que alguns sim têm essa vontade,

E-12 - Os que já estão na área, não. Não é porque não tem material e não é porque às vezes não tem conhecimento, **é porque não quer.** Porque acesso eles todos têm acesso a tudo que está aí, **só que eles não querem, eles acham que é difícil sair de sala de aula, de quatro paredes com as crianças, acham que não é importante, acham que só o conhecimento de livro é suficiente, só que não é.**

E-11 - As dificuldades muitas vezes impedem e fazem com que eles fiquem temerosos em extrapolar os muros da escola.

E-08 - Acho que os professores mais antigos de casa tem um receio de mudar.

Quadro 15 Professor Tecnista

Outro fator destacado nas representações é quanto ao papel da escola, pois foi relatado que há a falta de apoio da instituição na execução das atividades, mesmo tendo professores que se disponibilizam a querer fazer diferente. Neste caso, o profissional, muitas vezes, têm que superar essa dificuldade de apoio, com os recursos encontrados dentro de sala de aula ou até mesmo com suas próprias rendas econômicas.

<p>E-05 - Hoje os professores assim que se disponibilizam, que quer fazer algo diferente, são exceções porque muitas das vezes não têm o apoio da instituição onde trabalham, aí ele tem que superar essa dificuldade.</p> <p>E-08 - Mas a gente que está entrando agora, acho que vai conseguir entrar com uma carga nova, com novas ideias e vai tentar mudar o conceito da escola de estar transmitindo conhecimento. Mas, para isso, tem que ter apoio da direção.</p>
--

Quadro 16 Dificuldades determinadas pela escola

Sentimentos e significados construídos sobre o espaço não formal

Nota-se que a prática de acompanhar pessoas em áreas protegidas resulta, muitas vezes, no surgimento de variados sentimentos após estas visitas. Neste sentido, foram levantados alguns pontos principais, relacionados aos sentimentos e significados construídos, depois da execução desta atividade. São eles:

- a) Sentimento positivo;
- b) Nova postura do professor frente ao ato de ensinar;
- c) Novos olhares sobre a questão ambiental.
- d) Espaço rico em biodiversidade.

Dentro deste contexto relacionado aos sentimentos e observando as representações produzidas pelos discentes pesquisados, encontram-se algumas interpretações positivas quanto ao espaço utilizado como fonte de pesquisa,

devido a sua rica biodiversidade. Os discentes pesquisados apresentaram o sentimento de fascinação e ao mesmo tempo de impotência frente à ação do homem sobre o meio ambiente, além de demonstrarem a importância da conservação destas áreas protegidas para o bem coletivo.

E-12 - Consegui ver, aqui na mata, muitas espécies de plantas nativas que exalam cheiros maravilhosos, como as nascentes são as mais prejudicadas com a degradação da natureza.

Me senti pequena, minúscula, porque vê que está estragando o meio ambiente e eu não poder fazer nada, é ruim.

E-08 - Ao entrar na mata, pude notar a diferença no cheiro, cheiro adocicado e amadeirado de flores e frutos que não conheço. Uma sensação de paz e tranquilidade. O aveludado das folhas e as diferentes flores cada uma com a sua beleza individual. A diferença do clima quando entramos na mata. Perto da água é mais úmido e com mais fungos.

E-11 - Para minha surpresa, revivi cheiros, visões que há muito tempo estavam guardados em minha memória. Só chegar na mata, percorremos diversos caminhos muitas visões, caminhar por trilhos, pular cercas, sentir o cheiro de diversos perfumes da natureza, ouvir o barulho das folhas, dos galhos, o som do vento, o barulho da água. Só subir na pedra, foi enorme minha emoção, sentir que podia voar, abri meus braços, deitei e fiquei olhando o belo céu. Fiquei encantada ao saber que em um pequeno espaço posso encontrar árvores, folhas, flores, bichos, terra molhada e seca.

E-05 - Eu me **senti engrandecida, aprendi e cresci** não só como estudante, mas **como ser humano** também,...

Quadro 17 Representação sobre o Espaço Não Formal

Outro fator constatado é a formação de novos pensamentos relacionados à nova postura do homem com um olhar diferenciado sobre o meio ambiente. Foi relatado também o importante papel do professor no processo de ensino: um profissional que deve sempre buscar a transformação do estudante, tornando-o um cidadão crítico através da reflexão, como ressaltado por Freire (2001), além de demonstrar que as atividades podem gerar uma mudança de postura, com grandes reflexos para a sociedade como um todo.

E-11 – Depois dessa excursão, me mostraram a olhar com **olhar diferente**, eles me mostraram que ali, num pequeno pedaço de chão, eu posso ter **grande diversidade, coisa que eu não estava acostumada a olhar**. Foi algo que **me fez valorizar mais o chão que eu piso**. Eu devo repensar no modo de viver.

E-04 - Eu senti bem, eu senti vontade de cuidar mais, eu acho que às vezes eu faço pouco, **eu melhorei até em casa pra poder separar meu lixo, eu acho que eu melhorei depois da visita lá...** motivaram a gente, despertaram na hora lá esse **olhar diferente** que eu acho que **o professor** que leva os alunos a um lugar como esse, a uma reserva, ele **tem que despertar no aluno dele**, esse lado, ele tem que **mostrar que é necessário...** Meio ambiente pra mim agora, eu pertenco a ele, **eu sinto que é a minha vida**, então eu preciso cuidar, **se eu quero viver, eu tenho que ter esse cuidado com ele**. Meio ambiente pra mim agora mudou, mudou mesmo sabe. Era uma coisa, agora pra mim é muito mais do que era. **Eu sinto mais necessidade de ter esse cuidado** e de até falar com os meus filhos lá em casa desse cuidado que a gente tem que ter, **eu mudei bastante depois dessa visita**.

E-05 - Então o papel do professor é formar o cidadão crítico e reflexivo, a função, acho que maior do professor é essa, que a partir do momento que o professor aborda temas dentro de sala, que vai levantar não só o conhecimento mais que o aluno possa, **provocar no aluno uma reflexão e isso é muito importante. Isso que eu senti. Poxa vida, a partir do momento que eu viver essa experiência aqui na mata, eu comecei a perceber algo mais**.

Quadro 18 Papel do professor

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A verdade é que, depois de séculos de modernidade, o vazio do futuro não pode ser preenchido nem pelo passado nem pelo presente. O vazio do futuro é tão só um futuro vazio. Penso, pois, que, perante isso, só há uma saída: reinventar o futuro, abrir um novo horizonte de possibilidades, cartografado por alternativas radicais às que deixaram de o ser. (Boaventura de Souza Santos)

O presente trabalho teve como objetivo fazer uma análise qualitativa sobre a visão de futuros professores quanto ao uso de espaços não formais de educação. Com o propósito de responder à pergunta: como os estudantes do Curso de Pedagogia percebem, em sua formação inicial, o desafio de utilizar ambientes educativos não formais, mais precisamente as Unidades de Conservação, como recursos pedagógicos de Educação Ambiental? Tal análise se mostra de grande importância, ao se perceber o potencial encontrado nestes ambientes não formais de educação.

Conforme ressaltado e observado nos resultados, a utilização de UC's como espaço educativo pode servir de auxílio ao aprimoramento do processo de aprendizagem do ensino formal, abrangendo diversas áreas do conhecimento, relacionadas ao processo de sensibilização, não substituindo o processo estabelecido nas escolas. Apresentando um diferenciado aprendizado como características: de ser mais aberto e sem normatização, podendo gerar um conhecimento, uma maior dedicação e absorção do aprendizado, pois está relacionado à experiência vivenciada pelos estudantes.

Além de que, nestes espaços, as práticas a serem desenvolvidas, conforme ressaltado por alguns autores (GOHN, 2009; GUIMARÃES, 2000), podem contribuir para amenizar os problemas ambientais resultantes da ação humana, devido ao surgimento do sentimento de pertencimento e novas mudanças de postura. O processo da sensibilização torna-se possível, desde que

as pessoas se percebam como sujeitos coletivos, podendo intervir na realidade, constituindo novas relações com a natureza.

Mas, nota-se que se deve enfrentar alguns desafios, pois a formação docente carece de modificações quanto à visão sobre o Meio Ambiente e utilização de diversos espaços como recurso pedagógico, pois durante a realização da pesquisa, os estudantes pesquisados ressaltaram que tiveram contato com diversos espaços de educação não formal, antes, sendo este por motivo de lazer. Consequentemente, nota-se a falta de objetivos ao realizar estas atividades, visando o aprimoramento profissional, vindo a formar uma postura despreocupada quanto aos problemas ambientais, devido à falta de sensibilização pelo espaço, confirmando uma postura conservadora dos docentes na atualidade.

Para que ocorra esta mudança de concepção, deve-se galgar uma formação de um professor mais reflexivo, que tenha objetivos de transformação social, tanto na formação inicial e se estendendo para a formação continuada.

Destaca-se durante a formação inicial, a falta de uma disciplina que trabalhe o processo ensino-aprendizagem em diversos tipos de espaços. Nesta situação, deve-se repensar a importância do enquadramento na base curricular, um preparo teórico e prático dos professores, com o objetivo de valorizarem as atividades práticas e as formas de implementar no cotidiano, conforme propõe a DCN do Curso de Pedagogia, na temática da utilização dos espaços de educação não formal no contexto da formação inicial.

Mas, pouco resolverá se o professor tiver um bom preparo e, por outro lado, a escola e o sistema educacional não se comprometerem a estimular e apoiar o desenvolvimento destas atividades práticas, integrando-as no cotidiano escolar, melhorando as condições de acesso/acessibilidade e infraestrutura para a execução destas atividades.

Percebe-se, também, que a educação está ainda muito ligada à sala de aula, ao método tradicional, o que vem dificultar a observação dos professores quanto à importância da utilização destes ambientes de educação não formal, como recursos pedagógicos. No entanto, este seria o grande desafio que se configura e que deve ser modificado com uma nova postura do educador, constituindo-se no professor reflexivo, criando práticas com o objetivo do aprimoramento profissional.

De acordo com o envolvimento dos futuros professores pesquisados e sua relação com o objetivo geral, observamos a valorização quanto ao uso destas práticas em ambientes de educação não formal. Devido aos sentimentos e significados construídos, nota-se através das representações coletadas, que a execução de tais práticas pode resultar na formação do cidadão crítico, com novas posturas frente às atitudes cotidianas, além da formação de um processo de reflexão e compromisso de mudança de postura frente à ação do homem em relação à natureza.

Por fim, ressaltamos que apesar das mazelas da educação, observa-se uma trajetória positiva, com várias conquistas sociais, como por exemplo, a democratização do ensino público. Mas, para galgar esta nova postura do educando, de cidadão crítico e participante, o profissional da educação tem grande importância e mecanismos para esta transformação.

Sendo assim, deve-se comprometer e se valorizar quanto ao seu papel perante a sociedade, apresentando uma visão mais transformadora, além de criar novas alternativas, com o uso destes espaços não formais e exemplos locais, para despertar nos educandos, maior compreensão sobre os assuntos abordados nos livros didáticos, de forma mais prazerosa e contextualizada. Neste sentido, o compromisso maior seria conservar, através destas atitudes, o maior patrimônio do ser humano: a VIDA.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. F.; MASSABNI, V. G. O desenvolvimento de atividades práticas na escola: um desafio para os professores de ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 17, n. 4, p. 835-854, 2011.

BARBIER, R. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007. 160 p.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Setenta, 2011. 279 p.

BENITE, A. M. C. Considerações sobre o enfoque epistemológico do materialismo histórico-dialético na pesquisa educacional. **Revista Iberoamericana de Educação**, São Paulo, v. 50, n. 4, p. 1-15, set. 2009.

BOGMAN, R.; BIKLEN, S. (Ed.). **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994. 80 p.

BOTON, J. M. O meio ambiente como conformação curricular na formação docente. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 41-50, set./dez. 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 9795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 79, p. 41, 28 abr. 1999.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 dez. 2013.

BRASIL. Lei nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Sistema Nacional de Unidades de Conservação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, n. 138, p. 48, 19 jul. 2000.

BRASIL. **Resolução nº 2**, de 15 de junho de 2012. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17810&Itemid=866>. Acesso em: 28 ago. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília, 1997. 128 p.

CARVALHO, I. C. M. Introdução. In: _____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 22-35.

CHAGAS, R. R. D. **O potencial dos espaços públicos de Aracaju (SE) como locais de desenvolvimento de práticas em Ecologia: sugestões e aplicação**. 2005. 43 p. Monografia (Graduação em Biologia) - Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2005.

CHAUÍ, M. de S. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: UNESP, 2001. 205 p.

CUNHA, M. I. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 32, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v.11/n.32/>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hacitec, 1996. 169 p.

FERREIRA, B. **Análise de conteúdo**. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/psicologia/psi-dicas-art.htm>>. Acesso em: 12 out. 2013.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2012. 125 p.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001. 117 p.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 189 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. 253 p.

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DE OLIVEIRA. **Projeto político pedagógico do curso de pedagogia**. Oliveira, 2007. 127 p.

GADOTTI, M. **Paulo Freire: uma bibliografia**. São Paulo: Cortez, 1996. 765 p.

GADOTTI, M. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000. 160 p.

GOHN, M. G. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010. 104 p. (Coleção Questões da Nossa Época, 1).

GOHN, M. G. Educação não-formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão social. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GOHN, M. G. Educação não formal: participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papyrus, 2000. 107 p. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papyrus, 2004. 174 p.

IASI, M. L. **Processo de consciência**. São Paulo, CPV, 1999. 79 p.

JACOBI, P. R. Democracia e participação na gestão dos recursos hídricos no Brasil. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 237-244, jul./dez. 2007.

JACOBI, P. R. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 118, p. 189-205, mar. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

JACOBUCCI, D. F. C. Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 55-66, jan./jun. 2008.

LAYRARGUES, P. P. A crise ambiental e suas implicações na educação. In: QUINTAS, J. S. (Org.). **Pensando e praticando educação ambiental na gestão do meio ambiente**. Brasília: IBAMA, 2002. p. 159-196.

LIBÂNEO, J. C. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Ed.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 53-79.

LIBÂNEO, J. C. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: LUCKESI, C. C. (Ed.). **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1993. p. 11-19.

LOUREIRO, C. F. **Sustentabilidade e educação**: um olhar da ecologia política. São Paulo: Cortez, 2011. 128 p.

LOUREIRO, C. F. **Trajectoria e fundamentos da educação ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004. 168 p.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99 p.

MELLO, R. C.; SILVA, M. B. O. Epistemologias do sul e a soberania ambiental: a necessidade de superação do pensamento abissal. **Revista Eletrônica do Curso de Direito UFSM**, Santa Maria, v. 8, p. 107-119, 2013. Edição especial.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011. 1093 p.

MINAS GERAIS. **Conteúdo básico curricular**. Belo Horizonte, 2008. 80 p.

MINAYO, M. C. S. Desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-29.

MOLON, S. I. As contribuições de Vygotsky na formação de educadores ambientais. In: LOUREIRO, C. F.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Repensar a educação ambiental**: um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009. p. 141-172.

MORA, J. G. O processo de modernização das universidades européias: o desafio da sociedade do conhecimento e da globalização. In: AUDY, J. L. N.; MOROSINI, M. C. (Org.). **Inovação e empreendedorismo na universidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 116-152.

NARCIZO, K. R. S. Uma análise sobre a importância de trabalhar educação ambiental nas escolas. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 22, p. 86-94, 2009.

NÓVOA, A. **O professor pesquisador e reflexivo**. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59>. Acesso em: 30 ago. 2013.

OLIVEIRA, L. R. N. (Org.). **Unidades de conservação da natureza**. São Paulo: SMA, 2009. 104 p.

OLIVEIRA, R. C. F. Transversalidade no currículo escolar: ética e meio ambiente. In: SANTOS, C. P. (Coord.). **Educação ambiental: ação e conscientização para um mundo melhor**. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002. p. 98-115.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Org.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2012. 224 p.

PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 1, n. 1, p. 83-94, ago. 1997.

QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão ambiental pública: a construção do ato pedagógico. In: LOUREIRO, C. F.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 33-79.

SANTOS, B. S. **Introducción: las epistemologías del sur**. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/INTRODUCCION_BSS.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

SANTOS, B. S. Porque é tão difícil construir uma teoria crítica? **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 54, p. 197-215, 1999.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Almedina, 2010. 532 p.

SANTOS, V. M. N. Formação de professores para o estudo do ambiente: realidade socioambiental local e cidadania. In: TRISTÃO, M.; JACOBI, P. R. (Ed.). **Educação ambiental e os movimentos de um campo de pesquisa**. São Paulo: Annablume, 2010. p. 241-262.

SATO, M. **Educação para o ambiente amazônico**. 1997. 245 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1997.

SAVIANI, D. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2012. 473 p.

SILVA, P. M. S. et al. Unidade de conservação urbana como espaço educativo: práticas com alunos do ensino fundamental. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 25, p. 188-202, jul./dez. 2010.

SOARES, A. M. D. et al. Educação ambiental: construindo metodologias e práticas participativas. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, 6., 2012, Belém. **Anais...** Belém: ANPPAS, 2012. p. 1-18.

SOUSA, A. B. **Investigação em educação**. 2. ed. Lisboa: Livros Horizontes, 2009. 215 p.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 136 p.

TRILLA, J. A educação não-formal. In: ARANTES, V. A.; GHANEM, E.; TRILLA, J. (Org.). **Educação formal e não-formal**. São Paulo: Summus, 2008. p. 15-58.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TOZONI-REIS, M. F. C. **Educação ambiental: natureza, razão e história**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008. 166 p.

TRISTÃO, M. **A educação ambiental na formação de professores: redes de saberes**. São Paulo: AnnaBlume, 2004. 246 p.

ZACARIAS, R. Sociedade de consumo, ideologia do consumo e iniquidades socioambientais dos atuais padrões de produção e consumo. In: LOUREIRO, C. F.; LAYARGUES, P. P.; CASTRO, R. S. (Org.). **Repensar a educação ambiental: um olhar crítico**. São Paulo: Cortez, 2009. p. 119-139.

ZEICHNER, K. M. Uma análise crítica sobre a “reflexão” como conceito estruturante na formação docente. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008.

ANEXOS

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Nome:** _____

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) a participar da pesquisa *“O potencial didático de uma unidade de conservação: uma visão de professores no contexto da formação inicial”*. O objetivo da pesquisa é descobrir novas formas de trabalhar o conteúdo escolar em outros espaços, fora dos muros da escola, sendo que estes espaços são representados por áreas protegidas. A sua participação é muito importante e ela se dará da seguinte forma: inicialmente respondendo a um questionário, em seguida participando de uma entrevista após uma visita a uma unidade de conservação da região, sendo uma visita a um espaço fora dos muros da escola. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Os benefícios esperados são a melhoria da forma de ensinar utilizando novos espaços como recursos pedagógicos.

Informamos que o(a) senhor(a) não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão por conta dos pesquisadores.

Caso o(a) senhor(a) tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode nos contatar através dos dados a seguir:

André Luiz Ferreira da Silva, residente na Rua Francisco Bernardes Costa, 337, Bairro Acácio Ribeiro, Oliveira, estado de Minas Gerais; e-mail dede56@hotmail.com, ou Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Lavras, Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-1127, falar com Andréa.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue ao(a) senhor(a).

I - TÍTULO DO TRABALHO EXPERIMENTAL:

"O potencial didático de uma unidade de conservação no contexto da formação inicial de professores."

Pesquisador Responsável: André Luiz Ferreira da Silva

As informações contidas neste termo visam firmar acordo por escrito, mediante o qual o responsável, o próprio sujeito objeto de pesquisa, autoriza sua participação, com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos e riscos a que se submeterá, com capacidade de livre arbítrio e sem qualquer coação.

2.1 II - OBJETIVOS

Analisar como os estudantes do Curso de Pedagogia, reconhecem os ambientes não-formais de educação, mais precisamente, as Unidades de Conservação, como recursos pedagógicos de Educação ambiental.

2.2 III - JUSTIFICATIVA

Com esse estudo identificaremos as possibilidades de construção de novas práticas de ensino de educação ambiental, em espaços não formais, com a finalidade de melhorar o ensino-aprendizagem dos discentes, durante a formação inicial nos cursos de Pedagogia.

2.2.1.1.1. IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA-

Alunos do quinto período do Curso de Pedagogia de uma instituição de ensino superior do centro oeste de minas.

EXAMES

Responder questionário estruturado e entrevista semi-estruturada.

2.2.1.1.2. V - RISCOS ESPERADOS

A existência de desconfortos e riscos se relaciona ao tempo e esforço, que os alunos (pesquisados), deverão se dedicar para responderem o questionário. Os participantes poderão sentir desconforto em responder por estarem em processo de formação e/ou não conhecerem de forma aprofundada a temática a ser pesquisada. Essa situação deverá ser minimizada com o reforço do sigilo e segurança no armazenamento das informações e o fato de que não haverá identificação dos respondentes nos relatórios de pesquisa. Nos termos que a investigação acontecerá o único risco previsível pela participação na pesquisa será quanto ao deslocamento para a visita técnica no local especificado no projeto. Para o pesquisador, o desconforto se refere à recusa de participação dos sujeitos da pesquisa.

VI – BENEFÍCIOS

O benefício deste trabalho se relaciona a um diagnóstico sobre a formação de novas práticas de ensino em espaços não-formais, dando-os subsídios para implementação futura em suas aulas. Resultará aos futuros docentes, a possibilidade de associarem a teoria com a prática de forma interativa e prazerosa. Também a comunidade escolar poderá se sensibilizar, gerando maior compreensão e discernimento sobre os problemas ambientais encontrados na sociedade. Espera-se consequentemente, possibilitar atuação e postura mais conscientes na preservação e conservação desses ambientes e espaços.

2.2.1.1.3. VII - RETIRADA DO CONSENTIMENTO

O próprio sujeito (aluno pesquisado) tem a liberdade de, a seu consentimento, a qualquer momento, deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ao atendimento a que está sendo ou será submetido.

VIII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

Caso haja algum problema no transporte, haverá avaliação por parte do pesquisador e orientadora sobre a continuidade da pesquisa. Quanto à entrevista, não há previsão de riscos significativos que possam comprometer o andamento da pesquisa, não havendo necessidade de se prever o seu encerramento.

2.2.1.1.4. IX - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu _____ certifico que, tendo lido as informações acima e suficientemente esclarecido (a) de todos os itens, estou plenamente de acordo com a realização do experimento. Assim, eu me comprometo a participar da execução do trabalho de pesquisa exposto acima.

Oliveira, _____ de _____ de 20__.

NOME (legível) _____	RG _____	ASSINATURA _____
ATENÇÃO: A sua participação em qualquer tipo de pesquisa é voluntária. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-1127, falar com Andréa.		
No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Educação. Telefones de contato: DED/ UFLA – Tel/Fax: (35)3829-1445		
André Luiz Ferreira da Silva (31) 9102-3645 – (37) 98433758		

ANEXO B - QUESTIONÁRIO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO**

Você foi convidado a participar de uma pesquisa intitulada *“O potencial didático de uma unidade de conservação: uma visão de professores no contexto da formação inicial”*, coordenada pela professora Jacqueline Alves Magalhães, professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras e Mestrando André Luiz Ferreira da Silva.

Vale salientar que os dados serão tratados qualitativamente de forma a preservar o sigilo e demais aspectos individuais.

Questionário aplicado aos alunos do Curso de Pedagogia.

I- Perfil dos alunos

01 - Idade: 18 - 23 anos () 24 - 29 anos () 30 - 36 anos ()
37 - 42 anos () 43 - 50 anos ()

02 - Gênero: Masculino ()
Feminino ()

03 - Local de Residência _____

04 - Local de procedência: área urbana () área rural ()

II- Perfil profissional dos alunos

01- Leciona: Não ()
Sim ()

02 - Quanto tempo: 06 - 12 meses ()
12 - 60 meses ()
60 - 120 meses ()

03 - Quais os motivos que o levaram a profissão docente?

III- Concepções sobre a Temática Ambiental

01 - O que você entende por Meio Ambiente?

02- Como você define Educação Ambiental?

03- Como você define Educação formal e Educação Não-formal?

04- Já ouviu falar em ambientes de educação não-formal?
() sim () não

05 - Dê exemplos de ambientes de educação não-formal.

06 - Especifique algumas atividades ou temas promovidos e realizados nestes ambientes de educação não-formal.

IV - A RPPN Canoa-Vale do Ipês:

01 - Você já ouviu falar em Unidades de Conservação? Defina o que é caso tenha sido positivo sua resposta.

02 - Já esteve em alguma Unidade de Conservação?
() sim () não

Em caso afirmativo, qual?

Muito obrigado pela colaboração.

ANEXO C – ROTEIRO DE ENTREVISTA**ROTEIRO DE ENTREVISTA – SEGUNDA FASE**

- 1 – Depois das visitas a Reserva Particular do Patrimônio Natural - Canoa – Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que o(s) professor(es) pode(m) encontrar na execução deste tipo de atividade?
- 2 – Como futuro profissional da educação, você utilizaria estes ambientes de educação não-formal nas suas práticas de ensino? Por que?
- 3 – Quais recursos encontrados nestes ambientes de educação não-formal, você, como futuro profissional da educação pode transformar em temáticas nas práticas de ensino? Dê exemplos de como utilizar.
- 4 – Que tipo de avaliação pode ser feita, após a visita, para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não-formal?
- 5 – Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar este tipo de atividade?
- 6 - Você considera que os professores está preparado para desenvolver/promover atividades que vão além dos muros da escola? Justifique.
- 7 - Faça um comentário a respeito da prática de excursões, utilizada por muitos educadores com o intuito de aprimorar o processo de ensino aprendizagem.
- 8 – Como você se sentiu ao participar de uma visita a um ambiente de educação não-formal?

ANEXO D - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-11

3. ALUNO E-11
<p>9:18''</p> <p>Professor: Primeiramente agradecer a sua presença, sua presença é muito importante para o desenvolvimento do meu projeto. Muito obrigado pela sua presença. Esteja a vontade conforme eu estou falando com você, nós estamos aqui fazendo uma conversa informal. Estou à disposição no que for preciso, tá? Então vamos lá, nós vamos começar com a primeira pergunta: Depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural Canoa, Vale dos Ipês, quais as dificuldades que você considera que o professor pode encontrar na execução dessas atividades?</p> <p>Aluna: A dificuldade que eu acho é referente à condução de alunos até o local, devido ser um local distante, de muitas cidades, de muitas escolas, então eu acho que a dificuldade seria a condução dos alunos. Muitos alunos, isso atrapalha também levar. Quando é menos alunos e que todos estão dispostos, acho que é um excelente passeio.</p> <p>Professor: Você acha que essa condução, ela é dificultada por parte de quem?</p> <p>Aluna: transporte, responsabilidade do professor, que eu acho que isso é um peso que às vezes impede muitas pessoas de participar, talvez seja isso. A dificuldade em relação à responsabilidade que o guia ou o professor tem que ter com as crianças.</p> <p>Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses ambientes de educação não formal nas suas práticas de ensino?</p> <p>Aluna: Nossa, seria um prazer.</p> <p>Professor: Mas por que você utilizaria?</p> <p>Aluna: Porque eles estariam vindo na prática, sentindo na pele, conhecendo pessoalmente seria muito mais prazeroso o aprendizado.</p> <p>Professor: Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode transformar em temáticas nas práticas de ensino? Quê que você viu lá, que pode ser utilizado como recurso pedagógico?</p> <p>Aluna: Referente ao meio ambiente, à fauna, flora. Conhecimento referente a novas madeiras, novas árvores, novas plantas, novo terreno, solo de locais diferenciados, tipos de vegetação diferenciada, flores e folhas diferentes, árvores diferentes. Cascas de árvores diferentes, formato das árvores, então assim, são um ambiente muito rico para a sala de aula.</p> <p>Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não formal? Como você pode avaliar os alunos depois de uma visita a um ambiente de educação não formal?</p> <p>Aluna: Eu pediria a todos para que fizesse uma redação, relatório referente ao fato, e ali discutir entre as turmas, entre os alunos participantes e os não participantes para que todos tenham um conhecimento do local e entre essas avaliações eu ia tirar o que eles aprenderam do local. Eu acho que por ser uma ambiente muito rico todos iam trazer uma novidade pra discutir entre a turma.</p> <p>Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?</p>

Aluna: Eu diria que os professores são de uma criatividade e de uma ousadia tremenda. Referente ao que eu falei sobre a responsabilidade em primeiro lugar, professor ter conduzido um grande número de alunos que acima de dois eu acho que são muitos, porque são muito interessados, são todos querem correr, divertir e muitos não estão verdadeiramente aplicados no assunto, mas desde que o professor coloque para os alunos o que realmente significa aquele passeio, todos passam a se interagir mais e a dificuldade que eu vejo nisso é só o professor batalhar demais pra conseguir transporte que muitas vezes é difícil, oneroso e muitas vezes o professor não tem ajuda.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola?

Aluna: Eu creio que todos estão preparados sim, mas as dificuldades muitas vezes impedem e fazem com que eles fiquem temerosos em extrapolar os muros da escola.

Professor: E esse temor é em relação?

Aluna: A dificuldade financeira, responsabilidade que muitos temem. Hoje esses alunos, os nossos alunos estão assim, eles tem uma educação diferenciada da nossa de antigamente então talvez seja isso que também impeça os professores a conduzi-los a locais diferentes.

Professor: Deixa eu te fazer uma pergunta fora daqui. Como que é essa educação proposta hoje em dia com a educação passada? Como é que você pode fazer essa relação?

Aluna: Eu creio que a educação passada nós respeitávamos muito mais os nossos professores. Respeitávamos nossos professores como se fossem nossos pais e hoje não, hoje os alunos vê nos professores um rival, aquele que está te cobrando, aquele que está te impedindo de fazer as coisas que não podem ser feitas.

Professor: Faça um comentário a respeito da prática de excursões utilizada por muitos educadores com o intuito de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

Aluna: Falando sobre mim e sobre o passeio, a excursão que nós fizemos, nossa pra mim foi grande e enriquecedora. Eu venho de uma família de zona rural, entendo que conheço um pouco de mato, um pouco de ambiente florestal, um de ambiente destinado à reserva. Mas o que eu vi lá nessa excursão foi algo assim, diferenciado, algo que eu não estava acostada a ver, acho que devido ao tempo que eu estava vivendo com aquilo, aquilo pra mim era assim, comum, corriqueiro, então o que os professores dessa excursão me mostraram a olhar com olhar diferente, eles me mostraram que ali num pequeno pedaço de chão eu posso ter grande diversidade, coisa que eu não estava acostumada a olhar. Achei muito interessante também foi uma parte que a gente desenhou a casca da árvore no papel, aquilo pra mim foi inovador, jamais tinha ocorrido algo nessa magnitude na minha vida.

Professor: Qual que foi seu sentimento ao participar dessa visita?

Aluna: Meu sentimento foi de grandeza, de leveza, de valor à terra, coisa que há muito tempo não sentia.

Professor: Como você conceitua meio ambiente a partir dessa visita agora?

Aluna: Meio ambiente é tudo a nossa volta, mas esse passeio assim foi diferenciado, foi algo que me fez valorizar mais o chão que eu piso.

Professor: Qual o papel da educação ambiental pra você dentro do processo de ensino e aprendizagem?

Aluna: Educação ambiental é eu valorizar as pequenas coisas que eu tenho. Então se eu tenho uma folha de papel eu tenho que valorizar essa folha e saber que para eu ter essa folha, eu gastei uma árvore, eu gastei outros objetos pra fazer essa árvore então eu tenho que valorizar cada objeto, eu não tenho que desperdiçar, não tenho que esse consumismo exacerbado que existe hoje em dia. Eu devo repensar no modo de viver.

Professor: Eu só tenho que agradecer pela sua participação, muito obrigado, boa noite pra você.

ANEXO E - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-13

4. ALUNO E-13

18:32''

Professor: Primeiro boa noite, queria te agradecer por você estar participando do projeto, do meu projeto e esteja a vontade, novamente eu falo que você está a vontade. Vou começar com a primeira pergunta. A primeira pergunta é: Depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural Canoa, Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que o professor pode encontrar na execução desse tipo de atividade?

Aluna: Eu acho que a primeira barreira que a gente encontra é a família porque a família já não dá apoio nenhum para o professor dentro de sala de aula. Quando fala a gente tem que fazer uma excursão aí eles colocam mais imposição: Ah mas o meu filho vai cair, meu filho vai machucar, lá é perigoso. Aí já não dá as autorizações que é necessário pra nós professores estarmos saindo da escola com as crianças. Então a primeira dificuldade que a gente esbarra é com a família. A segunda dificuldade é às vezes a direção da escola não apoiar completamente os nosso passeios, assim, especificamente neste parque, nessa APP, por ser um lugar distante de Oliveira e ser um caminho com muitas dificuldades naturais, caso a pedreira, caminhos estreitos, muita vegetação, possa trazer dificuldade para a direção estar liberando os passeios, mas a gente pode procurar outras APP's próximas as escolas, não precisa ser essa APP pode ser um parque mais simples e estar fazendo as visitas, as excursões simples.

Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses ambientes de educação não formal nas suas práticas de ensino?

Aluna: Eu já utilizo, eu falo que sou um professor que gosta de aula prática, eu gosto de colocar os meninos com a mão na massa então eu faço bastante excursão com eles. Gosto de ir num parque que na cidade tem, gosto de visitar um museu, uma pracinha, um prédio antigo, um colégio que está com uma feira, então assim, eu sou muito fora da sala de aula, eu já tenho uma visão assim, já bem de não é o professor que ensina, é tudo que está ao nosso redor educa também, a criança aprende também além da minha fala.

Professor: Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode transformar em temáticas nas suas práticas de ensino?

Aluna: Eu já utilizo como práticas de ensino todos os recursos que está à disposição de uma escola pública porque mesmo sendo escola pública a gente tem restrições como um ônibus não é fácil da gente conseguir, uma autorização da família, uma verba pra poder fazer um lanche, outros acessórios desse tipo, mas a gente tenta fazer uma campanha dentro da própria sala de aula e estimular os meninos a estarem procurando esse passeio e eu acho legal que já tem resultados, eu vejo que os meninos já tem uma conscientização já, alunos que já saíram da minha turma que já me encontraram outras vezes: nossa Dona Beth eu fui no parque de novo, agora eu fui sozinha, eu amei ter visto aquilo, mas oh, já estão sujando lá de novo! Então assim, a gente já começa a perceber que pouca coisa que a gente faz já modifica a

visão da criança que está perto da gente.

Professor: Deixa eu só te fazer uma pergunta fora daqui. Diante desse quadro que você me comentou da falta de apoio da direção da escola, como que você vê a escola hoje em dia?

Aluna: A escola, não a escola, a gestão escolar existe dois lado, aquele que quer que os alunos produzam, que seja diferente, mas aquele que esbarra na legislação, a gente tem diretores com qualidade, mas existe uma legislação que às vezes impede a direção de estar podendo fazer mais, igual a legislação da ALDB, a constituição do menor e do adolescente que às vezes impede a direção da escola de estar fazendo mais de estar promovendo mais coisas porque proíbe a gente de estar fazendo algo sem autorização dos pais, e os pais são os primeiros que impõe pra gente um não grande: “Ah não, precisa levar não, ah não isso é bobagem, eu quero menino é dentro da sala de aula com cuspe e giz, esse trem de ficar passeando isso é besteira, não aprende nada”. Então assim, os pais ainda são muito antigos a respeito de excursões dentro de escola.

Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não formal?

Aluna: Uma conscientização muito grande do que é meio, meio não é aquele lá longe, meio é aquele que nós estamos e nós fazemos parte dele, então assim, cria-se um hábito muito grande de cuidar daquilo que está lá pertinho dele, da sua mesa sentado na sala de aula, da sua mesa na cantina, do banheiro masculino ou feminino, do pátio, da hora da educação física, terminou a brincadeira de estar juntando o material, então assim, acabou de merendar de jogar o seu lixo, que às vezes tem o dia da bobagem, que eles levam coisas com embalagem, de jogar no lixo, de voltar o prato pra cantina, então são hábitos que colocar a criança na exposição do meio ele começa a perceber o valor que ele tem que dar a poucas coisas e passar a fazer disso virar hábito, de cuidar daquilo que está perto dele, ser hábito.

Professor: Deixa eu te fazer outra pergunta fora disso então. Você pretende formar o que? Qual tipo de aluno?

Aluna: Eu quero aquele aluno que seja consciente do que é ser humano dentro do meio. Eu quero que, ele não precisa ser um doutor, ele precisa ser aquela pessoa que saiba fazer daquele lugar que ele está, o melhor lugar do mundo. Pra mim isso vai ser o suficiente.

Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?

Aluna: Eu acho que eles são inovadores, eles são preocupados com o futuro. Eu acho que quando a gente toma um banho da verdade, que a verdade não é só aquilo ali que está no papel, ali no livro didático e sim a realidade que a gente tem lá fora, que a gente não tem só coisa bonita, a gente está passando por um transtorno muito grande em Oliveira, em Morro do Ferro, a falta de água, então a hora que os meninos viram que eu tirei uma foto lá da lagoa de Patiguá e mostrei pra eles passado e presente eles assustaram com aquilo. Então quer dizer assim, a gente tinha água, hoje nós não temos, então quer dizer, é uma realidade que está aqui perto da gente. Tão longe como São Paulo, uma cidade tão grande não ter água, nem potável, então assim, a gente tem que dar banho de realidade nas crianças desde cedo porque se a gente

deixar pra fase adulta, infelizmente não vai ter consciência mais. Porque a consciência vem de tempos em tempos, ela vem amadurecendo, é igualzinho uma fruta, começa pequenininha até ela chegar ao ponto de adulto, a gente tem que adubar devagarinho.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola?

Aluna: A maioria tem dificuldade de ir além dos muros da escola. Muitos se preocupam com os conteúdos, eu tenho conteúdo demais pra dar, não gosto de sair, não vai dar tempo e tal. Só que essa geração que está chegando e eu falo que fico no meio da caminho porque eu tenho uma idade avançada mas pertença a uma geração de formadores de conhecimento recente, por eu estar ainda na faculdade estudando e percebendo isso, a gente já tem outros limites, a gente aproveita uma excursão para mil conteúdo, se você parar pra analisar e sentar e fazer o seu planejamento você trabalha interdisciplinar todos os conteúdos, em uma única excursão você consegue trabalhar os oito conteúdos das séries iniciais. Basta sentar e planejar. Se você correr as matrizes curriculares você percebe que uma excursão a uma APP, a um museu ou a uma feira cultural, como nós tivemos agora no principio de Junho que foi na escola Mário Campos com história, você trabalha todos os conteúdos, tanto da língua estrangeira, como conhecimentos gerais, como matemática, Português, Ciências e Educação Física. A gente não pode esquecer nunca do conteúdo da Educação Física.

Professor: Faça um comentário a respeito das práticas de excursões utilizadas por muitos educadores com intuito de aprimorar o processo de ensino à aprendizagem.

Aluna: É uma pratica valiosa. Tem que ser feita, deve ser feita e deve ser incentivado. Eu acho que até que quando é feito o PIP das escolas, eu até completei o da nossa escola e nós fizemos o reajuste nele essa semana, eu ainda coloquei sobre isso: estar fazendo excursões a lugares diversificados, seja ele qual for. Ele trás uma bagagem de aprendizagem muito grande porque a criança tem uma bagagem, ele passa a vivenciar uma situação e volta com outra completamente diferente. Então isso tem que acontecer mais frequentemente nas escolas públicas.

Professor: Porque que você acha que volta com outra completamente diferente? O que de desperta neles?

Aluna: O olhar crítico, o olhar observador, o olhar curioso, porque toda criança é curiosa. Se nós adultos somos fascinados com o mínimo, a criança é fascinada com o mínimo do mínimo, então a gente desperta muito mais na criança ao mostrar pra ele que além daquele quadro negro que está na sua frente, daquele livro, a gente tem muito mais imagens e as imagens falam muito mais do que as nossas palavras.

Professor: Como você se sentiu ao participar de uma visita ao ambiente de educação não formal?

Aluna: Eu sou encantadora né? Eu sou maravilhada pela vida, então assim, eu me senti viva. De fazer parte do mundo que eu estou.

Professor: Depois de visitar a RPPL qual conceito que você trás de meio ambiente?

Aluna: Eu já tinha um conceito formador que meio ambiente é o meio que eu vivo e eu tenho que cuidar dele. Ao ver uma APP do patamar que eu presenciei aí que a ficha caiu mais em mim ainda, que eu tenho que ter mais responsabilidade com o meio que eu vivo. A que nós fomos visitar é uma transição de mata atlântica com cerrado e eu tenho a presença, eu tenho uma bagagem de APP de cerrado puro então

a diferença é muito grande e o que acontece aqui, influencia na minha APP lá na frente, que já é quase sertão, então assim, vivenciar isso foi uma experiência maravilhosa. Então isso mostrou o outro lado, a gente tem muitos ambientes diferenciados e tão próximos da gente.

Professor: Você mudou de postura? Alguma coisa? Atitudes?

Aluna: Eu já sou muito conscientizada sobre o meio ambiente e brigo muito com as meninas ao meu redor, com os alunos, com todo mundo que está ao meu redor. Eu já consegui acabar com o hábito de fumantes na minha escola então assim, já um pouco pela minha saúde e um pouco também pelo ambiente. Ambiente escolar não é lugar de fumar, então já consegui tirar isso, o turno que estou ninguém fuma, então já consegui tirar esse hábito. O turno que eu estou não tem lavação, porque eu não gosto de desperdício de água, e tem gente que ainda me olha e fala assim: Lá vai a Beth, ainda me chama de que eu tenho problema, ainda coloca assim um rotulo bonitinho: “você tem problema, aí vem você fechar as torneiras!” É hábito de conferir, de ver se está fechado, dos meninos passar pelo banheiro e eu passar por trás pra ver se realmente fecharam as torneiras, de aproveitar a água de máquina de lavar, de lavar o carro com balde, de varrer a rua com a vassoura e não com a mangueira, então são hábitos que eu já tenho desde um bom tempo, de professora, de educadora. E eu passei a ter mais hábitos ainda, porque as calhas d’água não aproveitava tanto a água, eu já passei a aproveitar a água da calha da casa e outras coisinhas mínimas que a gente não percebia e eu disse eu tenho que aproveitar isso mais um pouquinho porque isso faz parte do meu meio, está em falta então eu tenho que cuidar mais um pouquinho.

Professor: Qual o papel da educação ambiental pra você então?

Aluna: É a vida. Educação ambiental quem não tem o hábito de preocupar com o meio em que vive, essa disciplina veio para auxiliar o professor a colocar em prática aquilo que já deveria ter sido hábito há muito tempo atrás. É uma lei pra cobrar do educador que ele tem que ensinar os hábitos sim, não só hábitos de higiene, mas o hábito de cuidar do meio que você fazer parte. Cobra-se muito que você tem que ensinar a criança, que você tem que alfabetizar a criança, tem que ensinar matemática, que você tem que ensinar outros conteúdos, mas tudo isso é vinculado ao meio. A criança não pode chegar e fazer da sala de aula como se fosse um lixo. Não! Já tem um depósito de lixo na sala então faça dois hábitos, monte duas caixinhas, uma de papel reciclado porque todo papel vai ser reciclado e outra de lixo comum que pode ir embora para o lixeiro mesmo, são hábitos simples, hora que você coloca na cantina, já passa a eles colocarem nas caixas corretas, porque tem as caixas na cantina. Isso é lei. Então todas as escolas tem que ter essas caixas e todas as escolas que eu trabalho tem, é falta de hábito do professor ensinar. Se tem a lei a lei tem que ser cumprida. Eu sou muito de legislação, existe lei? Então ela deve ser cumprida. Regra é regra. Regra existe para todos então vamos cumprir todos.

Professor: Deixa eu te fazer só uma ultima pergunta. O que que é cidadania pra você?

Aluna: É viver bem comigo e com o próximo. Eu acho que não é só cidadania, são valores. A cidadania é a palavra chave de um bloco, o respeito, o limite, o amor, o carisma, a paixão, a sinceridade, a amizade, o carinho, isso tudo é cidadania. Então você compartilhar com o outro o que é bom, você está fazendo o bem pra você mesmo. Então quando eu cuido de mim e cuido do que está do meu lado ou da pessoa

que está do meu lado ou do que está ao meu lado, isso é cidadania, então diferente se ele é um móvel ou se ele é uma pessoa, ou um animal, eu não posso estragar, judiar ou destruir, ele pertence a mim, mas pertence aos outros também.

Professor: Beth gostaria de te agradecer, muito obrigado pela sua participação.

Aluna: obrigada a você, André.

ANEXO F - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-10

5. ALUNO E-10

7:19''

Professor: Primeiro gostaria de agradecer pela sua presença, a sua dedicação, do seu tempo em relação ao projeto. Nós vamos começar a fazer as perguntas, são mais ou menos 8 perguntas e esteja à disposição do que for preciso eu estou aqui para te ajudar. Não posso interferir na sua resposta mas, qualquer coisa que você não souber você pode me perguntar que eu estarei à disposição tá? Depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural Canoa, Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que o professor pode encontrar na execução desse tipo de atividade?

Aluna: Pra poder estar levando as crianças? Eu acho que é mais a questão dos pais, acho que vai muito dos pais, às vezes tem muitas atividades na escola que os pais não deixam as crianças irem. Seria mesmo não poder sair da escola, né?

Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses ambientes de educação não formal nas suas práticas de ensino?

Aluna: Ah utilizaria, eu gostei muito. Até eu que sou adulta, no caso assim, achei interessante, a gente não tem esse acesso muito fácil não.

Professor: O que te chamou a atenção?

Aluna: Tudo, achei tudo muito interessante, eu gostei muito. Até falei com sua esposa lá, a gente vivendo, sentindo a gente começa a entender, porque nessa idade que eu estou eu nunca fui, ninguém me levou na escola nunca participei, achei muito interessante.

Professor: Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode transformar em temáticas nas suas práticas de ensino? Qual recurso lá dentro você viu lá, tem a mata, tem a água, tem muita coisa, o que você pode utilizar e como você pode utilizar como temática na sua prática de ensino?

Aluna: O que eu posso estar explicando pras crianças? Eu achei muito interessante essa questão da poluição da sujeira, que o pessoal joga as garrafas, o lixo, achei muito interessante essa parte, que a gente tem que cuidar e ver que está acabando, está destruindo, porque até um papelzinho que você joga ele vai ficar lá, não sabe o tempo que ele vai gastar, achei muito interessante.

Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não formal?

Aluna: o que eu estaria avaliando eles? Eu acho que seria essa questão mesmo de observação, o que se observou a diferença, a transformação que ocorre, igual eu vi lá no dia também como que faz diferença quando a água está acabando, que a gente não pode poluir, acho que ver qual o pensamento deles essa questão assim né?

Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?

Aluna: Eu acho muito interessante, fora de sala de aula estar levando as crianças e mostrando eu acho muito interessante. Acho um ponto positivo.

Professor: E como você vê o profissional que faz isso? O professor que faz isso?

Aluna: Eu acho que ele está ajudando, colaborando e incentivando as crianças para um futuro melhor.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola?

Aluna: Eu acho que muitos não. A gente vê ali na prática nas escolas, você vê que não tem, acham uma dificuldade tirar as crianças não faz nada diferente. Eu falo, esses dias mesmo eu estava no meu estágio, no Gabriel Passos, e eles levaram as crianças no Campo, aí eu falo, como que a escola no Gabriel Passos é muito fechada, eles tem uma quadra, muitas escadas, ficam vigiando os meninos 24 horas, quando soltou eles lá, você precisa de ver, na grama, rolavam no chão, e eu acho que é muito fechado. Quanto mais eles sair, conhecer, é isso que te falei que eu senti, que na minha época de escola você não saia de dentro da escola.

Professor: Você sentiu na verdade uma vontade de preservação?

Aluna: É. É verdade porque olha pra você ver, muito interessante, a gente estimula.

Professor: Faça um comentário a respeito das práticas de excursões utilizadas por muitos educadores com intuito de aprimorar o processo de ensino à aprendizagem. O quê que você acha de fazer essas excursões constantemente?

Aluna: Eu acho ótimo, a gente foi, a gente quer ir de novo, te chama atenção praquilo, pra você preservar, pra tudo.

Professor: Como você se sentiu ao participar de uma visita ao ambiente de educação não formal?

Aluna: Eu adorei, eu fiquei me sentindo uma menina, eu gostei muito, achei muito interessante.

Professor: Como você conceitua o meio ambiente agora? A partir dessa visita?

Aluna: Eu acho que agora é vida, é tudo. Tudo começa a partir dali.

Professor: E tem que mudar as atitudes do ser humano?

Aluna: Tem. Com certeza.

Professor: Quais atitudes?

Aluna: Eu acho que aí você preocupa, vem aquela preocupação, se você não sentir, não vê que aquilo lá está acabando, tudo, se você não sentir na pele você não conscientiza não.

Professor: Qual conceito que você dá de educação ambiental a partir de agora e como fazer educação ambiental?

Aluna: Eu acho que o bom é a gente começar quando criança mesmo, eu acho que por isso que é importante o professor começar quando criança, que minhas meninas mesmo já foram ou o professor falou alguma coisa que elas chegaram lá em casa e falou: mãe não pode jogar isso dentro da pia, não joga gordura dentro da pia, então desde pequena às vezes até as crianças mesmo ensinam os adultos, eu acho muito importante.

Professor: Só tenho a te agradecer, muito obrigado pela sua participação.

ANEXO G - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-04

6. ALUNO E-04

10:39''

Professor: Hoje a entrevista é com a Cristiane do curso de Pedagogia e eu vou começar a entrevista com ela. Primeiro agradecendo a sua presença, muito obrigado pela sua presença e por estar dispondo seu tempo pra nos ajudar. Muito obrigado. Vou começar a primeira pergunta que a seguinte: depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural: Canoa e Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que os professores podem encontrar na execução desse tipo de atividade?

Aluna: Eu acho assim que os pais que podem não querer deixar levar os filhos, ficam com medo de bicho, de machucar, tem essas coisas. A própria escola porque muitos professores, muitos colegas vão falar: ah você vai levar menino num lugar desse, é perigoso, depois a responsabilidade é sua, vai acontecer alguma coisa! Eu acho que são uma das maiores dificuldades que ele pode encontrar.

Professor: O corpo docente então bota muita dificuldade?

Aluna: Eu acho que bota, que alguns colegas falam: não sáí com menino não porque lá fora é muito mais difícil pra você olhar todo mundo sabe?

Professor: E porque você acha que acontece essa falta de pensamento positivo em relação às atividades?

Aluna: Eu acho que às vezes por puro comodismo, eu acho que comodismo porque enquanto você está na sala de aula trabalhando com seus alunos é mais tranqüilo, você tem eles ali ao seu redor, está na sala, está quietinho. Ai eles vão pra um lugar assim, eles vão querer ver as coisas, vão querer andar, vão querer colocar a mão. Então tem que ficar atento a todo momento porque né, claro que pode acontecer alguma coisa. Eu acho que por isso, comodismo mesmo.

Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses espaços de educação não formal nas suas práticas de ensino?

Aluna: Sim.

Professor: por quê?

Aluna: No momento que eu estava lá, eu acho que nunca fiz, olha pra você ver, eu nunca fiz uma excursão desse tipo enquanto eu estudava eu acho que nenhum professor me levou, eu senti bem, eu senti vontade de cuidar mais, eu acho que às vezes eu faço pouco, eu melhorei até em casa pra poder separar meu lixo, eu acho que eu melhorei depois da visita lá.

Professor: E por quê?

Aluna: Por causa da necessidade que a gente tem. Porque a gente precisa do meio ambiente né? Se nós estamos aqui é porque a gente precisa de respirar, a gente precisa da água, a gente precisa de tudo e eu acho assim que igual vocês colocaram pra gente, vocês motivaram a gente, despertaram na hora lá esse olhar diferente que eu acho que o professor que leva os alunos a um lugar como esse, a uma reserva, ele tem que despertar no aluno dele, esse lado, ele tem que mostrar que é necessário.

Professor: Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode utilizar em temáticas nas práticas de ensino? Dê exemplos.

Aluna: A água, as árvores, a própria natureza, as flores, a flora mesmo, os animais que estão ali presentes.

Professor: E como utilizar? O exemplo da água que você citou? Como você pode utilizar a água como recurso pedagógico naquele espaço?

Aluna: Como você pode utilizar lá dentro? Eu acho que mostrando a necessidade dela, que a gente precisa preservá-la que não pode sujar, que você precisa dela pra sobreviver, pra beber, pra tudo e que tem que ser feito o uso, o uso dela tem que ser feito com responsabilidade.

Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não formal?

Aluna: Eu acho que ali a todo momento o professor pode avaliar, enquanto ele está ali ele já pode começar avaliando e eu acho que fazer um debate, fazer um teatro mesmo não no ambiente mas usando daquelas coisas que estão ali, fazer um teatro sobre isso e mostrar pra escola inteira não ficar só na sala de aula, isso tudo pode ser uma avaliação. A divulgação desse trabalho dentro da escola, que eu acho que aí pode até outros professores podem ficar interessados em levar seus alunos, então eu acho que motiva os outros também e pode ser uma avaliação.

Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?

Aluna: Eu acho assim que eles são nota 10 porque eu acho que a partir de um trabalho feito dessa maneira, eu acho que as crianças aprendem muito mais então, eu acho que a criança que tem o contato ali direto com a natureza, com a água, com tudo, vai aprender muito mais do que se for só no livro, dentro da sala de aula, aquele contato vai despertar muito mais coisas nela, muito mais vontade de cuidar, de ter.

Professor: E esse despertar seria o ter ou o pertencimento?

Aluna: O pertencimento à natureza, não é o ter a natureza é o pertencimento, ele pertence a ela então ele tem que cuidar.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola?

Aluna: Eu acho que alguns igual eu te falei no início né? Têm muitos que tem medo, tem medo, acomoda, eu acho que alguns sim tem essa vontade, eu acho que precisa divulgar mais e outros fazerem dentro da escola pra mostrar que é legal que aquilo ali a criança vai aprender mais, ter contato.

Professor: Faça um comentário a respeito da prática de excursões utilizada por muitos educadores com intuito de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem.

Aluna: Eu acho que eu respondi antes isso. É melhor pro aprendizado, eu acho que a criança aprende muito mais tendo esse contato do que só com os livros. Eles vão aprender mais, ter mais vontade de cuidar, de estar ali na natureza.

Professor: Como você se sentiu ao participar de uma visita ao ambiente de educação não formal?

Aluna: Nossa eu adorei. Igual eu falei no início, eu nunca tinha participado com professores desde quando eu estudo, ninguém nunca me levou pra um lugar assim pra poder sentir, ter esse contato, eu saí de lá assim, eu não parava de falar, todo mundo ficava assim: nossa, mas é assim? Eu falava: pois é, isso que a gente tem que levar pra sala de aula e eu fiquei com vontade, eu quero fazer isso com os meus alunos eu

pretendo fazer isso. Claro que com todo cuidado né? Mas é uma coisa que eu quero fazer de tanto que eu gostei.

Professor: A partir da sua visita como você define meio ambiente a partir de agora?

Aluna: Meio ambiente pra mim agora, eu pertence a ele, eu sinto que é a minha vida, então eu preciso cuidar, se eu quero viver eu tenho que ter esse cuidado com ele. Meio ambiente pra mim agora mudou, mudou mesmo sabe. Era uma coisa, agora pra mim é muito mais do que era. Eu sinto mais necessidade de ter esse cuidado e de até falar com os meus filhos lá em casa desse cuidado que a gente tem que ter, eu mudei bastante depois dessa visita.

Professor: E como você vê a educação ambiental neste processo?

Aluna: eu acho que ela está caminhando. Eu acho que assim, você fala dentro das escolas? Eu acho que ela está caminhando porque tem muitos professores que já estão fazendo, às vezes levam os alunos mostrando o quê que é, não estão ficando só na fala dentro da sala de aula, mas eu acho que ainda precisa melhorar mais, eu acho que tem que ter mais entusiasmo e ele tem que aguçar essa vontade na criança de conhecer e mostrar pra ela que nós precisamos cuidar que não é só ter, que a gente tem que cuidar. E que ela precisa disso, que a natureza precisa disso e a gente precisa da natureza mais do que ela precisa da gente então a gente tem que cuidar.

Professor: Eu já te agradeço porque o é o dia Mundial do Meio Ambiente. Muito obrigado pela sua participação.

ANEXO H - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-05

7. ALUNO E-05

14:12''

Professor: Primeiramente gostaria de agradecer novamente a sua presença, muito obrigado por estar dispondo esse tempo pra mim.

Aluna: Eu que agradeço, eu também estou aprendendo.

Professor: Esteja à vontade, o que for preciso eu estou aqui para auxiliá-la, tudo bem? Então vamos lá na primeira pergunta: Depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural: Canoa e Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que os professores podem encontrar na execução desse tipo de atividade?

Aluna: As dificuldades? A primeira dificuldade que eu acho é do próprio professor achar que é uma coisa impossível. Essa eu acho que parte assim, o professor achar difícil já é um fator de dificuldade. É claro assim que, locomoção, a questão do custo né? Tudo tem um custo e muitas das vezes tem que partir do professor e essa questão quando envolve questão financeira é um dificultador, eu acredito. Acho que é esses os fatores. E também pessoas dispostas, até mesmo os alunos, menores não, mas acredito que assim os maiores sempre colocam algum, eu pude perceber, de tantos convidados aquele dia, não foram todos que se dispuseram, igual você falou, a questão do tempo e hoje as pessoas infelizmente não estão tendo tempo né?

Professor: Qual que é o perfil desse profissional então Rosa? Do Professor?

Aluna: Que tem dificuldade? Encontra dificuldade? Esse perfil desse professor é aquele que não aceita os desafios, você é o contrário, você aceita os desafios e eu quero ser uma assim sabe André? Que aceita o desafio, que busca o novo, é porque é no diferente que a gente faz a diferença, eu acredito nisso. É no fazer o diferente que você vai despertar no aluno: nossa então é assim? Como eu fui tocada naquele dia, o meu filho: nossa mãe, que legal seu professor!

Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses ambientes de educação não formal nas suas práticas de ensino?

Aluna: Com certeza, eu acredito que é essa inovação, igual eu falei anteriormente, você realmente tem essa disponibilidade, acreditar que é possível e não ter medo, porque quando a pessoa tem medo ela não consegue fazer, ela não consegue executar né?

Professor: É verdade Rosa. Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode transformar em temáticas nas práticas de ensino?

Aluna: Então. Lá, percebendo lá e depois respondendo até aqui no outro questionário, que um pouco até parecido, mais ou menos, eu vejo assim que, você pode explorar a questão da paisagem, dele fazer o registro, por exemplo, com crianças menores. O registro, igual foi colocado, as sensações que cada um teve, utilizar as folhas secas, buscar algo que a gente podia trazer do local e fazer uma pesquisa dentro de sala através do registro mesmo de fotos depois fazer um debate dentro de sala, acredito que é um leque muito grande que você pode buscar dentro do que a gente viu lá. Pra te responder assim eu gosto de analisar muito a pergunta sabe André? Mas eu acredito assim, que até mesmo ideias que partem do aluno também porque a gente tem que valorizar isso. Muitas das vezes o que eu vou só colocar pra turma, não vai

ser o suficiente. De repente o aluno vai trazer uma ideia e que eu possa aproveitar também pra trabalhar também dentro de sala de aula né? Isso também tem que ser valorizado porque talvez algo que eu não percebi o meu aluno vai perceber.

Professor: Quer completar?

Aluna: Não, acho que seria isso, essa questão da temática dentro, seria vários temas igual foi colocado. Deixa eu ver... não vamos seguir, se eu lembrar eu falo.

Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participaram de atividades em ambientes de educação não formal?

Aluna: Eu percebi assim que a gente pode depois fazer dentro de um debate, pode ser feita essa avaliação. O que o aluno absorveu de tudo da visita. Os pontos positivos que ainda o homem, a observar o que o aluno percebeu dentro do que é possível preservar e também essa avaliação pode ser através também de um relatório, o que cada um realmente observou. Seria isso? Eu acredito que seja né?

Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?

Aluna: Eu penso comigo que professores assim são realmente aqueles que acreditam que podem fazer a diferença mesmo. É aquele professor que não tem medo de arriscar e buscar algo diferente. Que acredita no aluno porque realmente tem aquilo como vocação, uma missão por que se aquele professor que vai só pra sala de aula e não tem aquela responsabilidade: “não mas tem tanta coisa que meu aluno pode aprender!” e se limitar? Ele não tem acho que a missão mesmo de professor.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola?

Aluna: Infelizmente não, porque existe o comodismo, o apoio também né? Existem não poderia ser uma exceção. Hoje os professores assim que se disponibilizam, que quer fazer algo diferente são exceções porque muitas das vezes não tem o apoio da instituição onde trabalha, aí ele tem que superar essa dificuldade. Outra vez é porque, é o eu falei anteriormente por causa da questão do recurso. Porque tudo envolve infelizmente, envolve a questão financeira, mas eu acho que tudo com criatividade e boa vontade também se faz. Eu também acredito nessa parte que a união faz a força. Eu penso que um professor que esteja disposto ele vai correr atrás de alguma forma e fazer algo diferente, como nós estamos vivendo agora nesse seminário, que vocês jogaram o desafio e eu acho que vocês ainda vão ver coisas ainda mais surpreendentes.

Professor: Como você se sentiu ao participar de uma visita ao ambiente de educação não formal?

Aluna: Eu me senti engrandecida, aprendi e cresci não só como estudante mas como ser humano também, foi uma oportunidade assim, única porque eu ainda não havia vivido. Porque uma vez como estudante no ensino regular, eu nunca vivi tal experiência então pra mim foi importante. Não só como estudante, mas como futura também professora né?

Professor: O que você acha de meio ambiente a partir do que você viu lá agora? Qual conceito você daria de meio ambiente?

Aluna: Nós fazemos parte então se a gente faz parte de algo que é essencial pra nós então a gente tem que conscientizar. Mas esse conscientizar não é só cuidar do que

está lá é cuidar do que está aqui perto. Não adianta: “Aí que lindo, a gente tem que preservar!” Mas a gente tem que cuidar do que está perto da gente, do que é possível a gente fazer, é isso que eu percebi. Até eu comecei a observar depois das visitas, o que tinha ao redor da minha casa, de verde, eu moro nos pés do Cristo da cidade e eu comecei a observar: Poxa vida! A gente tem que cuidar do que está perto também. Claro que lá é importante a gente preservar e buscar, levantar bandeira igual a ONG mas fazer também do que está perto.

Professor: Qual o papel da educação ambiental nesse processo todo? Da prática de educação ambiental.

Aluna: Então é essa a questão de conscientizar desde cedo, educação infantil mesmo, igual hoje eu tenho essa experiência de trabalhar numa escola de educação infantil, eles saberem o quê que é uma coleta seletiva, o quê que é um material orgânico mesmo, eles terem essa consciência né, igual eu percebo dentro da escola ao estar com as crianças dentro do banheiro, eles sabem que eles não pode deixar torneira aberta então assim eu acho que essa é a função mesmo da educação ambiental. É conscientizar desde pequeno mesmo que a gente deve fazer a parte da gente e é com pequenas atitudes mesmo que se faz pra fazer grandes coisas, eu percebo isso dentro da escola que eles sabem onde coloca o plástico, onde coloca, só o vidro eles nem tem lá porque o vidro eles não tem acesso, mas eles sabem que a merenda, sabem onde coloca e no banheiro também percebo. Lixo na escola no chão não tem porque eles sabem que lixo é no lixo. Então são essas pequenas coisas mesmo parte e dos maiores ter essa consciência também do consumo, hoje eu percebo assim que existe muitas dificuldades porque as pessoas se perdem através do consumo, de consumir, consumir e esquece né? Tudo tem da onde que vem, igual você um dia falou, se o leite não vem da caixinha né?.

Professor: Eu só tenho a te agradecer pela sua participação, muito obrigado pela sua participação.

Professor: Pode falar.

Aluna: Então o papel do professor é informar o cidadão crítico e reflexivo, a função acho que maior do professor é essa que a partir do momento que o professor aborda temas dentro de sala que vai levantar não só o conhecimento mais que o aluno possa, provocar no aluno uma reflexão e isso é muito importante. Isso que eu senti. Poxa vida, a partir do momento que eu viver essa experiência aqui na mata de Cedro eu comecei a perceber algo mais e até porque eu estava com meus filhos e eu tive uma experiência de uma criança menor e do adolescente então eu pude perceber assim que é importante mesmo a missão do professor dentro de sala fazer esse papel mesmo de levantar essas questões, é isso que eu penso.

ANEXO I - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-12

8. ALUNO E-12
<p>9”</p> <p>Professor: Hoje é dia 03 de Junho, a primeira entrevista está sendo feita com a aluna Liane do curso de Pedagogia. Boa noite!</p> <p>Aluna: Boa noite professor.</p> <p>Professor: Então a primeira entrevista no caso, você vai responder oito perguntas conforme eu já tinha te informado, e a primeira pergunta é a seguinte: Depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural Canoa, Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que os professores podem encontrar na execução desse tipo de atividade?</p> <p>Aluna: No meu ponto de vista, estou formando em Pedagogia, eu acho o acesso, o acesso pra você chegar lá é um pouco complicado se for com menino pequeno de 6-7 aos de idade é um pouco difícil de chegar. Com os maiores já não é difícil de você chegar lá porque os maiores tem maior equilíbrio na hora de passar na ponte, nos desafios que tem lá pra eles já é mais fácil, pros pequenos, é um pouco acima do nível deles, mas não digo uma aventura, mas uma experiência que você nunca vai esquecer. É uma atividade que tem que ser feita com o aluno, porque realmente põe na prática, realmente ele vê vivência dele ali no meio ambiente e vê como que o meio ambiente lá é importante pra gente aqui porque por mais que está lá em Carmópolis beneficia a gente aqui em Oliveira também porque chovendo lá, chove aqui também então eu acho que é muito importante esse trabalho com as crianças porque desde pequeno saber a importância da conservação do meio ambiente e saber que o meio ambiente não é só mato, é tudo que o cerca.</p> <p>Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses ambientes de educação não formal nas suas práticas de ensino?</p> <p>Aluna: Sim, porque eu acho assim que é uma experiência que eu falei única que ele vai viver ali na prática e não vai esquecer aquilo lá nunca. Acho muito enriquecedor essa experiência que se você puder levar a criança, vai ser muito boa.</p> <p>Professor: Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode transformar em temáticas nas práticas de ensino? Dê exemplos de como utilizar.</p> <p>Aluna: Oh, você pode trabalhar na água, o solo, a vegetação, o clima lá em cima na serra, o que as crianças estão sentindo, o cheiro do lugar, o que elas estão vendo, sabe, o contato ali, até mesmo com os bichos que tem, eu acho que é muito rico, aquele lugar ali tem que ser preservado com muito carinho.</p> <p>Professor: E qual prática que você pode utilizar?</p> <p>Aluna: A prática pode ser leitura, pode ser desenho, ar livre, pode ser música, teatro, tudo dentro desse contexto utilizando sobre o meio ambiente.</p> <p>Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?</p> <p>Aluna: Sábios. Porque realmente dá valor no que tem. Que não fica procurando obstáculos pra trabalhar porque é uma coisa que está ali, uma coisa de fácil acesso, que vai ser muito bom pra ele como professor que está criando ali cidadão e pro</p>

aluno porque por mais que não aprenda a matéria, se ele levar um pouquinho daquela experiência que está tendo ali de vivência ele nunca vai esquecer, vai ser um adulto mais sábio, um adulto que conserva, que respeita o meio ambiente.

Professor: Você falou em cidadania, cidadania seria relacionado a?

Aluna: Ao meio ambiente.

Professor: À conservação desse meio.

Aluna: Isso.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola? Justifique.

Aluna: Sim, pros que vem agora, a nova geração de professores. Os que já estão na área, não. Não é porque não tem material e não é porque às vezes não tem conhecimento, é porque não quer. Porque acesso eles todos tem acesso à tudo que está ai, só que eles não querem, eles acham que é difícil sair de sala de aula de quatro paredes com as crianças, acham que não é importante, acham que só o conhecimento de livro é suficiente, só que não é. A criança aprende muito mais fora de sala de aula dentro de quadro, giz, livro lá fora. Eles pintam? Pintam. É difícil? É. Mas não é impossível você trabalhar com eles, é isso que tem que enxergar.

Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não formal?

Aluna: Pode ser um debate em círculo pra ouvir a opinião de cada um, pode ser inscrita, onde eles expressam o que ele sentiu, pode ser também, professor passa uma prova também sobre os assuntos discutidos lá e dentro do debate. Leitura, teatro, por exemplo, desenhos, se for criança pequena desenhos que vai retratar tudo em desenhos e na recontagem do que ele entendeu. Se for criança de 5 a 6 anos, criança que não sabe ler.

Professor: Faça um comentário a respeito das práticas de excursões utilizadas por muitos educadores com intuito de aprimorar o processo de ensino à aprendizagem.

Aluna: Eu acho que são poucos, são poucos os professores que realmente levam pra conhecer, aqui a gente teve a sua que foi essa visita, a gente teve o professor João com a língua portuguesa, só, eu não tive outros passeios com outros professores, foram só esses por isso a importância de se levar o aluno pra conhecer outros lugares, não ficar só preso porque as vezes o professor vai ser a única oportunidade que ele vai ter de viajar de conhecer um passeio histórico, a floresta lá, a mata igual a gente teve, o museu da língua portuguesa, se não fosse essa experiência, eu nunca ia ter e muitos alunos não terão se eu às vezes não colocar em prática isso, não colocar uma excursão, um passeio, uma pesquisa de campo, fora de sala de aula, porque muitas pessoas carentes não tem essa condição.

Professor: E você acha que faltou muito no seu processo de ensino e aprendizagem?

Aluna: Ahh faltou porque é muito importante, você aprende muito mais na prática, na vivência ali que você vê, você sente aquilo, do que só teoria, porque teoria você não aprende nada, passa por passar, você está ali em busca da nota, você conseguiu a nota acabou. Você não carrega nada, não trás nada pra si.

Professor: O quê que é o nada pra você?

Aluna: O nada você ficou ali perdendo seu tempo, assistindo um professor falar, entrou num ouvido e saiu no outro, você não fixou nada na cabeça.

Professor: E qual que é a visão que você tem desses lugares?

Aluna: Perfeito. Queria voltar de novo.

Professor: Como você se sentiu ao participar de uma visita ao ambiente de educação não formal?

Aluna: No caso da relação ao meio ambiente, me senti pequena, minúsculo, porque vê que está estragando o meio ambiente e eu não poder fazer nada ali é ruim. Você vê de um lado está preservando e de outro desmatando, outros está queimando madeira, não sabe se é da floresta, se não é, uns querendo preservar outros não. Você se sente meio impotente naquela situação. No caso da língua portuguesa, foi uma viagem muito boa e vi o tanto que a língua portuguesa é importante e o tanto que é difícil também, a área descrita, quanto mais você estuda mais difícil vai ficando.

Professor: E como cidadã o quê que você poderia fazer para amenizar então esse sofrimento na natureza?

Aluna: Levar os alunos pra conhecer, porque se eu deixar uma pontinha, se eu conseguir plantar uma sementinha em cada um, cada sala são 25-26 alunos, olha o tanto de semente pode me ajudar a germinar! É cuidar da água, do meio ambiente, preservar os animais, a não desmatar, com essa noção, eu já estou feliz, estou satisfeita, precisa de mais nada não. Porque eles que são o nosso futuro e um futuro presente né porque ele está dentro de sala de aula, então um pouquinho que você mexer nele já está bom.

Professor: Muito obrigado pela sua entrevista. Você viu que é uma coisa tranquila e eu gravei essa sua participação.

Aluna: É só uma pena que acabou o passeio, podia ter outro né?

Professor: Nós vamos ter se Deus quiser, tá?

Aluna: Obrigada.

ANEXO J - TEXTO DA ENTREVISTA COM O ALUNO E-08

9. ALUNO E-08
<p>7:00''</p> <p>Professor: Primeiro boa noite, queria te agradecer por você estar dedicando esse tempo pra minha pesquisa e eu vou começar a fazendo as perguntas com você então. A primeira pergunta é: Depois das visitas à reserva particular de patrimônio natural Canoa, Vale dos Ipês, quais as principais dificuldades que você considera que o professor pode encontrar na execução desse tipo de atividade?</p> <p>Aluna: A dificuldade que pra mim ficou mais clara foi de estar levando os alunos mesmo. Tanto por parte da escola como dos pais de estar liberando os alunos pra estar indo no espaço que a gente foi. Que a responsabilidade é muito grande e muitos professores não vão querer isso, vão querer uma coisa mais simples da sala de aula.</p> <p>Professor: E porque que você acha que os professores não vão querer isso?</p> <p>Aluna: Comodismo. É mais fácil você abrir o livro, colocar um vídeo do que você estar levando os alunos pra um espaço que tem imprevisto, que eles podem machucar, um carro pode estragar, pode demorar pra chegar e o comodismo deixa mais quieto dentro da sala de aula, é mais simples, entra, bateu o sinal eles vão embora.</p> <p>Professor: Como futuro profissional da educação, você utilizaria esses ambientes de educação não formal nas suas práticas de ensino? Porque?</p> <p>Aluna: Sim, porque é enriquecedor. Eu acho que aprendi muito mais sobre a paisagem, da gente estar fazendo a visita do as minhas aulas de Geografia em sala. Eu consegui entender melhor, diferenciar os tipos de mata.</p> <p>Professor: Quais recursos encontrados nesses ambientes de educação não formal você como futuro profissional da educação, pode transformar em temáticas nas suas práticas de ensino? Qual recurso que você viu lá, que você pode utilizar pra ensinar os alunos, utilizar como recurso pedagógico?</p> <p>Aluna: Eu não sei entraria, mas a atividade que ela fez de pegar as folhas, a gente vê a fase de maturação, de você delimitar o espaço, aquilo ali eu achei muito interessante de estar explicando, sobre a diversidade tanto do solo como do espaço que a gente está. Isso é atividade simples de fazer, um barbante você está num espaço, você delimita um quadrado e você consegue explicar muito pro aluno sobre aquele ambiente.</p> <p>Professor: Que tipo de avaliação pode ser feita após a visita para analisar o aprendizado dos alunos que participam de atividades em ambientes de educação não formal?</p> <p>Aluna: Eu acho que pode ser feito como foi feito com a gente no ambiente mesmo, uma conversa mesmo informal e ao voltar pra sala uma redação eu acho que seria uma atividade legal do aluno estar fazendo porque ele vai colocar com as suas palavras o que ele sentiu de estar fazendo essa visita.</p> <p>Professor: Qual é o seu ponto de vista em relação aos professores que se dispõem a realizar esse tipo de atividade?</p> <p>Aluna: São inovadores e corajosos.</p> <p>Professor: Por quê?</p>

Aluna: Porque como eu disse antes, você tem que ter coragem pra estar levando o aluno pra um ambiente novo porque muitos não conhecem, a gente mesmo não conhece e estava tão perto da gente e corajosos porque vai ser uma dinâmica muito interessante de estar abordando a matéria pra eles.

Professor: Você considera que os professores estão preparados para desenvolver ou promover atividades que vão além dos muros da escola?

Aluna: Os novos sim. Acho que os professores mais antigos de casa tem um receio de mudar. Mas a gente que está entrando agora, acho que vai conseguir entrar com uma carga nova, com novas ideias e vai tentar mudar o conceito da escola de estar transmitindo conhecimento. Mas para isso tem que ter apoio da direção.

Professor: Porque que você acha que os antigos não tem essa visão ainda?

Aluna: Porque não querem mudar, estão acostumados, muitos estão quase aposentando, aí vão querer modificar agora. Eu vejo isso com algumas pessoas que você já está acostumado com aquele estilo de trabalho, aí de repente chega um novato na escola, mesmo que eles vão querer boicotar aquilo pra não trazer muito trabalho pra eles.

Professor: Faça um comentário a respeito das práticas de excursões utilizadas por muitos educadores com intuito de aprimorar o processo de ensino à aprendizagem.

Aluna: De estar levando pra ambientes novos? Eu acho que tem que continuar, que é uma forma que eu particularmente eu gosto, eu aprendo melhor, estando no ambiente, estando vivenciando e eu acho que é uma prática que tinha que ser mais divulgada nas escolas, tinha que ter mais apoio por parte das escolas tanto dos pais dos alunos.

Professor: Como você se sentiu ao participar de uma visita ao ambiente de educação não formal?

Aluna: Eu fiquei fascinada, eu me senti um aluno de colegial. As perguntas, o ambiente mesmo, que pra mim era tudo novidade. Estar conhecendo, eu fiquei fascinada mesmo.

Professor: Suas atitudes mudaram? Qual? Dê um exemplo?

Aluna: Sim, é meio bobo, mas quando eu viajo eu fico analisando tipo de vegetação na estrada e comento pro pessoal e fico comentando. Uma coisa que eu adquiri na viagem.

Professor: Depois da viagem como você conceitua meio ambiente?

Aluna: Não é só natureza, o meio que cerca a gente e a gente tinha que tratar com mais respeito.

Professor: E como tratar com mais respeito?

Aluna: Valorizando não somente as políticas que o governo coloca pra gente, mas a gente mudando o nosso comportamento, uma coisa mais simples, a gente pode estar valorizando e cuidando melhor.

Professor: Qual o papel da educação ambiental então dentro desse processo?

Aluna: Educação ambiental veio pra mudar isso, mudar o conceito. Meio ambiente não é somente preservar a floresta amazônica, o meio que cerca a gente também é importante, a gente tem que valorizar. E eu acho que se a educação ambiental vier e for tratada de forma com visitas, com passeios às reservas, vai mudar o conceito do aluno, que ele vai preservar o que ele tanto a floresta amazônica, a mata atlântica e também o que ele tem por perto que o cerca ele no todo.

Professor: Obrigado pela sua participação.

ANEXO K - TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-10**10. ALUNO E-10 – DIÁRIO DE CAMPO**

A RPPN proporciona um espaço rico de integração, da natureza com o homem, pois este contato nos faz ter outra visão.

A minha visão pessoal foi de fascínio ao ver um pouco da mata Atlântica onde a transição é perceptível na mudança do clima com Árvores Altas e folhas largas, predominando clima mais úmido em relação ao cerrado, clima predominante na minha região.

Algo que chamou a atenção foi a presença de serralheria onde o ruído provocado é percebido ao longe, a agropecuária é algo presente mesmo sendo dentro de uma unidade conservação ambiental.

Como educador é um espaço muito rico para se trazer nossos alunos para mostrar na prática sobre a diversidade de espaços e vegetação; e esta riqueza que fascina e está tão perto de nós e poucas pessoas sabem dar o valor para tudo que temos.

ANEXO L – TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-08**11. ALUNO E-08 – DIÁRIO DE CAMPO**

Diante da oportunidade de conhecer a reserva, vale salientar a importância da conservação da mesma. E a necessidade de conscientizar as pessoas ao nosso redor.

Ao entrar na mata pude notar a diferença no cheiro, cheiro adocicado e amadeirado de flores e frutos que não conheço. Uma sensação de paz e tranquilidade. O aveludado das folhas e as diferentes flores cada uma com a sua beleza individual.

A diferença do clima quando entramos na mata. Perto da água é mais úmido e com mais fungos.

ANEXO M - TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-13**12. ALUNO E-13 – DIÁRIO DE CAMPO**

Aproveitando a oportunidade de viver um domingo diferente, "No Campo", pude ver como é importante a Consciência ambiental de cada ser humano. Observando um local de Natureza rica, pude tirar a experiência prática de que para se ter qualidade de vida é preciso preservar a natureza. O dinheiro não nos proporciona um ar puro para respirar, uma água pura para beber, mas a natureza sim! precisamos valorizar as riquezas que Deus nos deu e não as riquezas do mundo Capitalista.

ANEXO N - TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-04**13. ALUNO E-04 – DIÁRIO DE CAMPO**

Maravilhosa, esta excursão à reserva ambiental é uma confirmação de que o nosso trabalho como educador consciente da necessidade de preservar o meio. Pois tudo está acabando e se não cuidarmos e passarmos a importar com o futuro breve, agora no presente, não teremos este mundo espetacular que Deus nos deu para morar e reproduzirmos.

Ao pensar que ao nosso redor existente tão pouco dos habitats naturais. Nós seres humanos devemos sim apoiar, participar e incentivar a preservação do meio com respeito e harmonia. Para conciliar o desenvolvimento ou a sustentabilidade de uma sociedade sem a destruição do mesmo.

Por tudo isso é que temos de trabalhar dentro de sala de aula este assunto e tendo a oportunidade de colocar em prática a teoria de livros e pensadores ao depararmos com um lugar lindo, encantador, deslumbrador como essa RPPN, onde deixa nossos olhos e corações cheios de lágrimas; com a esperança de um mundo melhor.

ANEXO O – TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-11**14. ALUNO E-11 – DIÁRIO DE CAMPO**

Confesso que minha primeira visão a respeito do passeio na mata foi empolgante, pois era a oportunidade de voltar as minhas raízes. Fiquei imaginando que não havia nada de novidade uma vez que eu morava na zona rural e achava que conhecia quase tudo.

Para minha surpresa, revivi cheiros, visões que a muito tempo estavam guardados em minha memória.

So chegar na mata, percorremos diversos caminhos muitas visões, caminhar por trilhos, pular cercas, sentir o cheiro de diversos perfumes da natureza, ouvir o barulho das folhas, dos galhos, o som do vento, o barulho da água.

So subir na pedra, foi enorme minha emoção sentir que podia voar, abri meus braços, deitei e fiquei olhando o belo céu. Fiquei encantada ao saber que em um pequeno espaço posso encontrar árvores, folhas, flores, bichos, terra molhada e seca. Como foi bom abraçar uma árvore, os monitores extremamente competentes e encantados pelo trabalho de guardiões da natureza, fez com que meu olhar transformasse ao observar qualquer parte da natureza.

Senti falta só dos pássaros nada mais.

ANEXO P - TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-05**15. ALUNO E-05 – DIÁRIO DE CAMPO**

Primeiramente quero agradecer pelo passeio que nos proporcionou. Eu e minha família curtimos muito, foi engrandecedor, um passeio diferente, onde nunca vamos nos esquecer.

Segue então minhas percepções:

A oportunidade de fazer parte desta pesquisa "O potencial didático de uma unidade de conservação: uma visão de professores no contexto de formação inicial", é motivo de alegria, satisfação e conhecimento.

Quero ressaltar como essa pesquisa vem ao encontro da realidade onde, o professor pode ser agente conscientizador e chamar a participação para promover uma educação que gere cidadãos cuidadosos, responsáveis e comprometidos, capazes de contribuir para uma consciência ecológica, através dos valores, atitudes e comportamentos.

A aula de campo vivenciada foi motivo de reflexão de como é fundamental gerar experiências significativas para ocorrer o aprendizado com prazer e assim internalizar no aluno o conhecimento. O professor tem nas mãos vários recursos que nem requer custo, um campo para explorar os sentidos, a imaginação, a conscientização de quem somos no mundo.

O professor que usa da criatividade realiza realmente a troca, pois percebi que ali não só aprendemos com que a Cida explicou, mas sentindo na pele como é importante a preservação do ambiente e que fazemos parte e não podemos ficar fora dessa caminhada em defesa do que é fundamental para todos nós.

Minha experiência foi especial, estar em um lugar de tamanha beleza com minha família, meus colegas e professor foi enriquecedor e gratificante. Desejo à você todo sucesso e parabênzo você e o pessoal da ONG por serem pessoas que fazem a diferença neste mundo.

ANEXO Q - TEXTO DO DIÁRIO DE CAMPO DO ALUNO E-12**16. ALUNO E-12 – DIÁRIO DE CAMPO**

Tudo dentro da RPPN é encantador.

Consegui ver aqui na mata muitas espécies de plantas nativas que exalam cheiros maravilhosos, como as nascentes são as mais prejudicadas com a degradação da natureza.

E só sentindo na pele para entender a importância da preservação ambiental; não só para nós seres humanos mas também para a vida de outras espécies que dependem desse bem tão precioso.